

Luciana Atallah Mehero

**A dinâmica da relação feminino-masculino
na trajetória de Sherazade na obra das Mil e
Uma Noites**

PUC-SP COGEAE

São Paulo

2015

Luciana Atallah Mehero

**A dinâmica da relação feminino-masculino na trajetória de Sherazade
na obra das Mil e Uma Noites**

Trabalho de Conclusão da Especialização na
Abordagem Junguiana: Leitura de Realidade e
Metodologia de Trabalho, sob a orientação da Prof.
Dra. Silvana Parisi.

PUC-SP COGEAE

São Paulo

2015

“Que o medo não seja nunca maior do que o amor.”

Agradecimentos

Ao meu noivo Leonardo de Campos, que nos últimos meses dividiu minha atenção com leituras intermináveis. Obrigada pela paciência e pelo companheirismo. Obrigada por compartilhar comigo o desejo de nos desenvolvermos e evoluirmos cada vez mais como casal e como pessoas.

Ao meu pai Emir, por ser quem ele é.

À minha mãe Marie Claud, por ser quem ela é.

À minha irmã Christiane e sua filha Giovanna que nasceu na mesma época deste trabalho. Obrigada pela inspiração!

À minha avó Ivette, por ter vindo ao Brasil e lidado com todas as dificuldades de formação corajosa.

À Solange e Carlos Eduardo que me acolheram tão bem em sua família!

Aos meus avós Husni, Amina, Carmo e a todos meus ancestrais que apesar de não tê-los conhecido os carregou em meu coração.

À minha psicóloga Edna, por me acompanhar em minha jornada.

À minha supervisora Silvana, por sua sensibilidade e conhecimento em relação ao feminino.

Às minhas grandes amigas Camila Masri e Katia Valentim que são mulheres incríveis e sempre escutam seus corações.

Aos meus queridos colegas Carla Albano, Carol Giacomini, Carol Moreira e Henrique Souza que nos últimos dois anos e meio tornaram as minhas quartas-feiras tão especiais.

Às professoras Eloisa Penna e Heloisa Galan que a partir de suas aulas acentuaram minha paixão pela psicologia junguiana.

Resumo

A obra das *Mil e Uma Noites* representa um conjunto de contos populares, histórias e fábulas acumuladas do século IX ao XVIII. A obra foi elaborada por centenas de indivíduos, traduzida em dezenas de idiomas, sendo conhecida mundialmente. Os contos ressoam por séculos devido à sua temática universal, sendo uma expressão dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. Este trabalho analisou, por meio do processamento simbólico, a dinâmica da relação feminino-masculino na trajetória de Sherazade e a representação de sua imagem arquetípica na atualidade. O contexto inicial da obra é completamente masculino indicando a unilateralização da consciência coletiva. Ao longo da história o feminino aparece sendo associado à imprevisibilidade, perversidade e deslealdade. Assustado com o poder do feminino e com a impossibilidade de contê-lo, o rei Shariar decide eliminá-lo se casando todas as noites com uma mulher e matando-a ao amanhecer. A partir do momento em que Shariar é dominado pela indiscriminação e inconsciência ele pode ser visto como a manifestação do animus negativo de Sherazade. Sherazade heroicamente e sedutoramente, demonstrando uma mistura de Atena com Afrodite, reestabelece o funcionamento sadio do reino. A obra das Mil e Uma Noites trata de uma história de redenção mútua em que a partir do relacionamento com Sherazade o rei é transformado e ela se transforma. Deste modo, o contexto inicial da história, completamente masculino, é compensado. No final Duniyazade, irmã de Sherazade, se casa com Shazanan, irmão de Shariar, formando um quaternio e simbolizando a completude: os quatro passam a viver inseparáveis.

Palavras-chave: Sherazade; conto; feminino; psicologia analítica; anima e animus.

Sumário

1. Introdução	1
2. Sobre príncipes e princesas	4
2.1 Os contos e a psicologia analítica	4
2.2 A transformação dos papéis de príncipes e princesas	8
3. Os princípios masculino e feminino	14
3.1 Anima e Animus	14
4. A evolução da consciência coletiva e individual	20
5. A ferida pai-filha	28
5.1 A importância dos aspectos femininos	31
5.2 As deusas gregas	36
6. <i>As Mil e Uma Noites</i> e a cultura árabe	39
6.1 Imagens da Mulher Árabe	42
7. Objetivo	46
8. Método	47
9. Resumo da obra <i>Mil e Uma Noites</i>	51
10. Análise	52
11. Discussão	74
12. Conclusão	78
13. Referências Bibliográficas	80
Anexo 1	83

1. Introdução

Sempre achei o mundo dos contos fascinante. Ao ouvir uma história são despertadas as mais diversas sensações e sentimentos, naturalmente surge empatia com alguns personagens e aversão a outros, a imaginação é estimulada de tal forma que as palavras escutadas ganham vida e forma.

A obra das Mil e Uma Noites é uma compilação de diversos contos populares e histórias que foram escritas, em árabe, a partir do século IX de autoria anônima. A obra foi traduzida para várias línguas e é conhecida em muitos países. Os contos ressoam de tal maneira que apesar de terem sido escritos há séculos ainda estão muito presentes: está em cartaz na Broadway, em Nova York, o musical Aladim; está no ar na Rede Band a novela Mil e uma Noites que faz apologia à obra e as aventuras de Simbad podem ser encontradas em diversos livros e filmes.

O que mais me chamou a atenção quando li a obra das Mil e uma Noites foi a personagem Sherazade. Para lidar com o rei zangado e obstinado a matar todas as mulheres do reino, Sherazade não usa uma espada e tampouco permanece calada. A luta de Sherazade se dá pelo sacrifício, pela estratégia e pela sedução. É uma heroína que seduz o rei com suas palavras e assim ele se transforma, e ela também é transformada.

As palavras são poderosas: podem ferir, podem curar, podem não ter efeito nenhum sobre quem as escuta, mas também podem tocar a alma. Palavras que parecem tão efêmeras e passageiras podem ficar registradas nos ossos, na pele, no âmago do ser. Como psicoterapeuta, observo diariamente pessoas com machucados antigos causados por palavras, machucados tão profundos que com o passar do tempo não cicatrizaram, infeccionaram. Observo também como o falar do paciente pode ser transformador, o modo como ele, muitas vezes, se liberta de correntes quando nomeia o que está sentindo ou ressignifica algo que lhe ocorreu. Palavras parecem tão frágeis mas potencialmente são capazes de mudar o mundo.

A escritora libanesa Joumana Haddad descreve em seu livro *“Eu matei Sherazade”* (2011) como as palavras mudaram sua vida. Suas leituras na infância e adolescência foram essenciais para que ela conseguisse suportar o barulho de bombas que ouvia em sua casa. A leitura não só para Joumana, mas para muitas pessoas, traz a esperança e um novo sentido já que nos livros são apresentadas novas possibilidades e diferentes mundos.

Como o nome de seu livro dá a entender, Joumana critica a postura de Sherazade, pois a personagem negocia seu direito básico de permanecer viva ao contar histórias ao rei. Segundo a escritora, hoje ainda existem mulheres que como Sherazade continuam negociando seus direitos não só no mundo árabe, mas em todo mundo.

A personagem Sherazade ora é alvo de críticas ora é saudada como uma mulher extremamente astuta, inteligente e criativa. Ela pode ser considerada um símbolo já que desperta fascínio e polêmica, estando presente há séculos na cultura. Segundo Edinger (1972), os símbolos são portadores de energia psíquica, são representações que indicam algo essencialmente desconhecido. O símbolo é “uma entidade viva e orgânica que age como um mecanismo de liberação e transformação de energia psíquica” (pg. 158).

Ao ler a obra Mil e Uma Noites outro aspecto que me chamou a atenção foi a relação entre os personagens homens e as personagens mulheres, antes que o rei se enraivecesse e decidisse matar as mulheres. O que eu não sabia, e pelo que converso com as pessoas percebo que muitas delas também não sabem, é que na obra inicialmente as mulheres são vistas como perversas, desleais e poderosas, o que deixa o rei assustado e com o ímpeto de exterminar o mal pela raiz, sendo o mal projetado nas mulheres.

Para a psicologia analítica, o desenvolvimento do ego, centro da consciência do indivíduo, possui algumas etapas. Inicialmente o germe de ego do bebê está mergulhado no inconsciente da mãe, ela representa o paraíso, o bebê não precisa fazer esforço para viver: é-lhe provido alimento, proteção e cuidado. No momento em que a consciência começa a se discriminar e a se reconhecer como um ego individual surgem sentimentos que contrastam ao contentamento inicial. O ego heróico deve então se libertar do domínio matriarcal. Nesta fase a mãe, o ventre, o abismo e o inferno são idênticos (NEUMANN, 1995).

O medo do feminino não é só encontrado nas Mil e Uma Noites, mas se repete em outras histórias, sendo segundo Neumann (2011) um dos motivos da subjugação e desvalorização das mulheres e do feminino.

Nas últimas décadas do século XX a mulher ganhou maior espaço: sua entrada no mercado de trabalho, pílulas anticoncepcionais e maior liberdade sexual acarretaram profundas mudanças nos relacionamentos conjugais e familiares. Hoje, a mulher e o homem se encontram diante de um novo panorama em que há maior liberdade de

escolha para ambos os gêneros, porém há uma crescente queixa de falta de sentido, medo, depressão e falta de criatividade.

Segundo Whitmont (1969), “até as mais intensas experiências podem parecer insignificantes ao homem pensante” (p.17). Como contraponto da tendência mística e introvertida da Idade Média, o desenvolvimento da sociedade ocidental priorizou em excesso o pensamento abstrato e racional. Os aspectos intuitivos e emocionais do homem foram negligenciados e banalizados. Nossa sociedade é voltada para a lógica, mas, “ao lidar com nossos problemas mais fundamentais, a lógica racional é incapaz de nos oferecer respostas adequadas à compreensão da vida e sua vivência” (p.17).

Assim como cada corpo possui hormônios masculinos e femininos, para a psicologia analítica o ser humano possui em si energias masculinas e femininas. No taoísmo, tais energias são denominadas respectivamente *Yang* e *Yin*. A energia *Yang* (masculina) está relacionada ao racional, lógico, objetivo, concreto, iluminado, fogo e ativo, enquanto *Yin* (feminino) se caracteriza por uma energia emocional, sentimentos, intuição, escuro, permanência (SANFORD, 1997).

Este trabalho busca entender a dinâmica da relação masculino-feminino na história de Sherazade na obra das Mil e Uma Noites. Segundo Von Franz (1990), as imagens arquetípicas presentes nos contos fornecem-nos as melhores pistas sobre a compreensão do que se passa no inconsciente coletivo. Sherazade é uma heroína atípica e polêmica, podendo ser considerada um símbolo, por isso torna-se relevante a compreensão simbólica e análise dos aspectos masculinos e femininos na obra. Bem como uma reflexão sobre o tipo de feminino que Sherazade representa nos dias de hoje.

2. Sobre príncipes e princesas

As frases “Era uma vez...” e/ou “Em um reino muito distante...” soam familiares a quase todos os indivíduos do planeta. Desde sua origem até por volta do século XVII, os contos de fadas se destinavam muito mais à população adulta do que às crianças. Com a unilateralização da razão e subjugação do irracional eles se tornaram estórias para não serem levados a sério, tendo serventia somente como distração para crianças (VON FRANZ, 2000).

O sobrenome *Disney* é outra palavra mundialmente conhecida. *Walter Elias Disney* (1901- 1966) transformou contos de fadas em animações, deu vida às palavras por meio de imagens e em 1955 presenteou as palavras com corpos humanos. A Disneylândia é um lugar em que princesas com vestidos brilhantes esvoaçantes, príncipes encantados, animais que falam e todos os tipos de seres encantados andam pelas ruas e vivem em harmonia. *Walt Disney*, como *Walter* era conhecido, levou os contos de fada a sério e criou um mundo para eles. Mundo que hoje continua encantando e fascinando pessoas de todas as idades.

2.1 Os contos e a psicologia analítica

Mas por que os contos de fadas têm tamanha ressonância? Segundo Von Franz (1990, p.9), “contos de fada são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo.” O termo processos psíquicos se refere ao modo de a psique funcionar. O psiquiatra e fundador da psicologia analítica Carl Gustav Jung (1875 – 1961) propôs a estruturação da psique em três níveis: a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. O centro da consciência é o ego, que é desenvolvido durante a vida do indivíduo, desde o seu nascimento (inicialmente mergulhado na inconsciência) até a sua morte. O ego organiza a consciência por meio de suas percepções: pensamentos, recordações, sentimentos e intuições. Uma de suas funções é vigiar e filtrar as experiências diárias, eliminando determinadas situações que não estão de acordo com os princípios, valores e ideais do indivíduo.

Já o inconsciente pessoal é formado por tudo aquilo que não foi aceito pelo ego e também conteúdos que não amadureceram para a consciência, potenciais a serem

descobertos. Todas as experiências reprimidas, lembranças perdidas, evocações dolorosas se unem em unidades denominadas complexos. Os complexos são emaranhados de conteúdo psíquico com intensa carga emocional, pequenas estruturas autônomas de personalidade que quando são ativadas o indivíduo “parece uma outra pessoa”. Os conteúdos do inconsciente pessoal podem ser percebidos nos sonhos, são a *sombra* do indivíduo (JUNG, O.C., VII/I).

Um conceito que foi determinante para a diferenciação da psicanálise da psicologia analítica é o inconsciente coletivo. Quando trabalhava no hospital psiquiátrico Burgholzli, em Zurique na Suíça, Jung percebeu que os delírios de um de seus pacientes coincidiam com um registro, em um papiro de Paris, que descrevia um rito antigo de Mitra, o Deus persa da luz. Assim como no inconsciente pessoal os conteúdos psíquicos são aglomerados em complexos, no inconsciente coletivo existem os arquétipos. Estes últimos são possibilidades e potências humanas armazenadas por toda história da humanidade. O inconsciente coletivo é o depósito de imagens primordiais.

Tornou-se necessária a explicação, acima, das estruturas psíquicas básicas conceituadas por Jung para compreender o caráter psicológico dos contos de fadas. Segundo Von Franz (1990, p. 9), estes últimos “representam os arquétipos na sua forma mais simples, plena e concisa” (VON FRANZ, 1990).

Os contos de fadas apresentam possibilidades diferentes de vivências. Apesar de Von Franz (1990) trabalhar principalmente com contos de fadas, a autora enfatiza que as estruturas básicas da psique humana também podem ser encontradas em mitos, lendas, ou qualquer tipo de material mitológico mais elaborado. Os mitos relatam sobre deuses e heróis de uma cultura, as fábulas podem ensinar disfarçadamente uma lição, os contos de fadas incitam a imaginação com contos mágicos ocorridos em épocas e lugares distantes. Ela relata que sua preferência pelos contos de fada se dá por serem um material menos específico, oferecendo uma imagem mais clara das estruturas psíquicas. O mesmo conto pode ser achado em diversas épocas, em diversos lugares, com pouquíssimas alterações.

Os contos podem abordar diversos temas. Segundo Von Franz (1990, p. 10), todos os contos tentam descrever apenas um fato psíquico, mas por este ser tão complexo:

“distante e difícil de se representar em seus diferentes aspectos, que centenas de contos e milhares de versões, são necessárias até que o tema penetre na consciência, sem que isso consiga exaurir o tema. Este fato desconhecido é o que Jung chama de SELF, que é a totalidade psíquica de um indivíduo e também, paradoxalmente, o centro regulador do inconsciente coletivo. Cada indivíduo e cada nação têm suas próprias formas de experienciar esta realidade psíquica”.

Segundo Jung (O.C., VII/I), o ego está subordinado ao Self assim como qualquer parte esta para o todo. O ego possui livre arbítrio embora apenas dentro do campo da consciência. O Self é o princípio ordenador e unificador da totalidade da psique consciente e inconsciente. Atua como instância reguladora e fonte criativa da vida psíquica. Com o intuito de alcançar a auto-realização, é necessário que o ego passe por um processo de transformações internas que requerem seu sacrifício para que ele reconheça sua posição subordinada e esteja preparado para servir à totalidade.

A individuação é um processo mas também pode ser entendida como um impulso de desenvolvimento da alma individual. Em tal processo, aspectos conscientes e inconscientes da personalidade são integrados. “O impulso para a individuação nos impele a contatar com uma centelha íntima de divindade: o “Self” (Si-Mesmo)” (GUGGENBUHL- CRAIG, 1977, p. 37).

Os contos trazem a tona diferentes quadros da experiência do Self, alguns lidam com experiência da *sombra*, outros enfatizam a experiência da *anima* e do *animus* e em outros o tema central é o tesouro inacessível (VON FRANZ, 1990). Como visto anteriormente neste capítulo, a *sombra* representa o inconsciente pessoal:

“A sombra constitui um problema de ordem moral que desafia a personalidade do eu como um todo, pois ninguém é capaz de tomar consciência desta realidade sem despender energias morais. Mas nesta tomada de consciência da sombra trata-se de reconhecer os aspectos obscuros da personalidade, tais como existem na realidade.” (JUNG, O.C. IX/2, §14)

Trabalhar com a sombra é indispensável para o autoconhecimento, porém muitas vezes o indivíduo possui grande resistência. A sombra pode ser integrada na personalidade, com a cooperação e compreensão do ego, porém certos aspectos opõem obstinada resistência escapando de qualquer influência. Segundo Jung (JUNG, O.C. IX/2, §16):

“De modo geral, as resistências ligam-se a projeções que não podem ser reconhecidas como tais e cujo conhecimento implica um esforço moral que ultrapassa os limites habituais do indivíduo.”

Quando determinado conteúdo é projetado, ele é observado em outro indivíduo desencadeando determinado sentimento no indivíduo que projetou. É necessário recolher as projeções para integração da sombra. A bruxa está frequentemente associada às projeções da sombra.

Como citado acima, outro quadro do Self que é tema recorrente dos contos é a *anima* e o *animus*. As histórias de encontros de príncipes e princesas geralmente dizem respeito a tais instâncias psíquicas. Assim como a sombra é projetada, a anima e o animus também podem ser conhecidos por meio de projeções, porém em indivíduos do sexo oposto daquela cujos conteúdos se projetam. Segundo Jung (JUNG, O.C. IX/2, §26):

“Como, porém a anima é um arquétipo que se manifesta no homem, é de supor-se que na mulher há um correlato, porque do mesmo modo que o homem é compensado pelo feminino, assim também a mulher o é pelo masculino.”

Anima e *animus* são termos que simbolizam a natureza contra-sexual de cada indivíduo. São imagens psíquicas provenientes do inconsciente coletivo. No capítulo “*Os princípios Masculino e Feminino*” tais conceitos serão explicados de forma mais detalhada.

2.2 A transformação dos papéis de príncipes e princesas

Ao longo das últimas décadas os papéis sociais da mulher e do homem sofreram profundas alterações. Conseqüentemente, os filmes, livros de romance e animações da *Walt Disney*, dos últimos anos, trouxeram novas possibilidades de vivência e papéis para homens e mulheres, príncipes e princesas. Para compreender as novas imagens arquetípicas dos personagens é preciso refletir sobre as mudanças nas relações amorosas e de gênero.

O casamento é um antigo rito de passagem remanescente na contemporaneidade. Não há um consenso quanto à sua origem. Não se sabe se suas raízes derivam de um impulso sexual, de reprodução da espécie, ou se estão ligadas à origem da propriedade. Alguns antropólogos consideram que primeiramente os humanos viviam em hordas e homens e mulheres tinham contato sexual entre si livremente. O papel do homem e das relações sexuais não era associado à reprodução e as crianças eram criadas pelo grupo como um todo. O casamento e a família são entendidos como desenvolvimentos secundários (GUGGENBUHL- CRAIG, 1977).

Outros eruditos acreditam que para o ser humano o casamento e a família são primários e primordiais, visto que muitos mamíferos “têm casamentos” sejam eles monogâmicos ou poligâmicos. É suposto que a estrutura social primária da sociedade seja a imagem de um homem com um grupo de esposas e crianças em volta dele (GUGGENBUHL- CRAIG, 1977).

O casamento e a família foram vividos e formados de diversas formas e compreendidos de diferentes maneiras durante a história da humanidade. A paixão e o amor por muito tempo foram vistos como sentimentos incontrolláveis, destrutivos e ameaçadores para as estruturas da cultura patriarcal. A Guerra de Tróia, entre muitos outros mitos, descreve o amor como sendo realmente perigoso, podendo acabar com toda uma civilização. Os caprichos de Afrodite, as flechas de Eros, o ciúmes de Hera revelavam um mau presságio para o romance.

Segundo Harding (2007), em tempos primitivos uma mulher casada era propriedade de seu marido, frequentemente comprada de seu pai por um preço considerável. Por séculos, os casamentos eram arranjados entre as famílias, de acordo com interesses financeiros, de poder ou status. A mulher não era dona de si mas

propriedade para seu marido. Além do mais, “a paixão e o amor ficavam de fora para serem vividos à margem, clandestinamente” (MORAES 2000, p.11).

No final do século XVIII emergiu na Europa o ideal do amor romântico no casamento, porém misturado com os valores cristãos. Deste modo, a mulher era valorizada pela questão da maternidade desvinculada da vida sexual. A imagem de esposa e mãe foi fundamental à construção da família burguesa (MORAES 2000, p.11).

O ideal do amor romântico combinado com a maternidade favoreceu a duração das uniões, porém muitos casais mantinham-se juntos apesar da infelicidade. Os relacionamentos mantinham-se indissociáveis pela dependência financeira feminina e influências do cristianismo, pedra angular no desenvolvimento da sociedade ocidental, “O que Deus uniu ninguém separa” (Biblia, Mc. 10).

No final do século XX ocorreram grandes mudanças na sociedade. As pílulas anticoncepcionais, a entrada da mulher do mercado de trabalho e discussões sobre o aborto abriram um leque de possibilidades para as mulheres. Mulheres e homens se viram diante de um campo desconhecido e desde então vêm tentando lidar com os papéis masculinos e femininos que não são mais definidos de forma tão rigorosa quanto anteriormente.

As mudanças trouxeram a possibilidade de a mulher deixar de ser a princesa encantada que espera o príncipe e participar ativamente da escolha do parceiro amoroso e das escolhas como casal. A dissolução do tabu da sexualidade feminina também foi fundamental para a construção de outro tipo de relação sexual entre os casais. Por séculos as mulheres eram divididas entre “virtuosas” e “perdidas”, as últimas vivenciavam a sexualidade de um modo parecido com os homens, porém existiam à margem da sociedade respeitável. A mulher virtuosa era aquela que resistia à tentação sexual. O adultério por parte da esposa era visto como uma “violação imperdoável da lei da propriedade e da idéia da descendência hereditária, sendo tomadas medidas altamente punitivas. Já no caso dos homens o adultério era visto como uma fraqueza lamentável mas compreensível (GIDDENS, 1993).

Atualmente na cultura Ocidental há uma crescente igualdade sexual, as polaridades anteriormente vividas pelas mulheres como esposa casta e submissa ou prostituta fomentaram uma nova possibilidade: a da mulher ativa, dona de suas

escolhas, desejos, fantasia e corpo. Ambos os sexos são levados a realizarem mudanças fundamentais em seus pontos de vista e em seu comportamento, em relação um ao outro (GIDDENS, 1993).

A conquista das mulheres de uma igualdade maior em relação aos homens nas esferas econômica, social e sexual possibilitou o distanciamento dos determinantes externos e possibilidade de escolhas mais subjetivas. No meio de todas as transformações os homens encontraram (e ainda encontram) grandes dificuldades para se adaptarem. Moraes (2000, p.16) explica com maestria a conjuntura atual do casamento na cultura ocidental:

“O amor romântico, expurgado dos ideais cristãos, mostra uma fase mais sexualizada, passional, e como tal, sujeito a uma imprevisibilidade de duração. O próprio casamento não poderá se sustentar na tradicional divisão de trabalho e nas expectativas rígidas de desempenho de papéis sexuais e nem na oferta exclusiva de continência para a vida sexual. Portanto, as separações e os divórcios aumentaram como um efeito do amor, enquanto relacionamento puro, do que como sua causa.”

Antes do século XX, e mesmo até suas últimas décadas, as mulheres virtuosas só tinham relações sexuais no casamento. O homem provedor era responsável pelo sustento da família. E era papel da mulher cuidar da educação dos filhos e da manutenção da casa. Pelos papéis serem complementares, havia muita dependência entre o homem e a mulher.

Já na sociedade ocidental moderna homens e mulheres chegam ao casamento trazendo uma reserva substancial de conhecimento e experiência sexual, o sexo deixou de ser exclusividade do casamento, a divisão das mulheres virtuosas e perdidas se esvaeceu. Além do mais a divisão de tarefas se diluiu, hoje há homens que cuidam da casa e mulheres que saem para trabalhar, ou situações em que o casal assume simultaneamente ambos papéis.

Bauman (2004) discute o paradoxo entre liberdade e segurança. A segurança do “para sempre” deu lugar para o inseguro “eterno enquanto dure”, porém o primeiro está

relacionado a uma relação de possível aprisionamento e dependência, enquanto o segundo enfatiza a impossibilidade de controle. Para o casal suportar a insegurança do relacionamento deve buscar a segurança unicamente em si-mesmos, o que gera a possibilidade de uma ampliação de consciência e relação de alteridade com o outro.

Como visto anteriormente, o casamento contemporâneo tem seu preço: a insegurança e impossibilidade de prever a duração da relação; mas também traz o potencial para crescimento e transformação individual. A mulher então lança seu olhar para objetivos além do casamento e maternidade, o que promove uma reflexão do que lhe é essencial e a faz se sentir bem. As mudanças nos relacionamentos e na postura da mulher em relação ao amor não são homogêneas e em muitos casos há o choque de gerações, o que pode causar um intenso sofrimento e dificuldades, como mostra a pesquisa de Moraes (2000): novos desejos se misturam com imperativos ultrapassados.

As histórias de amor estão presentes desde os tempos mais remotos da humanidade, sendo que os padrões coletivos dispõem de parâmetros mais claros para orientar o comportamento dos indivíduos.

A história do príncipe encantado e da princesa especial regados “à la *Walt Disney*” por décadas foi modelo prevalente na cultura ocidental. Porém parece que os homens têm se tornado mais conscientes de que a procura sem cessar pela princesa encantada no intuito de salvá-la é uma armadilha. Afinal:

“carregar nos ombros toda a responsabilidade de corresponder à expectativa de que tudo propiciarão às mulheres, desde a segurança financeira e decisões importantes até “fazer” feliz sua parceira é extremamente cansativo.”
(LEONARD, 2000, p.58)

Nos filmes da *Walt Disney* é possível ver uma grande transformação do papel e lugar que as princesas ocupam nas últimas décadas. O filme *Valente* (em inglês “*Brave*”), lançado em 2012, tem como sua protagonista Merida. Filha do Rei Fergus e da Rainha Elinor é uma habilidosa arqueira determinada a trilhar seu próprio caminho. A heroína entra em conflito com sua mãe que segue, e exige que ela siga, os padrões ditados pela sociedade. Merida quer se casar por amor e não aceita o tradicional ritual

para escolher seu futuro marido. Ela representa o aspecto juvenil, indomável e cheio de sonhos que a mãe teve que reprimir. Quando uma bruxa, aspecto da mãe terrível mas também da velha sabia, transforma a rainha em um urso, mãe e filha vivenciam aventuras e passam a se relacionar de uma outra forma. A redenção ocorre com a transformação da rainha, que agora consegue acessar novamente seus instintos femininos e maternos; e com o amadurecimento de Merida que aprende a lidar de uma outra forma com suas responsabilidades.

No filme *Frozen*, lançado no final de 2013, a protagonista é Anna uma princesa destemida que sai em busca de uma jornada épica para encontrar sua irmã e salvar seu reino. Anna é traída pelo seu primeiro amor e Elza é julgada pela sociedade por ser diferente e poderosa. A aceitação entre as irmãs bem como o amor partilhado entre elas não só as salva como também salva a todo reino. Merida, Anna e Elza contrastam com o modelo feminino passivo e submisso da de *A Branca de Neve* ou *Bela Dormecida* em que as princesas esperam seus príncipes em um sono profundo.

O filme *Malévola*, lançado em 2014, também mostra outro tipo de protagonista. Ao invés do foco do filme ser a Bela Dormecida, o filme mostra o ponto de vista da bruxa. Após ser traída por um homem que confiava, Malévola representa um feminino ferido que encontra a redenção por meio do amor, não o amor de um homem e sim na experiência materna. Tanto Malévola quanto Anna se deparam com masculinos negativos, homens que as traem, e a salvação vem da religião pelo amor com um outro feminino, seja em um laço de irmã, amiga, filha ou mãe.

Em sua pesquisa, Moraes (2000) observou que hoje há uma dificuldade em definir um padrão coletivo universalmente válido. Giddens (1993) introduz o conceito do amor confluyente para ilustrar o modelo de amor pós romântico ocidental. O amor romântico depende da identificação projetiva, em tal processo os parceiros potenciais são atraídos e se unem. A projeção cria uma sensação de totalidade, as características do outro são conhecidos em uma espécie de “sentido intuitivo”. Mas, a identificação projetiva é contrária ao desenvolvimento de um relacionamento cuja continuação depende da intimidade.

A abertura de um indivíduo ao outro requer o recolhimento de projeções entre o casal e portanto a identificação projetiva é oposta ao amor confluyente, embora muitas vezes estabeleça um caminho até ele. No amor confluyente a busca de um

“relacionamento especial” é mais valorizada do que a busca por uma “pessoa especial”. Tal amor tem como cerne o prazer sexual recíproco, a igualdade na doação e no recebimento emocional.

“O cultivo de habilidades sexuais, a capacidade de proporcionar e experimentar satisfação sexual, por parte de ambos os sexos, tornam-se organizados reflexivamente via uma multiplicidade de fontes de informação, de aconselhamento e de treinamento sexual.” (GIDDENS, 1993, p.73)

Diferente do amor romântico, o amor confluyente não é necessariamente monogâmico no sentido de exclusividade sexual, bem como não é exclusivamente heterossexual. Os acordos variam de casal para casal desde que ambos estejam de acordo com o combinado. Para compreendermos as relações atuais entre homens e mulheres é importante entendermos sobre o que nos leva a buscar o Outro e como se dá a união de forma interna.

Como visto neste capítulo, para que se estabeleça uma relação de intimidade para com o Outro é necessário que as projeções do indivíduo sejam recolhidas. No próximo capítulo será abordado o mecanismo que forma as projeções e o relacionamento dos aspectos masculinos e femininos em cada indivíduo.

3. Os princípios masculino e feminino

Platão (2012), em seu livro “*O Banquete*”, relata uma festa em que os convidados filosofam sobre amor. Aristófanes faz um belo discurso, que se immortalizou como a teoria da alma gêmea: ele conta que inicialmente os homens eram seres completos, de duas cabeças, quatro pernas, quatro braços, o que permitia a eles um movimento circular muito rápido para se deslocarem. Porém, tomados pela arrogância, decidiram subir aos céus e lutar contra os deuses, com o objetivo de conquistar o céu. Todavia, os deuses venceram a batalha e Zeus resolveu castigá-los por sua rebeldia. Tomou na mão uma espada e cindiu todos os homens, dividindo-os ao meio. Zeus ainda pediu ao deus Apolo que cicatrizasse o ferimento (o umbigo) e virasse a face dos homens para o lado da fenda para que observassem o poder de Zeus.

Assim os seres humanos estariam fadados a procurarem suas metades ao longo de suas vidas com o objetivo de reestabelecerem sua unidade original. O discurso de Aristófanes está relacionado à vivência arquetípica de experimentar energias opostas, masculina e feminina, com o objetivo da formação da totalidade. O encontro externo concreto do homem e da mulher representa internamente um encontro dos princípios masculino e feminino, necessários para o processo de individuação a partir do encontro das polaridades.

Para a psicologia analítica, cada ser humano possui em si energias masculinas e femininas, assim como cada corpo possui hormônios masculinos e femininos. No taoísmo, tais energias são denominadas respectivamente *Yang* e *Yin*. A energia *Yang* (masculina) está relacionada ao racional, lógico, objetivo, concreto, iluminado, fogo e ativo, enquanto *Yin* (feminino) se caracteriza por uma energia emocional, sentimentos, intuição, escuro, permanência (SANFORD, 1997).

3.1 Anima e Animus

Os termos *anima* e *animus* foram introduzidos por Jung para simbolizar a característica contra-sexual de cada indivíduo a partir do princípio da complementariedade. Segundo Jung (JUNG, O.C., VII, §328):

“A anima, sendo feminina, é a figura que compensa a consciência masculina. Na mulher, a figura compensadora é de caráter masculino, e pode ser designada pelo nome de animus.”

Como todo arquétipo o animus tem natureza dual, podendo ser positivo ou negativo. O animus, em seu aspecto positivo, é um guia que leva a mulher até sua alma, traz luz e foco para o que é relevante. Em seu aspecto negativo ele é o mestre e responsável pelas opiniões na mulher, se expressando por meio de julgamentos, generalizações, afirmações críticas que não provém do sentir e do pensar de uma mulher, mas sim de livros, instituições ou autoridades. O animus representa uma lógica masculina inferior, com caráter desagradável e destruidor, e pode se projetar sobre outra pessoa ou dirigir-se a si mesma. Seu caráter crítico e de desvalorização pode roubar da mulher a criatividade (SANFORD, 1987).

O aspecto negativo do animus é denominado por Estés (1994) de predador natural da psique. Ele é um homem sinistro que habita a psique de todas as mulheres, podendo devastar suas vidas quando não transformado.

Quando o animus negativo recai sobre outras pessoas pode gerar irritação destas e conseqüente afastamento. Ele é um vilão para a mulher e seus relacionamentos, sendo fonte de mal-entendidos especialmente quando a anima do homem também está agindo de forma inadequada. (SANFORD, 1987).

As brigas entre o animus e a anima podem ser destruidoras. Para uma mulher deixar de ser possuída pelo animus ela deve estar atenta aos seus sentimentos e tentar perceber o que realmente a está aborrecendo. O animus tem caráter positivo no sentido que pode recolocá-la no caminho para a plenitude. Se ele é rejeitado ou a mulher não consegue captar o que o animus espera dela, o lado obscuro e negativo da imagem aumentará. Mas se a mulher consegue reconhecer e prosseguir na direção que as figuras interiores apontam, ela estará no caminho certo de um novo desenvolvimento (SANFORD, 1987).

A anima também pode ser positiva ou negativa. A anima como positiva representa a imaginação, intuição e sensibilidade do homem. Como negativa ela pode envenenar o homem com ressentimentos e ilusões. Segundo Jung (O.C., IX/2, §30):

“Todas as vezes que o animus e a anima se encontram, o animus lança mão de sua espada de poder e a anima asperge o veneno de suas ilusões e seduções.”

“A primeira experiência que o homem tem da mulher é, normalmente, a da mãe, com tudo o que ela comporta de sensações, emoções e sentimentos mesclados.” (VON FRANZ, 2000, p.13). A mãe marca não só os aspectos femininos do filho mas também a imagem que ele cria da mulher. Esta imagem evolui a partir do contato de mulheres reais que ele encontra e estabelece relacionamentos. Uma das metas do homem é ajustar suas fantasias à realidade e reconhecer sua parceira em um outro indivíduo humano. Um dos grandes desafios dos relacionamentos é o trabalho de retirar as projeções e conseguir discriminar o que é o outro real e o que é projeção.

O tema “*anima e animus*” é um dos mais controversos da obra junguiana. Jung faleceu em 1961, desde então ocorreram grandes mudanças que alteraram radicalmente as relações familiares e os papéis tradicionais de homens e mulheres. Hoje o leque de possibilidades de escolha à disposição das mulheres é incomparavelmente mais amplo do que há um século atrás. Para Jung, uma mulher com um bom raciocínio lógico, facilidade em se expressar e raciocinar teria um animus positivo. Bolen (1990) questiona se uma mulher guerreira profissionalmente teria um animus positivo ou tal característica faria parte de seu arquétipo feminino ligado a uma imagem de Atena. A autora não desconsidera o uso do conceito animus mas aponta para a necessidade de diferenciar uma característica como sendo fruto do animus ou legítima da imagem arquetípica feminina de determinada mulher.

Para Hillman (apud SANFORD, 1987), a anima não remete apenas à personalidade masculina e o animus não remete exclusivamente à personalidade feminina. Ele argumenta que como arquétipos eles não podem ser atribuídos e separados entre os sexos. Para ele, as mulheres também precisariam descobrir e se conectar com a anima (alma elementar feminina). Na busca de estudos acadêmicos e de metas de orientação masculina, muitas mulheres enfrentam os mesmo problema dos homens, vazio interior e falta de sentido. A mulher, assim como o homem, não teria conexão com a anima somente pelo seu nascimento, mas teria que buscar e descobrir sua alma, desabrochando para sua vida interior.

Os conceitos “anima e animus” não precisam ser opostos ao das imagens arquetípicas femininas. Neste trabalho será considerado o conceito clássico de anima e

animus bem como a discussão de algumas possibilidades de imagens arquetípicas femininas no capítulo “5.2 As deusas gregas”.

Para a psicologia analítica, cada homem carrega dentro de si a imagem de uma mulher, e cada mulher carrega dentro de si a imagem de um homem. Pelo fato destas imagens serem inconscientes, serão sempre projetadas na pessoa amada, constituindo então uma das razões importantes para a atração passional ou para a repulsa. (JUNG, O.C., XVII)

Segundo Hollis (2002), o que não conhecemos de nós mesmos ou o que evitamos assumir como sendo uma parte nossa será projetado no outro. A experiência da intimidade ativará registros de experiência anteriores com os Outros Primordiais, geralmente mãe e pai que formam a primeira relação eu-Outro, colocando em ação os esquemas historicamente condicionados. Apesar de muitas pessoas em sã consciência não quererem que seus padrões parentais se repitam, muitas vezes eles acabam se repetindo por serem relações já conhecidas, mesmo que possam ferir.

Os agravos da infância, o anseio infantil e o imperativo de individuação também será projetado no Outro. O fato do Outro não corresponder às projeções desencadeará a frustração e à vontade de poder. Assumir a responsabilidade pela própria individuação e recolher as projeções é importante para a construção de um relacionamento que visa o desenvolvimento do casal.

A falta de diferenciação de um casal somada a uma vida sexual normal fortalece o sentimento de unidade e de identidade. Pode-se pensar no mito da alma gêmea como expressão que remete ao retorno da infância, do seio materno, da “vivência genuína e inegável da divindade, cuja força dominadora apaga e absorve tudo o que é individual” (JUNG, O.C., XVII, p.206). A fim de se atingir o relacionamento individual é frequente que um matrimônio se desenvolva com crises.

“Segundo o grau em que um relacionamento se baseia em projeção, o elemento do amor humano pode estar faltando”(SANFORD, 1987, p.29). Quando nos apaixonamos somos atraídos pela imagem que aquela pessoa reflete para nós, não nos apaixonamos pela pessoa pelo que ela é (afinal para conhecer alguém é necessário intimidade). Para amar é necessário amadurecer, conseguir olhar o outro como um ser humano e não como um reflexo de um deus/deusa de sua própria alma. É necessário se responsabilizar pela própria felicidade ou infelicidade, pela própria jornada, sem achar

que o outro é responsável pelas frustrações ou más disposições. A maior parte dos relacionamentos de amor começa com projeções.

“A pergunta é: o que acontece então? Será que esse relacionamento se transforma num veículo para o desenvolvimento da consciência, ou será que o introduzimos em nossa natureza infantil e vamos continuando a viver, insistindo em que algum dia encontraremos um relacionamento que nos ofereça perfeita felicidade e realização plena? A projeção em si não é boa nem má; o que fazemos com ela é que deve ser levado em conta.” (SANFORD, 1987, p.31)

Segundo Hollis (2002), existem duas grandes idéias falsas que animam a vida de todos nós. A primeira é a fantasia da imortalidade, que apesar de sabermos que vamos morrer achamos que, de algum modo, viveremos para sempre. A segunda é a fantasia do Outro Mágico. É a idéia de que existe uma pessoa certa para cada um de nós: a outra metade da laranja, a tampa da panela, a alma gêmea. Essa metade curará todas as feridas, nos protegerá e poupará do árduo processo de individuação. “Atrás da busca do Outro Mágico está a força arquetípica das imagos parentais” (HOLLIS, 2002, p.43).

A fascinação pelo Outro, que acontece no apaixonamento, está relacionada à tentativa de recuperar o paraíso perdido da infância (HOLLIS, 2002). A identificação projetiva pode ser tão profunda que os limites eu-Outro se dissolvam assim como na relação primal mãe- bebê. A exigência de exclusividade no relacionamento também está associada à dependência total na infância da estabilidade do Outro.

Guggenbuhl-Craig (1977) diferencia o casamento que visa o bem-estar do casamento que visa a salvação. Na sociedade Ocidental a tristeza e o sofrimento são evitados a qualquer custo, porém para a individuação é necessário que o indivíduo passe por situações difíceis e angustiantes.

No filme *Click* (2006), o protagonista possui um controle remoto com o qual ele consegue “avançar” situações que o desagradam, tirar o som de algumas conversas que ele não quer ouvir e consequentemente evitar situações que são desagradáveis para seu ego. Ele chega muito rápido na sua velhice, sua vida passa em “um piscar de olhos” porque os momentos conflitantes e os felizes são inseparáveis, assim ele “avança” a vida inteira e não só nos momentos em que há sofrimento.

Guggenbuhl- Craig (1977) pontua que a presença da referência à transcendência, na maior parte, das cerimônias religiosas de casamento pode indicar que o casamento é

mais relacionado à salvação do que a felicidade. O autor aponta que é um dos caminhos para a salvação e que não é um caminho para todos, mas uma vocação.

A individuação como busca da salvação exige o sacrifício renunciatório. Algo deve ser desfeito, renunciado ou colocado paradoxalmente. Segundo Guggenbuhl-Craig (1977, p.114):

“Muitos casamentos secam, murcham e perdem o caminho de individuação porque os casais tentam facilitar suas situações através da repressão e da exclusão de suas características mais importantes e essenciais sejam elas desejos sexuais estranhos, traços neuróticos ou o que quer que seja. Quanto mais confrontos se faz, mais interessante e fecundo se torna o caminho para a individuação.”

Como visto anteriormente, feminino (Yin) e o masculino (Yang) formam uma totalidade. Ao longo da história da humanidade os elementos Yin e Yang ocuparam diferentes postos na valoração da cultura ocidental. Segundo Neumann (1995), assim como ocorreu a evolução da consciência na vida da humanidade, a consciência individual do ego teve (e tem) que passar pelos mesmos estágios arquetípicos. No próximo capítulo serão expostos os estágios arquetípicos de desenvolvimento do ego.

4. A evolução da consciência coletiva e individual

Para a psicologia analítica, a consciência coletiva assim como a consciência individual passa por estágios de desenvolvimento. Neumann (1995) define o primeiro estágio da vida como o Uroborus, símbolo da serpente que come o próprio rabo em um formato circular.

“O uroborus representa o redondo que contém, isto é o ventre primal útero, mas também a união do antagonismo feminino-masculino, os ancestrais, pai e mãe unidos em coabitação permanente.” (p.30)

Pensando nos mitos como representação de potencialidades e de processos da psique coletiva: a criação é o primeiro ciclo do mito. A questão “de onde eu vim?” ressoa por séculos e séculos, sendo explicada de várias formas. As respostas dadas pelas mitologias são simbólicas, sendo que elas parecem entrar em um consenso quando descrevem que no início tudo era misturado e sem forma. O círculo aparece com um dos símbolos da perfeição original.

A consciência humana no uroborus é um germe, um potencial. Durante a gestação, o bebê e a mãe só uma coisa só. Portanto durante o seu primeiro ano de vida, o bebê vive psicologicamente “dentro” da mãe. Conforme o estágio embrionário chega ao fim, termina a relação de perfeição e a autossuficiência que o ego vive no estado urobórico (NEUMANN, 1995).

Quando o bebê nasce, apesar de ele ainda ser completamente dependente de cuidados, ele passa a ter que respirar sozinho para sobreviver, bem como fazer movimentos de sucção para se alimentar, cansando-se com facilidade. Gradativamente o domínio urobórico vai sendo substituído pelo domínio matriarcal. O homem primitivo e o bebê recém-nascido representam a mesma fase de desenvolvimento do ego. O homem primevo está entregue à Grande Mãe Natureza, ela o alimenta o abriga, ele mal tem vontade e age.

“A uroborus do mundo maternal é vida e psique numa coisa só: fornece o alimento e prazer, protege e aquece, conforta e perdoa. É o refúgio de todo sofrimento, alvo de todo desejo. Porque essa mãe é sempre realizadora, doadora e auxiliadora. Essa imagem vívida da Grande e Boa Mãe foi, em todos os momentos de aflição, o refúgio da humanidade, e sempre o sera; porque o

estado de estar contido no todo, sem responsabilidade e esforço, sem dúvidas e sem desunião do mundo é paradisíaco e jamais pode ser realizado outra vez, em sua preocupação prístina, na vida adulta.” (NEUMANN, 1995, p.31)

O desenvolvimento do ego é contrário ao estado passivo e inconsciente do uroborus e do domínio matriarcal. Na expulsão do paraíso, retratada no *Livro Gênesis*, Adão e Eva ao comerem a maçã proibida pecam, conhecem o bem e o mal e então não podem mais fazer parte do paraíso. Edinger (1972) faz a analogia do ato de “comer a maçã” com o surgimento da consciência. O jardim do Éden representaria uma imagem do Si-mesmo, em que o inconsciente e animal formam uma só entidade. A consciência ainda não apareceu e, portanto, não há conflito. Na seita gnóstica dos Ofitas, a tentação da serpente representa a necessidade de auto-realização do homem e o princípio de individuação. Eva ter saído da costela de Adão também representa uma separação, a separação dos componentes masculino e feminino de Adão (EDINGER, 1972).

O mito da queda descreve o nascimento da consciência como um crime que aliena o homem de sua pré-consciência original e de Deus. O ego passa então para um mundo de incerteza, sofrimento e conflito. Porém o ato de Adão e Eva pode ser considerado um ato de heroísmo, pois eles sacrificam o passivo conforto da obediência em prol de uma consciência maior. O tema se repete no mito de Prometeu, que rouba o fogo dos deuses e conseqüentemente paga o preço com sofrimento.

Segundo Edinger (1972), o sofrimento, a dor e a morte existem antes do nascimento, mas não há consciência para experimentá-los. A angústia é anulada se não há consciência para percebê-la, o que explica a nostalgia em relação ao estado inconsciente original. Em alguns casos ocorre o incesto urobórico, ou seja, o abandono de si mesmo e regresso do ego que está ainda muito próximo à mãe, e ainda não encontrou a si próprio. Ou de um ego neurótico, ou de um ego cansado que retorna à Mãe após ter se realizado.

O fato de que a criança pequena tem sua vida determinada por sua mãe significa que essa primeira fase é matriarcal, sendo regida pelo arquétipo materno. A mãe pessoal desempenha sua função típica de mãe humana provendo ao filho alimento, segurança, amor, proteção, propiciando o desenvolvimento do bebê “embriônico pós parto”. A fase matriarcal é essencial para que o germe de ego da criança comece a se preparar para sua subsequente autonomia. Com os cuidados devidos e proteção materna o ego estará pronto para o próximo estágio de consciência (NEUMANN, 2000).

O relacionamento primal com a mãe não é apenas o primeiro relacionamento, mas também a imagem e o protótipo das relações em geral (NEUMANN, 2000). “O bebê sente a ligação ou falta dela como declaração extrapolada a respeito do mundo em geral” (HOLLIS, 2002, p.20). A leitura do bebê decorrente das suas percepções do ambiente lhe fornece indicadores de que o ambiente/mundo é confiável, seguro ou agressivo e imprevisível.

A mãe do relacionamento primal é a base, o fundamento e fundação da existência do bebê. Ele espera que a mãe amenize toda insegurança e medo sentido por ela, quando o medo não é removido, a mãe é percebida como “terrível”. O ego nascente torna-se consciente do prazer e da dor em suas vivências, o mundo para ele é ambivalente.

Nos primeiros anos de sua vida a criança possui pensamento mágico. Ou seja, ela acha que tudo que acontece tem relação com ela mesma. A criança não compreende que sua mãe ou pai estão zangados pois tiveram um dia difícil no trabalho, acham que é por causa dela. Acha que a mãe adoeceu ou ficou indisposta devido a seu pensamento. Esse tipo de pensamento se caracteriza pela grandiosidade e pela onipotência. “A criança projeta seu medo e ignorância no mundo, lê erroneamente os dados e assim é levada a conclusões onipotentes” (HOLLIS, 2002, p. 21).

Assim como o homem primitivo, que sente a vida caracterizada pelo perigo constante, a criança ainda não é capaz de se orientar no mundo com consciência. Os acontecimentos são vividos por ela como se fossem uma devastadora inovação. O terror sentido na infância é a expressão do panorama em que sua frágil consciência do ego se vê diante da imensidão do mundo. A dependência da criança pequena com a mãe que alimenta pode ser relacionada à dependência do homem primitivo com a natureza, o que explica que em todas as culturas a Deusa Mãe e suas mitologias são relacionadas ao crescimento e fertilidade. O matriarcado é, portanto, o estágio da consciência não desenvolvida do ego, sendo ainda enredada pela natureza e pelo mundo.

Assim como o homem primitivo que associa a culpa por tudo negativo que lhe ocorre, o ego inicialmente se sente solitário e, simultaneamente com a descoberta de si próprio “percebe o negativo e o relaciona consigo mesmo, e interpreta o seu nascimento como culpa e o sofrimento, a doença e a morte como castigo” (NEUMANN, 1995, p. 95). No início do nascimento e evolução do ego, a perda da totalidade e do sentimento de estar integrado é vivido pelo ego como uma privação, um roubo.

Para lidar com sua compreensão da realidade, a criança vai desenvolver modos de se proteger e interagir com o contato do Outro. Por exemplo, se o bebê se sente impotente frente ao Outro, ele vai se comportar de certa forma para lidar com o sofrimento. A psique da criança gera estratégias para que ela possa sobreviver nos mais diferentes ambientes. A leitura errônea da realidade e a forma de se comportar, diante das situações, aprendidas na infância vão acompanhar o desenvolvimento do indivíduo durante grande parte de sua vida. Somente algumas décadas depois, talvez, ele poderá vir a refletir e ressignificar suas experiências.

“Somente pela diferenciação, pela separação dos pais primordiais e pelo desmembramento do dragão primordial que o homem é exposto à luz, e só isso o leva ao nascimento como personalidade dotada de um ego estável.” (NEUMANN, 1995, p.89)

No momento em que a consciência começa a se discriminar e a se reconhecer como um ego individual distinto surgem sentimentos que contrastam ao contentamento inicial. “A preponderância da uroborus maternal se torna tragicamente funesta para esse ego” (NEUMANN, 1995, p. 51). As exigências da existência independente do ego se tornam mais insistentes do que a uroborus maternal.

A atitude heróica do ego em se separar do mundo dos Pais é um ato criador. Ocorre uma mudança decisiva de personalidade decorrente da resolução dessa batalha que consiste em vencer o perigo. O ego pós estágio urobórico que ainda era frágil e não tinha plena posse de sua força, vivenciando o medo intenso e a sensação de morte, ao matar os Pais primordiais se apropria de seu poder e capacidade. O progresso da fase matriarcal para a patriarcal é uma necessidade específica da espécie para o desenvolvimento do ego e da consciência (NEUMANN, 2000).

Os rituais do homem primitivo simbolizavam testes de virilidade e firmeza do ego, a comprovação da maturidade para ingresso no coletivo. Hoje, o “vestibular” pode ser considerado como um desses ritos de iniciação. A partir do reconhecimento do ego de suas afinidades do mundo masculino e seu afastamento do feminino-maternal, ele dá um passo adiante para sua autonomia. Segundo Neumann (1995, p.114):

“O critério de masculinidade é a comprovação da firmeza de vontade, isto é, da capacidade manejável de preservar, onde necessário, o ego e a consciência, e de superar a natureza inconsciente e infantil dos medos e dos impulsos.”

No matriarcado, a lei vigente é a do instinto, do funcionamento inconsciente e natural que visa a propagação e preservação da espécie. No patriarcado, há o surgimento de leis e instituições que visam dissolver o domínio do uroborus e da Grande Mãe. Os mitos de herói são arquetípicos e retratam o destino do ego e do desenvolvimento da consciência (NEUMANN, 1995).

A luta com o dragão é um tipo básico de todas as mitologias, nele há três componentes principais: o herói, o dragão e o tesouro. A identificação do ego com o lado masculino possibilita a exposição ao perigo simbolizado pelo dragão. O dragão possui natureza urobórica bissexual, indicando presença de elementos masculinos na Grande Mãe (não paternais). Segundo Neumann (1995), para o ego e o elemento masculino, o feminino significa inconsciente e não ego e, portanto trevas, poço sem fundo, inexistência. Nesta linha de raciocínio, “a mãe, o ventre, o abismo e o inferno são idênticos” (p.124).

“Na batalha heroica, o dragão aparece francamente para o ego como uma figura dual. Num dos aspectos, o dragão aparece francamente para o ego como uma imagem negativa da psique, como a fase aterradora do inconsciente que – como impulso e afeto, como letargia e covardia, e a tendência a desistir da luta – ataca o ego de dentro em todas as fases e em formas sempre novas ao longo da trilha de seu desenvolvimento. Mas esta fisionomia terrivelmente hostil aparece não somente sem disfarce como medo do inconsciente, mas também indiretamente como medo do mundo.” (NEUMANN, 2000, p.232)

Neumann (2000) pontua que o medo do mundo pode ser desencadeado, pois este último é um aspecto do Feminino Terrível que ameaça leva-lo aos braços da Mãe Terrível que habita dentro dele. Lembrando que a relação com a mãe representa inicialmente a relação com o mundo, quando o ego passa a considerar a mãe como terrível e tende a associar esta característica com o mundo.

Independente das atitudes da mãe do relacionamento primal serem positivas e corretas, ela tem de se transformar em uma bruxa, para que o ego infantil consiga superar seu “feitiço” e poder restritivo em prol de seu desenvolvimento. Matar o que lhe

é mais querido, o relacionamento com a mãe (sob o disfarce do dragão) é uma tarefa complexa que gera culpa. Dependendo da atitude da mãe a missão pode ser mais fácil ou mais difícil, por exemplo: a mãe que compreende a importância de se “tornar uma bruxa” para que seu filho possa ser libertado torna a missão mais fácil do que a mãe que não se desprende da criança e intensifica seu sentimento de culpa (NEUMANN, 2000).

O medo da transição de fase matriarcal para a patriarcal é natural porém pode ser vivenciado como patológico. Neumann (2000) aponta três situações que favorecem a formação de tal complexo: a “Mãe” que aprisiona o ego do filho e não o permite se desenvolver; uma tendência regressiva do ego, em que a tendência progressiva não é forte o suficiente ou é desviada por uma tendência instintiva; e uma constelação na qual o desenvolvimento do ego, já realizado, é destruído.

Ao longo do desenvolvimento, é esperado (embora nem sempre aconteça) que o ego consiga se libertar apesar dos obstáculos e dificuldades decorrentes dos aspectos da Mãe Terrível. Com a libertação, conquista e fundação de um novo reino a era patriarcal entra em vigor. Patriarcal não no sentido de subjugar a mulher, mas em termos do exercício da autoridade do homem. Porém para alcançar o tesouro o herói necessita encontrar e redimir sua própria alma, sua contraparte feminina que concebe e dá a luz. No assassinato dos Pais Primordiais os aspectos negativos do feminino e masculino precisam ser mortos, mas não os aspectos positivos (NEUMANN, 1995).

Segundo Neumann (2000), a tarefa do homem adulto é entrar num relacionamento com sua contraparte com um “tu” feminino inteiramente desenvolvido, assim ele poderá resgatar o feminino da dominação materna. Esta diferenciação e libertação é necessária para o *hieros gamos* (casamento sagrado), no qual os opostos estão contidos e a inteireza é obtida. O segundo medo do Feminino é o medo da alma “como medo da transformação à qual irá força-lo a libertação da alma do âmbito do dragão e a confrontação com a alteridade independente do Feminino” (p. 244).

Contrário ao desenvolvimento individual, a cultura estagnada na fase patriarcal não incentiva a libertação da alma. A estagnação após a primeira parte do processo de desenvolvimento psíquico, que termina na adolescência é desejável para a preservação do patriarcado, sendo evitado o aspecto transformador do Feminino (NEUMANN, 2000).

O casamento clássico patriarcal era arranjado pelas famílias exercendo poder sobre suas mulheres. Hoje, apesar de em muitos países essa prática ter sido superada, é possível encontrar funcionamentos patriarcais em “casamentos por amor”. Por exemplo,

o homem pode se identificar com a figura paterna e a mulher com a figura materna, deixando a alma de fora, podendo ser vivida fora do relacionamento conjugal. Outra possibilidade é que o homem se case com sua alma, ele se apega à sua posição exclusivamente masculina e a mulher é forçada a ocupar um lugar exclusivamente feminino. Ou quando o homem se casa com uma “filha”, neste caso a superioridade do homem é garantida e a própria transformação é poupada (NEUMANN, 2000).

Segundo Neumann (2000), a desvalorização do Feminino pode ser entendida como uma tentativa de superação do medo de seu aspecto perigoso como a Grande Mãe e como a alma. Com esta avaliação negativa, o Feminino e a mulher tem sofrido há séculos com a atitude defensiva e o desprezo masculinos.

O desenvolvimento da mulher se difere em alguns aspectos do desenvolvimento do homem. Primeiramente, o vínculo da menina com o arquétipo da mãe é mais próximo, o que torna sua separação mais difícil. Em segundo lugar, o medo do masculino é um empecilho na progressão da menina ao patriarcado e em sua aceitação do amor pelo pai. A tarefa da mulher na cultura ocidental é desenvolver aspectos masculinos e patriarcais em sua psique sem desistir de seu ser feminino (NEUMANN, 2000).

A mulher moderna pode vivenciar um medo profundo do Feminino como medo dela própria, “como medo da incompreensível numinosidade da natureza feminina” (NEUMANN, 2000, p. 260). O medo do amor e a volta exacerbada de todo cuidado para si própria, negligenciando o marido e família, também pode ser um indício do afastamento do Self feminino.

“Experienciar a si mesma como tão fundamentalmente diferente dos valores patriarcais dominantes compreensivelmente enche a mulher de medo, até ela chegar ao ponto no seu próprio desenvolvimento em que, por meio da experiência e do amor que liga os opostos, consegue ver com clareza a totalidade da humanidade como uma unidade dos aspectos masculino e femininos do Self” (NEUMANN, 2000, p. 263).

Segundo Byington (2008, p.219), o arquétipo da alteridade é a possibilidade de dar a “todas as polaridades direitos iguais de expressão”. Este arquétipo seria capaz de integrar e coordenar a interação entre os arquétipos Matriarcal e Patriarcal.

Como visto anteriormente, as fases urobórica, matriarcal e patriarcal fazem parte tanto do desenvolvimento do ego como da consciência coletiva. Para o nascimento e estruturação do ego, é necessária uma atitude heróica perante a Grande Mãe e o assassinato de seus aspectos negativos. Ao longo dos séculos, o medo do feminino levou a uma repressão e subjugação do mesmo, o que acarretou em profundas sequelas tanto para homens quanto para mulheres. No próximo capítulo será abordada a ferida pai-filha não somente no aspecto individual mas no aspecto do coletivo em relação à cultura patriarcal.

5. A ferida pai-filha

“Séculos de raiva reprimida manifestam-se em sonhos de cortar a cabeça de ditadores ou seus braços, ou seus órgãos genitais. Séculos de sofrimento revelam-se em imagens de sacrifícios femininos em pedras monolíticas ou em salas de jantar. A guerra inconsciente dos sexos é dura; a guerra consciente é muito mais dolorosa ainda, muito mais amarga. A raiva e a dor aparecem em sonhos tanto dos homens quanto das mulheres que estão se tornando conscientes de sua feminilidade devastada” (QUALLS- CORBETT, 2002, p.9).

Segundo Leonard (1997), a cultura patriarcal favorece o aparecimento da ferida pai-filha. Ou seja, a atitude patriarcal de desvalorização do feminino representa o pai coletivo subjugando a filha pela força, “não lhe permitindo crescer de modo criativo, a partir de sua própria essência” (p.32). Tal pai coletivo aparece na redução a um certo número de papéis ou qualidades que não existem em função das experiências pessoais de cada mulher, mas a partir de uma expectativa e visão abstrata em relação a elas. Para lidar com a ferida pai-filha, a autora descreve duas frequentes posições: a culpabilização de terceiros; ou a adaptação.

Na cultura patriarcal, o sucesso, o poder, as realizações e o controle são valorizados e recompensados pelo prestígio, boas notas na escola e por generosos presentes em dinheiro (SANFORD, 1987).

Leonard (1997) enfatiza que um dos papéis paternos é conduzir a filha do protegido ambiente materno ao mundo exterior, auxiliando-a na resolução dos conflitos. Tal tarefa é comprometida se a relação com o pai for rígida ou relaxada demais. O primeiro caso se caracteriza pela falta de limites estipulados para si próprios (falta de ordem e disciplina); e distanciamento da autoridade interior, constituindo modelos inadequados para a filha. São homens que costumam viver no mundo das possibilidades e evitam os conflitos da vida prática. Há um nível baixo de tolerância à frustração e dificuldade de conduzir algumas coisas até o fim.

“Muitos tem relação de dependência de algum tipo de vício, não conseguem trabalhar, buscam uma mulher após a outra, ocupam lugar de filhos passivos em

suas relações conjugais ou seduzem as filhas com galanteios.” (LEONARD, 1997, p.34)

As filhas dos “eternos meninos” crescem sem modelos adequados de disciplina, autoridade e limites. Se ele for visivelmente fraco e a filha sofrer vergonha por isso, a tendência é que ela busque durante sua vida um “pai ideal”. A tendência é que o homem ideal exista apenas em sua imaginação.

No segundo caso, a rigidez paterna em excesso pode levar a uma escravização de suas filhas por meio de uma atitude autoritária estrita. São homens que priorizam a obediência, o dever e a racionalidade, e insistem que suas filhas também tenham essas prioridades. Leonard (1997) os descreve como homens duros, frios, que em geral estão distantes da vitalidade existencial, “alienados em seu próprio lado feminino e de sensibilidade” (p.35). As normas sociais devem ser seguidas com muita disciplina, afastar-se delas é indigno de confiança.

“Alguns exemplos de pais que agem como velhos dominadores podem ser vistos entre os antigos patriarcas que retêm o controle de todo dinheiro, dominando financeiramente a esposa e os filhos; são pais que estipulam todas as regras e exigem obediência, que esperam que as filhas tenham um sucesso incomum na sociedade, que exigem delas o desempenho de papéis femininos tradicionais, que não podem admitir qualquer sinal de fraqueza, de doença ou sequer diferença em si próprios.” (LEONARD, L., 1997, p. 35)

Segundo Leonard (1997), a consequência da rígida educação descrita acima é, provavelmente, que as filhas sejam rígidas consigo mesmas e com os outros. Muitas vivem de acordo com a regra autoritária e jamais vivem suas próprias vidas. Outras se revoltam mas ficam atadas ao controle paterno e sempre reagem contra ele.

Leonard (1997) constata a presença de dois padrões opostos resultantes de uma relação doentia com o pai, sendo comum a coexistência deles: “a eterna menina” (puella aeterna); e “amazona de couraça”. A primeira é aquela que permaneceu menininha apesar de sua idade cronológica, continua a ser dependente e a aceitar a identidade nela

projetada pelos outros. É comum que se case com um homem autoritário e que se torne a imagem da mulher que ele deseja. A “eterna menina” não conseguiu identificar e integrar características de um pai positivo importante para seu desenvolvimento: consciência, disciplina, tomadas de decisão, autovalorização.

Já a “amazona de couraça” se identifica com funções masculinas ou paternas. Como seus pais não lhe deram o que precisavam, percebem que precisam buscar por conta própria.

“Mas, a identidade masculina é, em geral, uma concha de proteção, uma armadura ou couraça contra a dor do abandono ou da rejeição pelo pai, uma proteção contra sua própria suavidade, fraqueza e vulnerabilidade.” (LEONARD, 1997, p.40)

Neste sentido, a tarefa de crescimento pessoal consiste em integrar os dois opostos, “a menina eterna” e a “amazona de couraça” podem se beneficiar muito uma com a outra de modo a possibilitar o surgimento de uma nova mulher.

Leonard (1997) discorre sobre o drama grego *Ifigênia em Áulis*, cuja estória se desenrola na família de Agamenon. Paris havia raptado Helena, a mais linda de todas as mulheres e esposa de Menelau, irmão de Agamenon. Quando eles vão zarpar para o combate não há vento. Agamenon consulta o oráculo que lhe diz que deverá sacrificar a própria filha Ifigênia para a Glória da Grécia. Sua filha e esposa descobrem e apesar da relutância e revolta delas, ele resolve sacrificá-la. Ifigênia que antes estava incrédula aceita a decisão do pai e o perdoo. Clitemnestra, esposa de Agamenon, o mata. Seu filho a mata para vingar a morte do pai.

O drama ilustra a visão do feminino como sendo posse do homem. Menelau considera Helena como uma posse, sua perda desencadeia a guerra com o intuito de recuperá-la. Clitemnestra é vista por Agamenon como uma esposa obediente que ele pode controlar e cuja opinião não altera sua decisão. Ifigênia é a filha que é sacrificada pelo pai. Leonard (1997) aponta que Helena serve aos homens por sua beleza enquanto Ifigênia serve aos homens por sua obediência. Ambas identidades só se configuram a partir das necessidades dos homens. “No drama, o feminino está reduzido a ser apenas objeto de metas masculinas” (p.53).

“Quando desvalorizado e suprimido, o feminino termina por enfurecer-se e exige o que lhe é de direito, porém de maneira primitiva, como o simboliza o ato de Clitemnestra ao matar Agamenon. O sacrifício de pai e filha, por conseguinte, afeta não apenas o desenvolvimento das mulheres, mas também o crescimento interior dos homens. Agamenon está tão machucado, tão desesperado, tão aprisionado na vida quanto sua filha Ifigênia.”(LEONARD, 1997, p.55)

O feminino é vital para contrabalançar o princípio patriarcal do coletivo, sem ele há certa esterilidade da vida. A criatividade e o desenvolvimento pessoal são congelados. Quando o feminino deixa de ser reverenciado, surgem instâncias sociais e psíquicas extremamente mecanizadas, politizadas e militarizadas. A sociedade voltada excessivamente para o Logos dá “muito mais valor ao fazer do que ao ser, ao alcançar do que ao vivenciar, ao pensar do que ao sentir” (QUALLS-CORBETT, 2002, p. 23).

5.1 A importância dos aspectos femininos

Para os povos primitivos, a lua representava o poder fertilizador. Sem sua influência, plantas e sementes não cresceriam; animais e mulheres não poderiam gerar filhos (HARDING, 2007).

Em algumas tribos o sol não era adorado, sendo até considerado hostil em lugares de clima quente. Já a lua era adorada como uma grande divindade. O homem não era considerado importante para a reprodução: sua função era meramente romper o hímen para que o raio da lua pudesse penetrar. A mulher não era responsabilizada por sua gravidez, esta não era associada à relação sexual (HARDING, 2007).

Segundo Harding (2007), nas tribos primitivas as mulheres eram consideradas da mesma natureza que a lua, devido ao ciclo menstrual ter a mesma duração do que o ciclo mensal da lua. A lua era representante do princípio feminino. Com a transição da fase matriarcal para o patriarcal, a deusa deixou de ser venerada. Os aspectos físicos e espirituais do feminino passaram a ser considerados demoníacos. A mulher foi associada aos mistérios perturbadores da natureza. Qualls-Corbett (2002) enumera alguns dos inúmeros contextos que favoreceram a transição:

- Nos primórdios a atividade da mulher consistia em dar a luz e amamentar, que eram consideradas funções naturais e não atividades. Já o homem era responsável pela exploração, seus feitos eram celebrados com grandes festas. Era dada mais importância ao arriscar a vida do que ao produzir a vida; ou
- A mulher era considerada misteriosa. A colheita e a maternagem eram vistas como presentes dos deuses e ela era objeto de veneração perante o homem. Seu poder só se afirmava no divino, portanto não era vista como companheira pelo homem.; ou
- O homem interpretou que sua parte da procriação era a mais importante, a mulher apenas teria função em nutrir o corpo do bebê. A nova vida era apenas da linhagem dele.

Outra possível explicação é que o homem começou a acumular propriedades particulares e descobriu que sua força e coragem pessoais poderiam aumentar suas posses. O que coincidiu com o início do culto ao sol sob o sacerdócio masculino, que foi substituindo o culto à lua (HARDING, 2007).

Na Igreja católica ocidental a deusa desapareceu, foi substituída pela instituição da Igreja. Devido ao fato da cultura cristã ser excessivamente restritiva em relação ao impulso sexual, formou-se uma situação peculiar: é transmitida a mensagem para as crianças que a sexualidade é má, embora, ao mesmo tempo, “procuramos dar aos jovens todas as oportunidades para fazer experiências com esse instinto fascinante” (SANFORD, 1987, p.123).

As mensagens ambíguas em relação à sexualidade geram culpa e confusão, prejudicando a vida instintiva. Outra situação que se percebe atualmente é o outro extremo, jovens com vidas sexuais desenfreadas. Em ambas situações a deusa não está presente, os elementos de romance, de relacionamento pessoal e de compreensão psicológica de seu significado permanecem ausentes.

Na Igreja Católica, contrapondo a Virgem Maria está Maria Madalena. Enquanto uma é associada à castidade, a outra é associada à prostituição. Maria Madalena é vista como penitente, renunciando à sexualidade. Presume-se que ela tenha se arrependido de seus atos impuros. Os cristãos ortodoxos pouco falam sobre ela, enquanto que nos Evangelhos Gnósticos ela é vista como líder ativa no discipulado de Cristo, o que

inclusive gera indignação de Pedro. No Musical *Jesus Cristo Superstar* ela é retratada como prostituta profana que se apaixona por Cristo e seu amor a transforma, ela tranquiliza e conforta o amante (QUALLS-CORBETT, 2002).

Em relação à Virgem Maria, as características mais conhecidas deste símbolo é o sofrimento perante o filho sacrificado e sua castidade. Porém ela também é conhecida como Rainha Celeste e em algumas cidades da Europa a Nossa Senhora negra é venerada. A Nossa Senhora Negra (tão negra quanto a própria terra) simboliza a força de vida ctônica, ou seja, oposição à força de vida celeste. Poderíamos pensar nela “associada tanto à terra quanto à fertilidade, é a imagem do feminino divino que reflete uma ligação antiga entre a natureza da mulher e a deusa do amor” (QUALLS-CORBETT, 2002, p.205).

A deusa do amor, da paixão e da fertilidade era conhecida por diversos nomes, durante diversas épocas em diversos lugares. Na Suméria era chamada de Inana. Na Babilônia era Istar. Na Pérsia era Anaíta. Os cananeus, hebreus e os fenícios reverenciavam o altar de Anat, também chamada de Astarte ou Astart. No Egito ela chamava-se Ísis. Na Lídia era conhecida por Cibele. Em Roma era conhecida por Vênus, enquanto que na Grécia era chamada de Afrodite. Independente do lugar, as deusas do amor eram associadas à primavera, às flores e à beleza. Afrodite não era associada à fertilidade, mas ao amor e à paixão, sua nudez é glorificada (QUALLS-CORBETT, 2002).

Afrodite representa “beleza física, sabedoria instintiva, e capacidade de conectar emoções profundas sentidas com relacionamentos” (QUALLS-CORBETT, 2002, p.75). Apesar de soar contraditório ao ego contemporâneo, ela era considerada virginal. Em latim, *virgo* significa solteira. Neste sentido, a expressão virginal significa ser inteira em si mesma, não pertence a homem algum, pertence a si mesma. Afrodite é considerada desimpedida e intocada pelas leis dos homens. A deusa do amor também comportava-se de acordo com as leis da natureza e não às leis elaboradas pelos homens.

Assim como Afrodite é considerada virginal, a prostituta sagrada, que existiu por milênios em sociedades antigas, também o era. As prostitutas sagradas eram sacerdotisas do templo do amor. Em sua encarnação de deusa a prostituta sagrada era responsável por transformar os instintos sexuais na arte de fazer amor. Através da união com um estranho, considerado emissário dos deuses, a mulher reconhecia que sua

sexualidade e proveitos não eram seus, de sua posse, mas representam as exigências da própria vida, que flui nela e da qual ela é serva (QUALLS-CORBETT, 2002).

Nos tempos da prostituição sagrada, a esfera sexual era integrada com a da espiritualidade. Ambas esferas que o Cristianismo separou com tanto rigor nem sempre foram tão distintas. Na nossa sociedade a conjunção entre os dois aspectos é uma contradição. Nos tempos antigos, era uma unidade.

Com a institucionalização do monoteísmo e do patriarcado, os templos de amor deram espaço à Casa do Senhor. O culto à deusa, e o sexo de maneira aberta e reverencial ao altar da divindade, foi substituído pelo monoteísmo e promessa de felicidade eterna mediante o cumprimento das leis. A mulher tornou-se Eva, que carrega a sedução, razão da ruína do homem.

“A Trindade era do patriarcado; Maria pode ser cultuada mas não adorada, para evitar que ela se torne canal pelo qual a veneração da deusa seja reestabelecido” (QUALLS-CORBETT, 2002, p.55).

A deusa do amor era deusa da lua, da iluminação fresca e suave, da fertilidade e também da insanidade, já que a lua minguante não era tão bem vista. A mulher possui caráter semelhante ao da lua sendo importante considerar a lei da mudança que a governa. “A mulher experiencia a vida através de sua própria natureza sempre mutável e que, portanto, para uma mulher a experiência de vida é cíclica” (HARDING, 2007, p.105).

Segundo Qualls-Corbett (2002), a mulher que está conectada com a deusa está atenta às suas necessidades, ideais e atitudes internas. Ela não é dependente do outro para definir seu próprio ser. Ela tem consciência de seu corpo e cuida dele, conhece os seus ritmos, ciclos, respeita suas mudanças assim como respeita as mudanças da lua. Conhece e valoriza seu lado luminoso e esplendoroso mas também reconhece seu lado sombrio e períodos de recolhimento. A lua como princípio feminino é a soberana da noite, do inconsciente. “É a deusa do amor, controladora das forças misteriosas que fogem à compreensão humana. Ela é o Eros, poderoso e fatídico, incompreensível” (HARDING, 2007).

A lua, posteriormente foi representada como um deus, o que marca um passo adiante do desenvolvimento da percepção do homem. Assim como a deusa da lua, o deus da lua se tornou provedor do crescimento e fertilidade.

Harding (2007) pontua que a atitude da humanidade do século XX é resultante da mudança simbólica de ênfase dos valores representados pela lua dos valores representados pelo sol. O intelecto passou a ser considerado mais importante do que o poder espiritual. Difundiu-se a crença de que a inteligência bastava para que tudo fosse organizado corretamente. “O lado feminino da vida tem sido considerado de uma maneira sentimental, e as regras de sentimento tem sido inteiramente banalizadas” (HARDING, 2007, p.63). Como visto anteriormente, os chineses consideram a essência do princípio feminino Yin. Este é simbolizado pelo tigre:

“deslizando furtivamente pela relva, esperando para pular sob sua presa com garras e dentes, e ainda parecendo todo o tempo macio, manso como um gato, fazendo com que quase nos esqueçamos de sua ferocidade.” (HARDING, 2007, p.64)

O caráter ambivalente e poderoso do princípio do feminino é uma realidade psicológica presente nos homens. Eles têm um medo quase universal de cair sob o poder ou fascinação de uma mulher. O poder de atração da mulher chega a ser considerado demoníaco. Apesar de a imagem demoníaca da mulher, em geral, não ser proveniente de nenhuma experiência em particular do homem, ela repousa na própria natureza do homem, na anima (que não é uma mulher mas um espírito de natureza feminina). A anima não redimida é realmente demoníaca, intoxica a visão do homem sobre a mulher, ele não é capaz de a ver como ela realmente é. Não podendo ter nenhuma relação verdadeira ou genuína com uma mulher (HARDING, 2007)

Com seus ciclos, a lua remete à imortalidade no sentido da renovação. Não é uma “continuação em um estado de perfeição, mas uma vida sempre renovada, na qual minuar e morrer são tão essenciais como o tornar-se” (HARDING, 2007, p.277)

Entre a veneração da Grande Mãe (sociedade matriarcal) e o surgimento das religiões monoteístas, houve um período que data de 4.500 a.C. a 2.400 a.C marcado por sucessivas ondas de invasão dos indo-europeus. Os guerreiros se consideravam um

povo superior pela facilidade em conquistar e colonizar os povos primitivos que cultuavam a Grande Deusa. Esta única, como visto anteriormente, representava a força de vida feminina, relacionada com a natureza, fertilidade, criação e destruição. Tinha amantes por prazer e não para que seus filhos tivessem um pai (BOLEN, 1990).

A Grande Deusa foi destronada e tornou-se fragmentada em muitas deusas menores, recebendo cada uma delas atributos que anteriormente pertenciam à Grande Deusa. Portanto, o destronamento da Grande Mãe teve início nas invasões indo-européias e foi concluído pelas religiões hebraica, cristã e maometana. “A divindade masculina tomou o lugar principal. As deusas recuaram gradualmente e as mulheres se adaptaram à sociedade” (BOLEN, 1990, p. 45).

5.2 As deusas gregas

As deusas gregas representam diferentes imagens arquetípicas, diferentes formas do feminino ser vivido e experimentado. Todas as deusas estão potencialmente presentes em cada mulher. Quanto mais deusas disputarem o domínio sobre a psique maior será seu nível de indecisão ou conflitos (BOLEN, 1990).

Bolen (1990) divide as deusas gregas em três grupos. O primeiro formado é por deusas virginais: Ártemis, Atenas e Héstia. Ártemis é a protetora da prole e de todas as coisas vivas, ela é a arqueira de pontaria infalível. Atenas é a deusa da sabedoria e das habilidades manuais, sendo protetora de muitos heróis. Héstia é a deusa da lareira. Ártemis e Atenas são arquétipos orientados para o exterior e a realização, enquanto Héstia é focada interiormente.

As três deusas representam a qualidade de independência e auto-suficiência das mulheres. Elas bastam em si mesmas, perseguem seus interesses, procuram seus próprios objetivos, resolvem seus problemas, competem com as outras, expressam-se articuladamente. Elas permaneceram intactas pelas divindades femininas e mortais, nunca casaram, nem foram dominadas ou seduzidas, humilhadas, induzidas ao amor, à paixão ou à sexualidade. Por conseguirem se focar intensamente na tarefa em que estão realizando são propensas a excluir tudo o que não faz parte da tarefa. Esse enfoque pode desligar a mulher motivada pelas deusas virginais de sua vida afetiva e e instintiva.

O segundo grupo é formado por Hera, Deméter e Perséfone. Hera é a esposa de Zeus no Olimpo. Deméter é a deusa dos cereais. Perséfone é filha de Deméter, em determinado momento é raptada por Hades e tem que passar metade do ano no submundo e metade do mundo com sua mãe. São consideradas por Bolen (1990) deusas vulneráveis, representando respectivamente os papéis tradicionais de esposa, mãe e filha. “São deusas-arquétipos orientadas para o relacionamento, e suas identidades e bem-estar dependem de um relacionamento significativo” (BOLEN, 1990, p. 40).

Hera, Deméter e Perséfone experimentaram em suas estórias a impotência, sendo que a primeira deusa reagiu com raiva e ciúmes enquanto as duas últimas reagiram com depressão. Quando as mulheres se identificam com alguma destas três deusas, são motivadas pelas recompensas do relacionamento (amor, aprovação, atenção). E pela necessidade do arquétipo: “casar (Hera), alimentar (Deméter) e depender (Perséfone enquanto Core)” (BOLEN, 1990).

O terceiro grupo é formado pela Afrodite, sendo representante das deusas alquímicas ou transformativas. Ela exala beleza, sexualidade e vida nova. Afrodite é ao mesmo tempo virginal, devido a sua autonomia, e vulnerável devido à sua vivência de relacionamentos. Na cultura patriarcal, as imagens arquetípicas mais aceitas são as do segundo grupo: Hera, Deméter e Perséfone (BOLEN, 1990). Afrodite é considerada “prostituta” ou “sedutora” com uma conotação negativa, pois, como visto anteriormente, com o patriarcado a esfera sexual foi desintegrada da espiritual. A divisão entre as mulheres “virtuosas” e “perdidas”, sendo a primeira aquela que resistia à tentação sexual, favoreceu a subjugação da imagem arquetípica de Afrodite

Em relação às imagens arquetípicas do primeiro grupo de deusas: nos anos 70, o movimento feminista incentivou a propagação dos modelos de Ártemis e Atenas, já que a carreira e as conquistas fora de casa passaram a fazer parte do universo feminino. Ao mesmo tempo, mulheres motivadas por Hera sentiram falta de serem companheiras e as motivadas por Deméter necessitavam ter filhos (BOLEN, 1990).

Hoje, a mulher moderna é mais livre para desempenhar uma gama maior de padrões arquetípicos. Segundo dados do IBGE, entre 2000 e 2010, a taxa de atividade remunerada das mulheres brasileiras passou de 50,1% para 54,6%, porém a disparidade entre os gêneros continua alta já que elas ganham em média 68% do que os homens

ganham. Pode-se pensar que a entrada da mulher no mercado de trabalho e sua maior participação nas últimas décadas em atividades “fora de casa” reflete uma maior aceitação dos modelos arquetípicos das deusas Ártemis e Atena.

Outros dados do IBGE (2010) revelam que a proporção de mulheres com ao menos um filho diminuiu substancialmente em todas as faixas-etárias. Nas mulheres de 15 a 19 anos diminuiu de 14,8% (2000) para 11,8% (2010). Nos grupos de mulheres de 20 a 24 anos (de 47,3% para 39,3%), 25 a 29 anos (de 69,2% para 60,1%) e 30 a 34 anos (de 81,9% para 76,0%). Tais estatísticas revelam que no Brasil a taxa de natalidade caiu e que o “padrão Deméter”, esperado da mulher, deu espaço a outras possibilidades.

Assim como as deusas gregas, Sherazade representa uma imagem arquetípica feminina. Para a compreensão deste modelo torna-se importante uma breve reflexão sobre a cultura e contexto no qual ele surgiu.

6. *As Mil e Uma Noites e a cultura árabe*

A partir do século IX d.C. surgiu no mundo árabe uma produção de contos populares e histórias que foram concentrados em uma só obra. Entre os séculos XIII e XIV, quando o Estado mameluco abrangia as terras da Síria e do Egito, ela foi mais desenvolvida e novas histórias foram introduzidas. Com base em fragmentos remotos, manuscritos incompletos e compilações tardias surgiu a obra mundialmente conhecida: *As Mil e Uma Noites*.

Supõe-se que a obra deriva de uma matriz iraquiana que, a pesquisadora iraquiano-americana, Nabia Abbott localizou durante seu estudo de papiros árabes adquiridos pela Universidade de Chicago durante a Segunda Guerra Mundial. O material achado consiste em dois fragmentos de folhas datados de 879 d.C. da Antioquia, na Síria, contendo um trecho em que Deus é louvado e outro em que Duniyade pede para alguém lhe contar uma história. Segundo Jarouche (2005), tradutor da versão árabe para a língua portuguesa:

“A obra foi elaborada por centenas de mãos, em dezenas de idiomas, em muitíssimos tempos e lugares, que pode ser a produção de todos e por isso mesmo de ninguém, projetada no limbo da indeterminação absoluta que permite dizer qualquer coisa sobre ele e pensado como um processo de constituição que de tão inesgotável se tornou uma espécie de função, tudo isso entremeado por uma ‘oralidade’ meio analfabeta mas (ou por isso mesmo) muito sábia que excita e deslumbra” (p.11).

As “histórias para se contar a noite” e fábulas eram consideradas importantes e muito apreciadas na época dos califas abácidas. Elas tinham dupla função: entreter e ensinar. Os califas abácidas se referem à linhagem de líderes da comunidade da linhagem do tio de Maomé: ‘Abbas. Os abácidas alegavam governar por autoridade divina, como membros da família do Profeta (HOURANI, 1991).

Maomé nasceu em Meca, sua família pertencia à tribo dos coraixitas. Em torno de seus quarenta anos recebeu uma mensagem que dizia ter vindo de um anjo de Deus que lhe instruíra a propagar a mensagem de que o mundo iria acabar. Se durante a vida o

indivíduo se submetesse à Vontade de Deus, com a prece regular, benevolência e contenção sexual, ele seria recompensado com os prazeres do Céu. Caso contrário iria viver as dores do Inferno. O nome dado a Deus era “Alá”, hoje o termo é usado tanto para cristãos quanto judeus de língua árabe para o nome de Deus (HOURANI, 1991).

Aos poucos o grupo de seguidores de Maomé começou a aumentar, e em 622 ele deixou Meca e foi para um oásis que passou a ser conhecido como Medina. Esse episódio é conhecido como a hégira, que tinha o intuito da busca de proteção e o estabelecimento em um lugar próprio.

Quando Maomé morreu em 632 havia três principais grupos de seguidores: os primeiros companheiros de Medina que haviam feito a hégira com ele, homens importantes de Medina e membros das principais famílias de Meca. Conflitos e tensões em relação às sucessões geraram brigas internas no islamismo que perduram até os dias de hoje (sunitas e xiitas).

Nos séculos XVI e XVIII a maior parte do mundo muçulmano foi integrado em três grandes impérios: dos otomanos, safávidas e grão-mongóis. Apesar da fusão, o Império Otomano incluiu a maior parte dos países de língua árabe, se tornou em Estado burocrático:

“contendo diferentes regiões dentro de um único sistema administrativo e fiscal. Preservou a lei religiosa, protegeu e ampliou as fronteiras do mundo muçulmano, guardou as cidades santas da Arábia e organizou peregrinações nelas. Deu um status reconhecido às comunidades cristã e judaica” (HOURANI, 1991, p.215)

No século XIX a Europa dominou toda a região árabe, o governo otomano adotou novos códigos e modos de organização baseados nos da Europa, porém após um tempo o Egito, Tunísia, Marrocos e Líbia passaram a estar sob controle europeu. O Império Otomano tornou-se mais um estado turco-árabe. Apesar da cultura legal e religiosa do Islã ser preservada, surgiram novas ondas de pensamento disseminados em escolas, jornal e periódicos enfatizando a força da Europa e suas crenças.

A primeira edição da Obra das Mil e Uma Noites foi organizada em dois volumes e publicada em 1814 e 1818 em Calcutá. Segundo Jarouche (2005), “foi objeto de curiosas apropriações, nitidamente associadas ao imperialismo britânico” (p.29). Na introdução o editor recomendava a leitura para aqueles que quisessem aprender a falar com a fluência dos árabes.

A segunda principal edição foi a de Breslau, publicada nesta cidade alemã entre 1825 e 1843, em 12 volumes. Ela apresenta a peculiaridade de ser completa, sendo composta de 1001 noites. Ela foi considerada uma fraude, pois seu primeiro e principal responsável, Maximilian Habicht, alegou estar reproduzindo um manuscrito tunisiano que na realidade jamais existiu. A obra foi importante para a publicação de muitos contos árabes, que estariam confinados em manuscrito. E também para os acréscimos e modificações realizados por Jean-Antoine Galland em sua tradução no final do século XVIII (JAROUCHE, 2005).

Com o término da Primeira Guerra Mundial, foi decretado também o desaparecimento final do Império Otomano. A Turquia se tornou um Estado independente. As províncias árabes foram colocadas sob domínio britânico ou francês. Em alguns países tentou-se um acordo visando certa autonomia, apesar de limitada, outros continuaram sendo de oposição. O governo britânico estimulou os judeus à criação de um lar nacional judeu da Palestina, o que afetou a opinião de todos os países de língua árabe.

Com a derrota da França na Segunda Guerra Mundial e os ônus financeiros da Guerra houve o fim nas décadas seguintes do domínio britânico e francês dos países árabes. Nas décadas de 1950 e 1960 uma idéia dominante do nacionalismo árabe se espalhou no mundo árabe pregando uma maior união entre os países, independência das superpotências e reformas sociais para maior igualdade. Tal idéia foi encarnada pelo governante do Egito Gamal ‘Abd al-Nasser. Porém a derrota do Egito, Síria e Jordânia na guerra de 1967 com Israel enfraqueceu os planos e enfatizou a desunião entre os países árabes bem como a dependência de superpotências.

6.1 Imagens da Mulher Árabe

Após 1967, muitas mudanças ocorreram nos países árabes. A diferença social entre ricos e pobres aumentou cada vez mais, o papel da mulher e mudanças na estrutura familiar suscitaram transformações. Um dos principais fatores para a nova posição da mulher foi a disseminação da educação: em todos os países, mesmo nas sociedades mais conservadoras da península Arábica as meninas agora iam para a escola. Havia no nível primário em alguns países tantas meninas quanto meninos nas aulas. O grau de alfabetização entre as mulheres aumentou e a gama de trabalhos se alargou.

Com a migração dos homens do campo para outras cidades ou países produtores de petróleo, as mulheres passaram a cuidar da terra e do gado enquanto seus maridos ou famílias estavam fora. Na cidade as fábricas modernas empregavam mulheres, porém o trabalho era em condições precárias e elas eram as primeiras a ser demitidas caso houvesse a necessidade. As mulheres não qualificadas arranjavam emprego como empregadas domésticas e as com nível completo de escolaridade nas repartições públicas, principalmente em cargos secretariais. Também aumentou o número de mulheres profissionais liberais: advogadas, médicas, assistentes sociais (HOURANI, 1991).

Na Tunísia, Iêmen do Sul e Iraque havia um pequeno número crescente de mulheres em altos níveis de responsabilidade no governo que faziam um esforço deliberado para romper com o passado e criar uma sociedade moderna. Porém só uma pequena proporção de mulheres era empregada fora de casa e em quase todos os níveis ficavam em desvantagem na competição com os homens, apesar das mudanças (HOURANI, 1991).

Em virtude da educação e emprego as mulheres passaram a casar mais tarde, mais ou menos aos 20 anos e o véu passou a ser menos comum do que antes. A Arábia Saudita sempre foi mais rígida e conservadora do que os outros países do Oriente Médio, na mesma época as mulheres conquistaram o direito de trabalhar como professoras, mas não em repartições públicas ou outros lugares onde pudessem se misturar com os homens (HOURANI, 1991).

A poligamia se tornara mais rara em toda parte, sendo abolida na Tunísia. Na Tunísia e Iraque tornara-se mais fácil a mulher pedir a dissolução do casamento, porém manteve-se o direito do marido se divorciar da mulher sem apresentar motivos e sem processo legal, bem como o direito da custódia do filho após certa idade.

Em alguns países a lei de idade mínima para casamento foi elevada. Apesar de mudanças nas leis, não necessariamente os costumes sociais mudaram já que iam contra costumes já arraigados profundamente que afirmavam e preservavam o domínio do homem.

“Que as meninas deviam casar cedo, que seus casamentos fossem arranjados pela família, e que as esposas pudessem ser facilmente repudiadas eram ideias firmemente enraizadas, preservadas pelas próprias mulheres; a mãe e a sogra eram muitas vezes pilares do sistema.” (HOURANI, 1991, p. 438)

Um número crescente de mulheres não aceitava o sistema e queria o direito de igualdade e se mudanças sociais. Surgiram muitas romancistas e escritoras com obras polêmicas amplamente difundidas. Paradoxalmente, no início dos anos 1980 houve um movimento feminino contrário, em que mulheres cobriam os cabelos, rostos e evitavam misturar-se profissionalmente e socialmente com os homens.

“Isso era mais um sinal de afirmação de sua identidade do que poder do homem. As que tomavam esse caminho muitas vezes não vinham de famílias onde segregação era a regra, mas faziam isso como um ato de escolha deliberada, resultante de uma certa visão do que devia ser uma sociedade islâmica, e em certa medida influenciada pela revolução iraniana.” (HOURANI, 1991, p. 439).

O conflito entre mulheres que buscavam acentuar a tradição e de outras que buscam liberdade e direitos iguais se mantém hoje nos países árabes. Segundo Haddad (2011) atualmente ser árabe significa ser hipócrita:

“Significa que não pode viver o que realmente quer viver, nem pensar de maneira honesta, espontânea e inocente. Significa que você está dividido, proibido de falar a verdade nua e crua, porque a maioria árabe depende de uma teia de mentiras e ilusões reconfortantes. Significa que sua vida e histórias tem que ser abafadas, tolhidas e codificadas; reescritas para agradar os guardiões vestais da cultura árabe, para que estes possam ficar sossegados em relação ao fato de o delicado “hímen” árabe estar protegido do pecado, da vergonha, da desonra ou da mancha.” (HADDAD, 2011, p. 17)

Márcia Dib, em entrevista concedida à Revista Shimmie (2012), adverte que é necessário cuidado ao falar sobre a mulher árabe, assim como as mulheres europeias, americanas ou brasileiras não há uma unanimidade, cada mulher é única em sua subjetividade. Para falar sobre uma mulher árabe é necessário avaliar uma série de aspectos: onde ela nasceu e como a sociedade de estrutura nesse local; a que grupo social- étnico- religioso e econômico ela pertence; se ela tem ou não acesso aos estudos; se ela tem acesso às informações da sociedade; a quais regras ela está exposta; qual o nível de liberdade de ação que ela possui; estórias familiares; estória de vida e etc.

Segundo Márcia Dib, a imagem da mulher árabe submissa é uma construção mais relacionada ao machismo do que com qualquer religião ou grupo específico. Em alguns grupos religiosos é disseminada a idéia de que o homem possui um papel de protetor e provedor da família, enquanto a mulher é responsável por outras atividades, gerando então uma relação de completude e equilíbrio, porém alguns grupos ou pessoas machistas interpretam tais idéias como uma autorização para humilhar e submeter a mulher. Neste sentido, a interpretação social, cultural e pessoal que leva à uma atitude de subjugação em relação a mulher, e não a regra religiosa em si. Muitas vezes a mulher se coloca e se posiciona de um jeito sutil habilidoso, que a cultura ocidental tem dificuldade de perceber já que é uma sociedade em que tudo precisa estar às claras, que é necessário falar alto, “não falar alto nem sempre quer dizer que você não tem voz” (DIB, 2012).

Em relação ao uso de véu, Dib (2012) explica que somente as mulheres muçulmanas deveriam usar para não mostrar sua beleza em público e por recato, já que o cabelo é considerado muito atraente e sensual. É uma decisão que deveria ser só da

mulher perante Deus, ninguém deveria obrigá-la a usar. Porém, muitas vezes, há uma pressão social ou familiar que a incentiva a usar já que “todas as mulheres usam”. O véu também representa de onde a mulher é, sua religião, classe social, se reside em uma área urbana ou rural, ou seja, é uma maneira de identificação e pertencimento social. Os homens muçulmanos também deveriam usar, e muitos usam, roupas largas que não mostrem o corpo e um lenço na cabeça, pelos mesmos motivos.

A a questão do casamento entre indivíduos de religiões diferentes ainda causa incômodo, principalmente por causa da criação dos filhos. Cada religião estrutura suas crenças de um modo único, formando um corpo de ensinamentos consistente e integrado. O grau de devoção pode influenciar bastante o comportamento de determinado indivíduo (DIB, 2012).

Na religião muçulmana os homens podem ter diversas mulheres pois a monogamia não é uma de suas condições. O casamento não é considerado um sacramento, mas sim um ato civil para construção de uma família. A lógica do islamismo é a praticidade, não o romantismo. Porém tanto a noiva quanto o noivo devem concordar com as condições e assinar um contrato selando seu consentimento. Os homens são considerados protetores e provedores, devem tratar suas mulheres de forma igualitária tanto em relação à atenção quanto em relação aos aspectos financeiros (DIB, 2012).

Dib (2012) pontua que hoje a mulher árabe tem mais acesso à informação, liberdade de escolha e direitos como cidadã, apesar das mudanças não serem homogêneas. Assim como no mundo todo, as mulheres tem se voltado aos estudos e profissão, podendo alcançar postos de comando. Elas também tem tido mais liberdade em relação ao casamento, podendo escolher melhor seus passos.

7. Objetivo

- Entender a dinâmica da relação masculino-feminino na história de Sherazade na obra das Mil e Uma Noites sob a ótica da psicologia analítica.

8. Método

As ciências naturais, cuja base é a matemática, têm como objetivo a busca de explicações sobre os fenômenos por meio das relações causais. Já as ciências humanas buscam a compreensão de fenômenos humanos e sociais por meio das relações de significado.

“Para o pesquisador qualitativo não bastam os factos (dados), mas é preciso a imaginação (a interpretação) para compreender o que querem dizer para os indivíduos e a cultura” (TURATO, 2000, p.93).

A busca de significado que o fenômeno ganha consiste na atenção aos significados atribuídos por um indivíduo ou determinado grupo (TURATO, 2000).

PESQUISA QUALITATIVA

A abordagem desta pesquisa seguirá os pressupostos da pesquisa qualitativa, tendo, portanto, caráter compreensivo e interpretativo com o objetivo de buscar significados e finalidades na produção de conhecimento.

“O método qualitativo parece ser o mais adequado às ciências humanas, em geral, e para a psicologia em particular. Mesmo quando se lança mão de dados quantitativos, os métodos de produção de conhecimento em psicologia são predominantemente qualitativos, em função de sua finalidade compreensiva e interpretativa dos fenômenos numa perspectiva psicológica. A produção de conhecimento em psicologia decorre essencialmente das tentativas de compreensão do ser e do mundo em seus aspectos psicológicos.” (PENNA, 2004, p.80)

O método qualitativo foi escolhido devido à sua coerência com a ontologia e epistemologia da psicologia analítica. A perspectiva ontológica analítica, visão de homem e de mundo, compreende o consciente e inconsciente como complementares de uma totalidade. Do ponto de vista epistemológico, possibilidade/limites do

conhecimento e relação entre pesquisador e objeto de estudo, o conhecimento e o autoconhecimento são inseparáveis. Tanto sujeito e objeto participam ativamente do conhecimento. A essência da psicologia analítica é iluminar o inconsciente e trazer conteúdos à consciência (PENNA, 2004).

A necessidade de reflexões é intrínseca ao paradigma junguiano. Sua proposta metodológica visa investigar os fenômenos tanto por uma ótica objetiva, quanto subjetiva da realidade. A abordagem qualitativa, portanto, vai de encontro com as especificidades da psicologia analítica, que enfatiza a importância da abordagem que preze o sentido e significado dos fenômenos e dinâmicas a serem explorados.

PROCEDIMENTO

Será analisada a trajetória da personagem Sherazade, na relação com o rei Shariar, na obra Mil e Uma Noites. A versão escolhida para análise foi a de Mamede Mustafa Jarouche que traduziu as narrativas de Sherazade diretamente de manuscritos árabicos. Os trechos analisados foram transcritos no Anexo 1 e fazem parte do livro 1, lançado pela Editora Globo em 2005, e do livro 4, lançado pela Editora Globo em 2012.

Devido à vasta extensão da obra Mil e Uma Noites, não serão analisados todos os contos e narrativas, mas os trechos que dizem respeito a personagem Sherazade do início e final da obra. Os trechos escolhidos compreendem do início da obra até o momento em que Sherazade se casa com o Rei Shariar – antes de ela contar para ele a primeira história - (2005, p.37-56), cujos capítulos são: a introdução, “o gênio e a jovem sequestrada” e “o burro, o boi, o mercador e a esposa”. E o desfecho, depois que Sherazade fica 1.000 noites com o rei (2012, p.526 - 533).

O tradutor Mamede Mustafa Jarouche traduziu os nomes dos personagens conhecidos em outras versões como Sherazade, Shazanan e Shariar respectivamente como Šāhrazāde, Šāhzamān e Šāriyār. Neste trabalho serão mantidos o primeiro grupo de nomes para fins de resumo, análise e discussão já que são estes mais conhecidos e utilizados na língua portuguesa. Os nomes do segundo grupo traduzidos por Jarouche (2005 e 2012) serão mantidos apenas no Anexo 1 já que foi a versão escolhida para transcrição de trechos.

COMPREENSÃO DOS DADOS

Os mitos, lendas, contos e narrativas podem ser considerados sonhos coletivos. Dão subsídios para entender o desenvolvimento psíquico, ajudando o indivíduo a se tornar consciente de seu lugar no mundo. O conto carrega características arquetípicas, ou seja, possibilidades de vivência. O conto diz muito da cultura em que foi criado mas também da humanidade como um todo, já que trata de temas universais (VON FRANZ, 1990).

Apesar de o inconsciente não ser passivo de observação direta ele pode ser conhecido a partir de suas manifestações simbólicas arquetípicas. O símbolo é a ponte entre o consciente e o inconsciente. A relevância de um fenômeno pode ser avaliada por seu valor simbólico coletivo e individual. O fenômeno é apreendido a partir da observação e da auto-observação sendo ambos transformados a partir do conhecimento (PENNA, 2004).

O conto é um meio de captar conteúdos conscientes e inconscientes. Para “compreender o fenômeno é necessário que ele passe pelas etapas de tradução, interpretação, elaboração e integração à consciência conhecedora” (PENNA, 2004, p.82). O processamento simbólico tem o intuito de ampliar e aprofundar os significados do símbolo por meio de associações, analogias e busca de sentido.

A interpretação do conto deste trabalho teve como base o processo proposto por Von Franz (1990). Assim como se trabalha com a interpretação do sonho, o conto foi dividido em vários aspectos, sendo o primeiro deles a exposição (tempo e lugar). Em seguida foram analisadas as pessoas envolvidas na história. Bem como o início do problema e sua natureza. Depois foi observada a peripeteia, ou seja, os altos e baixos da história.

Von Franz (1990) aponta que pode haver muitas peripeteias ou somente uma, sendo o clímax, o ponto decisivo. Esta parte é onde ou todo enredo se desenvolve para uma tragédia ou dá tudo certo, é o ponto alto da tensão. Segundo a autora em algumas histórias primitivas não há conclusão feliz nem catástrofe, a história simplesmente cessa. Em outras pode haver um final ambíguo. Todos estes aspectos fazem parte da estrutura do material e foram considerados na análise.

Em um segundo momento alguns elementos, em destaque, da história foram amplificados. “Amplificar significa alargar um tema através da junção de várias versões análogas” (VON FRANZ, 1990, p. 53). O último passo foi a interpretação da história propriamente dita, ou seja, a tradução da história amplificada para a linguagem psicológica.

Pelo fato de os capítulos “O gênio e a jovem sequestrada” e “O burro, o boi, o mercador e sua esposa” serem contos paralelos à história de Sherazade e fazerem parte do desenvolvimento do problema da obra, os personagens neles envolvidos serão igualmente analisados. Porém, a peripeteia de tais contos não será apresentada separadamente, mas junto com a caracterização dos personagens em questão.

9. Resumo da obra Mil e Uma Noites

Em tempos remotos, no reino sassânida, havia dois reis: o maior chamado Shariar e o menor chamado Shazanan. Shariar dominou as regiões mais recônditas e os súditos mais renitentes, entronizando como sultão da terra de Samarcanda seu irmão mais novo. Após dez anos sem se verem, Shariar convida seu irmão para passar alguns dias em seu palácio. Após preparação para a viagem, Shazanan flagra sua esposa dormindo abraçada na cama com um ajudante da cozinha. Shazanan, tomado pela ira, os mata e parte para a casa de seu irmão.

Shazanan permanece por dias quieto, abatido e sem apetite. Durante uma viagem de Shariar, Shazanan flagra sua cunhada fazendo sexo com um escravo que mora fora do palácio. Shazanan percebe que ele não é o único a ser “vítima” de uma catástrofe e muda seu semblante, recuperando seu vigor. Shariar percebe a súbita mudança de humor de Shazanan e o questiona, obrigando-o a contar o que lhe sucedera. Shariar, incrédulo do ocorrido, pede para ver com seus próprios olhos a traição da esposa. Os irmãos fingem que vão viajar e flagram a infidelidade da esposa de Shariar.

Os dois saem do palácio dispostos a voltarem para seus postos apenas se acharem alguém mais infeliz do que eles. No caminho, eles encontram uma mulher que prova que ninguém pode controlar as mulheres quando elas desejam algo. Shariar, assustadíssimo, retorna ao seu reino e decide se casar a cada noite com uma mulher e matá-la ao amanhecer.

Uma série de mortes se sucedem até que Sherazade, filha do vizir de Shariar, se voluntaria para casar com o rei contra a vontade do pai. Ela tem um plano e o coloca em prática com ajuda de sua irmã Duniyade. Toda noite ela começa a contar uma história e para no meio, atiçando a curiosidade do rei que conseqüentemente permite que ela viva mais uma noite para acabar a história. Quando se completaram 1.000 noites Sherazade interrompeu a contação de histórias. Shariar teve sua cólera aplacada e o coração serenado, se arrependeu de ter matado as mulheres do reino e passou a admirar Sherazade. Os dois renovam os votos do casamento e seus irmãos Duniyade e Shazanan se casam. Os quatro passam a viver juntos e tornam-se inseparáveis.

10. Análise

A análise do material, anexo 1, foi dividida em três etapas. A primeira consiste na organização da estrutura (esqueleto) do conto: tempo, lugar, personagens, problema, clímax e final. A segunda etapa contém amplificações, dos símbolos do conto, derivadas de filmes, histórias, livros e dicionário de símbolos. A terceira etapa se refere ao estudo do sentido psicológico, dos símbolos do conto, baseado na revisão bibliográfica apresentada anteriormente.

I) Estrutura

- a) **Tempo:** Tempos remotos.
- b) **Lugar:** Reino sassânida (persa), nas penínsulas da Índia e da Indochina.
- c) **Personagens (ordem de aparecimento):**
 - 1) **Deus:** sábio, conhece o que já é ausência.
 - 2) **Rei Shariar:** irmão mais velho, cavaleiro poderoso, um bravo campeão que não deixava apagar-se o fogo de sua vingança. Dominou as regiões mais recônditas do país e os súditos mais renitentes. Proclamou como sultão, no governo da terra de Samarcanda, seu irmão Shazanan.
 - 3) **Rei Shazanan:** irmão mais novo, governante da terra de Samarcanda.
 - 4) **Vizir:** Tem duas filhas Sherazade e Duniazade. Trabalha para Shariar e faz tudo o que ele pede.
 - 5) **Sherazade:** filha mais velha do vizir. Bela, estudiosa e inteligente tinha lido livros de sabedoria, medicina, poesias e crônicas históricas. “Conhecia tanto os dizeres de toda gente como as palavras dos sábios e dos reis” (sic).
 - 6) **Duniazade:** filha mais nova do vizir.
 - 7) **Esposa do Rei Shazanan:** dormiu abraçada com um rapaz da cozinha.
 - 8) **Rapaz da cozinha:** ajudante na cozinha, dormiu com a esposa do rei Shariar.
 - 9) **Camareiros do Rei Shariar:** lavaram, limparam e mobiliaram o palácio para a chegada do rei Shazanan.

- 10) **Esposa do rei Shariar:** se requebra como uma gazela de olhos vivos, chamava pelo escravo Mascud quando seu marido viajava para caçar.
- 11) **Vinte criadas (dez brancas e dez negras):** eram concubinas e criadas do rei Shariar. As dez escravas negras na verdade eram homens que se vestiam com trajes femininos.
- 12) **Mascud:** escravo negro que vivia além dos muros do palácio. Para entrar no palácio ele pulava pelas árvores quando era chamado pela esposa do rei Shariar.
- 13) **Soldados:** acompanhavam o rei Shariar nas viagens de caça.
- 14) **Ifrit preto:** Surgiu com um grito, com um brado violentíssimo. É um ser gigante, criatura sobre-humana e maligna. Trazia consigo um baú de vidro com quatro cadeados de aço em que guardava uma mulher que tinha raptado na noite de seu casamento.
- 15) **Mulher aprisionada pelo ifrit:** bela jovem de membros gentis. Tem um doce sorriso no rosto de lua cheia. Foi raptada pelo ifrit na noite de seu casamento, trancafiada em um baú de vidro com quatro cadeados de aço. Força os irmãos Shariar e Shazanan a “copularem” (sic) com ela sob chantagem de acordar o ifrit e pedir que ele os matasse. Apesar de estar sob posse do ifrit dormiu com 100 homens, pois “quando a mulher deseja alguma coisa ninguém pode impedi-la” (sic).
- 16) **Filha de nobres (Esposa 2 do rei Shariar):** casou com o rei e foi morta ao amanhecer.
- 17) **Filha de um chefe militar (Esposa 3 do rei Shariar):** casou com o rei e foi morta ao amanhecer.
- 18) **Filha de um mercador (Esposa 4 do rei Shariar):** casou com o rei e foi morta ao amanhecer.
- 19) **Mercador próspero:** Vivia no interior, inteiramente dedicado à lavoura. Conhecia a linguagem dos animais, porém se revelasse o segredo a alguém seria morto. Sua esposa pede para ele lhe revelar seu segredo não se importando com sua morte. Ele segue o conselho do galo e bate nela para que mudasse de idéia.

- 20) **Esposa do mercador:** preferia que o marido morresse que a conviver com sua curiosidade. Apanha do marido e no final muda de idéia a respeito de querer saber seu segredo.
- 21) **Boi:** Era mal alimentado, dormia na sujeira, trabalhava o dia inteiro e sofria com as surras do lavrador. Queria conforto e aceitou conselhos do burro para que sua vida fosse menos sofrida. Se fingiu de doente e escapou de um dia de labuta, no final ficou amedrontado com a possibilidade de ser morto.
- 22) **Burro:** recebia serviços de escovação e limpeza. Era cuidado e bem alimentado. Aconselhou o boi para que ele pudesse desfrutar do conforto mas acabou se prejudicando pois teve que assumir o trabalho do boi enquanto o último se fingia de doente. No final desenvolveu uma estratégia para que o boi voltasse a trabalhar: falou que se ele não voltasse seria morto por um açougueiro.
- 23) **Lavrador:** trabalhava para o próspero mercador. Era responsável pela lavoura e por garantir que os animais fossem úteis, batia neles se fosse necessário para que produzissem.
- 24) **Cachorro:** respeitoso, empático pelo mercador.
- 25) **Galo:** “possuira várias galinhas” (sic). Dá a idéia para o cachorro de que o mercador deveria espancar sua esposa com vara até que suas mãos e pés se quebrassem para que ela não o contradissesse mais.
- 26) **Vizires, maiores do governo e gente importante:** No final apoiam e ficam felizes com o reinado de Shariar.
- 27) **Juiz e testemunhas:** Reconhecem os casamentos dos reis Shariar e Shazanan.
- 28) **Povo:** Estavam indignados com a atitude do rei Shariar de matar suas filhas. No final ficam felizes com os casamentos dos reis.
- d) Problema:** Shariar ficou com raiva e medo das mulheres, pois se deparou com três casos de infidelidade feminina. Ao concluir que todas as mulheres eram perversas e desleais passou a casar cada noite com uma mulher diferente e pela manhã pediu ao vizir para que as matasse.

- e) **Clímax:** Sherazade, apesar da desaprovação do pai e tentativa de dissuadi-la, se casa com o rei Shariar e coloca seu plano em prática para que as mortes das mulheres do reino cessassem.
- f) **Final:** Sherazade conta um pedaço de história por noite para o rei Shariar. Ele prorroga sua morte para saber os finais das histórias até que se passam 1.000 noites e então ele demonstra sua admiração por Sherazade e perdoa todas as mulheres, demonstrando arrependimento pelas mortes anteriores. Shariar casa novamente com Sherazade na presença de um juiz e testemunhas e Shazanan casa com Duniazade sob a condição de Sherazade que a irmã continuasse morando perto dela. O vizir é nomeado governante de Samarcanda. Os reis Shariar e Shazanan passam a dividir o reino e, após entrarem em acordo, passaram a governar cada dia um. “O coração dos súditos se alegra com tal situação, bem como as suas esposas irmãs, e o amor entre eles se tornou perfeito e insuperável, e tão grande era que não suportavam estar separados uns dos outros. Os impostos sobre mercadores e viajantes foram revogados. Historiadores e copistas foram chamados para que escrevessem sobre o que sucedera no reino e todas as histórias, crônicas e anedotas que Šāhrazāde contara” (sic).

II) Amplificação

Início Masculino

No início da história, após Deus ser louvado é apresentado o personagem Shariar, descrito como: poderoso cavaleiro, vingativo, bravo campeão que dominou regiões e súditos e entronizou seu irmão Shazanan como sultão no governo de Samarcanda, enquanto ele próprio se estabeleceu na Índia e Indochina. Esta é a situação psicológica da abertura: Deus todo-poderoso que domina o mundo, o irmão maior que domina o Reino Sassânida e o irmão menor que governa a região de Samarcanda. É um contexto inicial puramente masculino, o elemento feminino que existe numa família completa não está representado.

Nas sociedades primitivas o rei possui características mágicas. Alguns chefes são tão sagrados que não podem nem tocar na terra, por isso, são carregados pelo seu povo. Em algumas tribos os reis nunca são vistos por causa de um tabu de quem olhar para a

face do rei morre. Em outras tribos o prato que o rei come nunca pode ser tocado, deve ser jogado fora. “De alguns chefes é dito que suas vozes são como trovões e que de seus olhos emanam raios.” (VON FRANZ, 1990, p.61).

Em muitas sociedades primitivas a prosperidade do país é relacionada ao rei, depende de sua sanidade física e psíquica. “O chefe ou rei incorpora um princípio divino, do qual depende o bem-estar físico e psíquico de toda nação” (VON FRANZ, 1990, p.62).

O rei é associado à encarnação do princípio divino. Estas características podem indicar uma relação do símbolo do rei com o Self, porque na ontologia da psicologia analítica ele é o centro do sistema autorregulador da psique, do qual depende o bem-estar do indivíduo (VON FRANZ, 1990).

Inicialmente não aparece se Shariar tem uma esposa, tampouco Shazanan. A rainha representa os aspectos femininos, ou seja, as emoções e sentimentos que são a contraparte do símbolo do rei. Se o rei for pensado como representação do conteúdo simbólico dominante da consciência coletiva, a rainha seria o elemento feminino correspondente. Enquanto a imagem do rei dominaria a civilização com determinados hábitos ou estilo de vida, a rainha dominaria a civilização como forma de viver e sentir, influenciando o relacionamento das pessoas com as outras (VON FRANZ, 1990).

O medo do feminino

A esposa de Shazanan aparece na história quando, dez anos depois, o rei Shariar sente saudades de seu irmão e manda seu vizir chamá-lo. Shazanan flagra sua esposa dormindo abraçada com um rapaz da cozinha, ele não tolera a deslealdade da mulher e a mata. A imagem da rainha desleal revela uma imagem do feminino não confiável, ameaçador, que deve ser exterminado. Neste ponto da história é possível pressupor que a história trata da problemática de uma atitude coletiva dominante na qual o relacionamento com o feminino, com o inconsciente, com o irracional deve ser eliminado por este ser considerado negativo e imprevisível.

A rainha estava dormindo com um rapaz da cozinha. Pode-se pensar que a cozinha está relacionada ao alimento, à nutrição, ao afeto. O que é enfatizado pelo fato de que estavam dormindo abraçados. É possível presumir que a rainha estivesse interessada em um tipo diferente de masculino, não no marido todo poderoso, mas no simples ajudante de cozinha afetuoso. A escolha da esposa de Shazanan, por um modelo de masculino diferente de seu marido, pode ser pensada como um sintoma de que a consciência

coletiva unilateral precisava ser transformada. Porém a atitude da esposa de Shazanan não foi refletida como sendo um pedido ou um sinal, foi vista por Shazanan como uma afronta e instigou nele a necessidade de se afastar ainda mais do feminino, subjugando-o e “matando-o com uma espada.”

É interessante notar que durante dez anos o reino permaneceu do mesmo jeito, o problema e clímax da história só aparecem depois de tal período de tempo. Para os pitagóricos, o número dez era considerado o mais sagrado dos números, era o símbolo da criação universal. Sendo a *Tetraktys* (triângulo de dez pontos) considerada fonte e raiz da eterna natureza, uma imagem da totalidade de movimento. O número dez tem o sentido de volta à unidade, depois do desenvolvimento do ciclo dos nove primeiros números (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009). Na história, o período que se inicia após os dez anos pode ser considerado o início de um novo ciclo.

Shazanan se sente vítima de uma catástrofe que só ocorreu com ele e com mais ninguém. Sua dor só é aliviada quando percebe que aconteceu com seu irmão uma situação pior do que a dele. Os grupos de apoio como o “*Alcoólatras Anônimos*” ou “*Mulheres que amam demais*” são uma irmandade de indivíduos que compartilham entre si suas experiências, forças e esperanças a fim de lidarem com seus problemas e ajudarem o outro. Estes grupos tem efeito terapêutico na medida em que o indivíduo percebe que não está sozinho, que outros estão vivendo uma situação parecida com dele. O relato dos outros integrantes funciona como se fosse um espelho para o indivíduo, em que ele ve no outro um reflexo de si-mesmo. O mesmo processo acontece com o rei Shariar, a partir dos contos de Sherazade, ele tem sua cólera apaziguada “se com os califas e reis sassânidas ocorreu pior do que ocorreu comigo, vou parar de me autocensurar” (sic).

Voltando à história, ao visitar Shariar, enquanto este estava em uma viagem de caça, Shazanan flagra sua cunhada e escravas participando de uma orgia com escravos que estavam vestidos com trajes femininos. O princípio feminino é novamente visto como ameaçador e não confiável. Assim como a esposa de Shazanan, a esposa de Shariar não tem nome, o que revela uma relação de posse com as mulheres já que as rainhas não tem nome mas são conhecidas como esposas de seus maridos. A falta de nome também representa a falta de discriminação, o processo de nomear consiste em diferenciar, distinguir e especificar. O princípio feminino parece estar completamente indiscriminado, sendo elas consideradas “todas iguais”.

Os dez escravos negros, que estavam fantasiados de mulher, se unem as dez escravas brancas. A rainha se une ao escravo negro Mascud que mora muros afora e quando chamado pela rainha entra no palácio pelas árvores. Ele é um homem misterioso, não pertence ao ambiente da rainha, vai até seu encontro para se unirem sexualmente e depois sai pelas árvores como um animal. Neste quadro, o escuro se une com o claro, o masculino se une com o feminino, o animalesco se une com a realeza. Pode-se considerar as doze uniões de opostos como uma compensação para a consciência coletiva unilateral. Doze é o número das divisões espaço-temporais: é o produto dos quatro pontos cardeais pelos três planos do mundo. O ano é dividido em doze meses, o céu é dividido em doze signos do zodíaco. O número doze, portanto, simboliza o universo no seu curso cíclico espaço-temporal (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009).

Shazanan conta para seu irmão sobre a infidelidade de sua esposa, ele então pede para ver com seus próprios olhos. Após flagrar a cena de orgia, Shariar, a princípio, não mata a esposa, combina com o irmão de abandonarem seus postos e perambularem pelo mundo, só voltando se achassem alguém mais desafortunado do que eles. Quando chegaram à orla do mar são surpreendidos por um ifrit que guardara uma mulher em um grande baú de vidro com quatro cadeados de aço. O ifrit a libertou e pôs-se a dormir em seu colo. Ela pediu aos reis que descessem da árvore e fossem até ela, os reis com medo não queriam ir mas ela os chantageou dizendo que se não fossem iria acordar o ifrit, eles então foram ao seu encontro e “copularam e a satisfizeram” (sic) conforme ela tinha pedido. Ela então lhes pediu seus anéis para juntar aos seus outros noventa e oito que representavam o número de homens que “a possuíram” (sic). Os reis voltaram as suas cidades já que o ifrit, um ser extremamente poderoso, não viu sua mulher o traindo com cem homens. O número cem representa uma parte que forma um todo dentro de um todo, assim como o número dez, é o número da conclusão de um ciclo e início de um novo.

Esta terceira mulher reforça a idéia dos irmãos de que as mulheres são todas infiéis e enganadoras. Parece que quanto mais poderoso o homem é, maior é a catástrofe que lhe acomete. Os irmãos percebem que ser poderoso não os impede de serem traídos. A terceira mulher, como a esposa de Shariar e de Shazanan, não tem nome. Ela foi raptada no dia de seu casamento, trancafiada em um baú de vidro com quatro cadeados no meio de um mar revolto. Apesar de estar sob posse do ifrit, ao dormir com cem homens ela

prova que “quando uma mulher deseja algo ninguém pode impedi-la” (sic). Na narrativa, os irmãos ficam assustadíssimos com a atitude da personagem, como se ela fosse mais poderosa do que o próprio ifrit.

Segundo Neumann (2000), um dos aspectos da Grande Mãe é a mãe terrível que o ego tem que enfrentar para se desenvolver assim como o homem primitivo teve que lidar com as intempéries da natureza. A tentativa de dominação e a subjugação é um modo de lidar com o medo do feminino, que pode ser identificado nos reis Shariar e Shazanan. Já que as mulheres, até então, são vistas por eles como poderosas, incontroláveis, desleais, perversas e infiéis. O significado da infidelidade das três mulheres parece ser completamente diferente, sendo que o da terceira personagem se mostra como uma vingança pela dominação do ifrit a quem considera “nojento” (sic). Porém tal discriminação não é importante para os reis, eles não estão interessados em seus motivos, seus nomes e suas histórias, mas no sentimento de traição do qual se sentem vítimas.

O masculino em sua faceta negativa: o animus destruidor

Voltando ao palácio, Shariar manda o vizir matar suas esposa e ele mesmo mata as vinte criadas, substituindo-as por novas. Shariar resolve só se manter casado por uma noite, assim estaria livre da perversidade e deslealdade das mulheres. Primeiro ele se casa com a filha de um nobre, em seguida com a filha de um de seus chefes militares, depois com a de um mercador e os dias que se seguiram com outras “filhas de homens importantes”. Shariar pode ser comparado neste aspecto ao Barba Azul, porém este último personagem matava suas esposas escondido e trancava os cadáveres em um quarto. O rei Shariar estabeleceu a regra que seus casamentos durariam apenas uma noite mas quem executava as esposas era o vizir, todos sabiam da matança e se revoltavam com a situação. Assim como Barba Azul, o rei Shariar se torna um predador sem qualquer empatia pelas mulheres com quem casa, ele pode ser visto como a manifestação do animus negativo.

Neste momento da história é caracterizada a personagem Sherazade, filha do vizir. Ela é descrita como sendo inteligente, culta e sábia, distoando das mulheres apresentadas anteriormente na obra. Ela pede ao pai para se casar com o rei, quer salvar

o destino das mulheres do reino ou morrer tentando. Sherazade se sacrifica ao pedir para casar com Shariar em prol de todas as mulheres, que restaram, do reino. Ao contrário de *Ifigênia* que se sacrifica a pedido do pai, Sherazade se sacrifica contra a vontade do pai. *Ifigênia* serve aos homens com sua obediência, é posse do pai. Sherazade escolhe se tornar posse do rei para redimir as outras mulheres, mas para que o sacrifício não seja em vão ela tece um plano, tem uma estratégia.

A heroína e a possibilidade de transformação

Em um outro conto árabe chamado *A Bela Fahima*, o príncipe de Basra, acostumado a ter tudo o que ele quer, pede uma princesa, Fahima, em casamento mas ela não aceita. Ele manda prendê-la nas masmorras até que ela mude de idéia. Fahima consegue se libertar mas não vai embora para sua casa. Ao contrário, segue o príncipe em suas viagens e se fantasia de diferentes mulheres para o seduzir. Nas três cidades em que o príncipe pára ele fica um ano com Fahima (fantasiada) até que nasce seu filho e então ele parte para outra. Depois de se relacionar com três mulheres, que na verdade são uma só, e ter três filhos em um período de três anos, ele volta para o palácio para liberar Fahima demonstrando arrependimento e insatisfação com sua vida. Fahima então lhe revela seu segredo e manda chamar seus três filhos. Assim como Sherazade, Fahima também é descrita como extremamente inteligente e sábia, ao invés de ir embora para seu palácio ela se sacrifica para que o príncipe aprenda uma lição e se transforme.

Este comportamento que parece uma submissão mas é um tipo de manipulação para que a mulher consiga o que quer também é visível no filme “*E agora, aonde vamos?*” da diretora libanesa Nadine Labaki. No caso, as mulheres decidem acalmar seus homens em tempos de guerra com diversas estratégias simples: impedindo-os de assistir às notícias na televisão, distraíndo-os com a presença de belas mulheres estrangeiras e criando falsos milagres de uma santa. As personagens do filme criam artimanhas para ganhar tempo, impedir a matança, esperando que haja uma transformação assim como houve no caso do rei Shariar ou do príncipe de Basra. Para enfrentar esses modelos de homens rígidos, dominadores, predadores, que enxergam a mulher como uma posse, surge a imagem de uma mulher inteligente, sábia, que cria estratégias para alcançar seu objetivo. Não é a imagem de uma mulher que enfrenta a situação de uma forma agressiva ou por meio de um diálogo sincero. É a imagem de

uma mulher cuja luta é pelas entrelinhas, de uma forma sutil, ativa, criativa e manipuladora. A heroína dos materiais árabes citados acima não é aquela passiva, que casa com o rei matador sem nenhum recurso ou idéia para se proteger; que fica nas masmorras presa apodrecendo; ou a que assiste a guerras fingindo que nada está acontecendo. A heroína é aquela que tem um plano cuja meta é a transformação.

A guerra entre o feminino o masculino

O pai de Sherazade tenta persuadi-la a não se casar com o rei por meio do conto “*O Burro, o boi, o mercador e sua esposa*”, mas não obtém êxito. No conto, o boi se lamenta pelos trabalhos forçados e aos maltratos que está sujeito diariamente enquanto o burro vive em conforto: é bem alimentado e cuidado. O burro sugere que o boi se finja de doente para não trabalhar, o que realmente funciona e garante ao boi um dia de sossego.

O burro, entretanto, é forçado a trabalhar para compensar a ausência do boi, e assim se arrepende profundamente do conselho proferido ao boi. Para reverter a situação e tudo voltar a ser como era antes, o burro diz ao boi que se ele se fingir de doente novamente o mercador irá chamar um açougueiro para matá-lo.

O pai de Sherazade associa o conforto dela ao do burro e sua ânsia de se casar com o rei como sendo um comportamento do que ela se arrependeria. Sherazade aparentemente não se mobiliza pelo conto pois está mais interessada em salvar as mulheres do reino do que garantir seu conforto.

O pai de Sherazade a ameaça de lhe fazer o mesmo que o mercador fez com sua esposa. O mercador guardava um segredo de que podia entender o que os animais falavam, porém se o revelasse a alguém seria morto. A esposa um dia o viu rindo e achou que ele estava rindo dela, quando ela o questionou ele disse que não poderia revelar do que estava rindo pois morreria. A esposa não se conformou e queria saber o segredo a todo custo, mesmo que o preço fosse a vida de seu marido. A esposa é caracterizada então como egoísta, não liga para a vida do marido mas apenas por satisfazer sua ânsia de curiosidade. O mercador ouve o galo, que havia possuído inúmeras galinhas naquele dia, contando para o cachorro que se ele fosse o mercador iria espancar a esposa com uma vara de carvalho até que seus pés e mãos se

quebrassem, assim ela nunca mais iria contradizê-lo em nada. O mercador segue o conselho do galo e tranca sua mulher em um depósito batendo nela com uma vara, ao final ela desiste de saber o segredo e todos ficam felizes com o desfecho.

O galo é considerado um símbolo solar já que canta ao amanhecer. Assim como o ego que para existir tem que enfrentar a Grande Mãe e simbolicamente matar seus aspectos negativos, o sol deve enfrentar a escuridão para iluminar o mundo. Na mitologia egípcia o deus Rá, deus do Sol, ao pôr-do-sol passava da barca do dia para a barca da noite e, junto com outras divindades, navegava nas águas subterrâneas através das regiões das horas noturnas, iluminando o mundo das sombras e vencendo criaturas hostis.

Na mitologia grega Hélio, deus do Sol, dirigia o carro do sol conduzido por quatro cavalos selvagens e incandescentes que expeliam labaredas de fogo pelas ventas, arrastando a luz e o dia por toda a Terra. O escuro era associado aos monstros, serpentes e inimigos. Para o ego em desenvolvimento a Grande Mãe se torna funesta. A mãe, o ventre, o abismo e o inferno se tornam idênticos. É necessária uma atitude heróica do ego para matar o “dragão”. Porém para encontrar o tesouro, o herói necessita redimir sua contraparte feminina, sua alma, os aspectos negativos devem ser mortos, não os positivos.

No conto, a esposa do mercador aparece com os aspectos terríveis da Grande Mãe devoradora, é aquela que mata por um capricho. A sugestão do galo é dominar a Grande Mãe por meio da agressividade e não deixar que ela mate o mercador. Matar a Grande Mãe é um ato simbólico. Uma forma do ego se libertar de sua dominação para que posteriormente, quando adulto, possa entrar em um relacionamento com sua contraparte inteiramente desenvolvida, resgatando o feminino da dominação materna. No conto, embora o personagem já seja adulto parece ainda estar em participação mística, já que consegue entender o que os animais falam. Ele e a natureza estão misturados em uma conexão primária. No conto não é descrito como o mercador recebeu o dom da língua dos animais, não é claro se ele nasceu com o dom ou se este lhe foi atribuído em determinado momento. Ele parece estar vivendo uma relação de incesto com a Grande Mãe.

A atitude da esposa em querer saber o que os animais disseram mesmo com a morte do marido pode ser pensado sob dois aspectos: como encarnação da Grande Mãe

pode estar querendo aniquilar o ego/marido ou como contraparte feminina/anima pode estar querendo a morte do ego infantil do marido para que ele possa se transformar em um ego adulto e se libertar do domínio da Grande Mãe.

No conto, o galo é descrito como sendo o único macho entre cinquenta galinhas, ele possui as galinhas na hora que quer apesar de ser criticado pelo cachorro. Como visto anteriormente, o galo pode ser relacionado ao sol e ao ego. Porém seu jeito de lidar com as galinhas e conselhos sobre como lidar com a esposa do mercador aponta para um ego rígido e unilateral em que os aspectos femininos não estão integrados, mas são subjugados e dominados. Tal estrutura é típica da cultura estagnada na fase patriarcal que não incentiva o desenvolvimento da anima, sendo evitado o aspecto transformador do feminino. Segundo Neumann (2000), a desvalorização do feminino pode ser entendida como uma tentativa de superação do medo de seu aspecto perigoso como a Grande Mãe ou como anima. Nesta linha de raciocínio a sugestão do galo de espancar a esposa do mercador pode estar relacionada ao medo do poder feminino, já que ela é capaz de matar, mesmo que indiretamente, e a uma tentativa de dominação para que ela nunca mais o contestasse.

A efetiva transformação

Apesar da ameaça do pai de Sherazade de lhe bater caso ela não mudasse de idéia, ela permaneceu firme em sua decisão e disse que se o pai não a levasse ao rei ela iria escondida. Sherazade combinou com sua irmã Duniyade que lhe pedisse para contar uma história depois que o rei tivesse se “satisfeito” (sic) nela. Por meio de seu plano Sherazade conseguiu sobreviver e salvar as outras mulheres do reino já que noite após noite contava pedaços de histórias que captavam a atenção do rei Shariar e, como ele queria saber a continuação das histórias permitia que ela vivesse. As histórias aplacaram o coração de Shariar bem como apaziguaram sua cólera, ele percebeu que havia sido teimoso e duro ao estabelecer a regra que só ficaria uma noite casado com cada mulher.

O vizir foi presenteado e elogiado pela educação da filha. Shariar mandou chamar um juiz e testemunhas para firmarem seu casamento e proibiu a opressão contra seus súditos. As comemorações para o casamento duraram sete dias, sendo regadas por

comidas deliciosas, jóias e luxo. O rei Shazanan se juntou ao irmão para as comemorações e viu admiração do irmão por Sherazade: como as poesias, anedotas, biografias, versos, belas histórias, ocorrências, casos e problemas vividos pelos reis, califas e soberanos sassânidas, o tinham transformado e o deixado maravilhado. O rei Shazanan quis se casar com Duniazade, irmã de Sherazade. Shariar contente pela notícia consultou sua esposa para saber sua opinião, ela gostou da idéia contanto que não fosse para outro país, mas que ficassem juntas. Shazanan concordou com Sherazade, sua intenção era morar perto do irmão mais velho já que lhe era tão querido.

A relação do rei Shariar com Sherazade o transformou, ele conseguiu se redimir perante o feminino, tanto em relação ao feminino externo (mulheres do reino) quanto ao interno (anima). O masculino de Sherazade, seu animus, foi transformado paralelamente ao masculino do rei Shariar que passou de terrível para complacente. Há, portanto, a redenção do feminino e masculino feridos do rei. Tanto Shariar quanto Sherazade são transformados.

Sherazade pode ser considerada uma heroína, pois foi ela quem restaurou uma situação sadia e consciente no reino. Sherazade representa um modelo de ego funcionando de acordo com as solicitações do Self.

A opinião de Sherazade passou a ser extremamente importante para o rei, tanto que quando Shazanan lhe informou seu interesse em se casar com Duniazade, ele foi consultar Sherazade. Porém a opinião de Duniazade não foi consultada já que Sherazade garantiu o casamento de Shazanan com sua irmã se eles morassem perto dela. Em nenhum momento Sherazade ou algum dos reis pediu o consentimento de Duniazade. Sherazade livra a irmã e todas as mulheres, do reino, da morte mas não houve transformação total pois um aspecto de sua psique, representado por Duniazade, ainda está em cativeiro. Pode-se pensar em Duniazade como um aspecto dependente, frágil da psique de Sherazade.

Os irmãos se casaram com as irmãs perante juízes e testemunhas. Depois as irmãs se prepararam para desfilarem com muito luxo e pedras preciosas. “Cada uma das jovens era mais resplandecente que o sol e a lua na noite em que se completa” (sic).

A veneração do feminino

O primeiro traje de desfile de Sherazade era vermelho, foi contemplada e admirada por rostos atônitos com sua beleza, seu brilho foi comparado ao do sol. O primeiro traje de desfile de Duniazade era azul e sua beleza foi comparada à lua cheia, Shazanan quase desmaiou de êxtase e paixão quando a viu. No segundo traje de Sherazade, seus cabelos foram arrumados cobrindo seu rosto e soltos em tranças, em um poema foi comparada à lua cheia sendo coberta pelas sombras. No terceiro, quarto e quinto desfile de Duniazade ela foi comparada ao sol nascente. Sherazade e Duniazade desfilaram por oito vezes encantando e fascinando todos que as olhavam, foram comparadas diversas vezes ora com o brilho do sol ora com a beleza da lua cheia. O número oito representa a totalidade (número quatro) vezes dois, é associado à completude.

O sol e a lua foram considerados divindades por séculos e séculos durante a história da humanidade. Para os povos primitivos, a lua era essencial para a vegetação e a reprodução. Sem a influência da lua, plantas e sementes não cresceriam; animais e mulheres não poderiam gerar filhos.

A deusa do amor era deusa da lua, da iluminação fresca e suave, da fertilidade e também da insanidade (lua minguante). Segundo Qualls-Corbett (2002), a mulher que está conectada com a deusa está atenta às suas necessidades, ideais e atitudes internas. Ela não é dependente do outro para definir seu próprio ser, pode ser casada mas é virgem, ou seja, uma-em-si mesma. Ela tem consciência de seu corpo e cuida dele, conhece os seus ritmos, ciclos, respeita suas mudanças assim como respeita as mudanças da lua. Conhece e valoriza seu lado luminoso e esplendoroso mas também reconhece seu lado sombrio e períodos de recolhimento. A lua como princípio feminino é a soberana da noite, do inconsciente.

As imagens arquetípicas de Atena e Afrodite

É possível associar Sherazade à deusa Atena por sua inteligência e facilidade em desenvolver estratégias. Atena nasceu da cabeça de Zeus, ela não conheceu sua mãe Métis. Métis foi a primeira esposa de Zeus, uma divindade do oceano, que ficou conhecida por sua sabedoria. Quando estava grávida de Atena, Zeus a enganou

tornando-a pequena e a engoliu. Foi profetizado que Métis teria dois filhos especiais: uma filha igual a Zeus em coragem e sábia resolução, e um filho de coração cativante que se tornaria rei dos deuses e dos homens (BOLEN, 1990). Assim como Atena que na mitologia está ligada ao pai e desconhece a mãe, Sherazade está ligada ao vizir e sua mãe não é citada em nenhum momento. Atena era conhecida por suas estratégias vitoriosas e soluções práticas. Segundo Bolen (1990, p.120):

“Atena é um arquétipo feminino: ela demonstra que pensar bem, manter a calma no ponto mais culminante de uma situação emocional e desenvolver boas táticas no meio do conflito são traços naturais para algumas mulheres.”

Bolen (1990) diferencia a mulher tipo Atena de uma mulher com animus positivo. A mulher tipo Atena pensa bem e claramente por si própria, não é o animus que está pensando por ela. Segundo a autora, quando a mulher reconhece o modo como sua mente trabalha como uma qualidade feminina relacionada com Atena, pode desenvolver uma autoimagem feminina ao invés de amedrontar-se estar masculinizada. Pode-se pensar que Shariar representa o animus (negativo) de Sherazade, e que a heroína possui características da deusa Atena em sua personalidade.

Além da deusa Atena, Sherazade também parece ter algumas características da deusa Afrodite: poder de sedução, beleza física e sabedoria instintiva. A deusa Afrodite era a mais bela das deusas. Ao contrário de outras deusas que não tinham escolhido seus companheiros e amantes, Afrodite era livre para escolher. Ela escolheu Hefesto como marido, deus dos artesãos, do fogo e da forja. Segundo Bolen (1990), o arquétipo de Afrodite “governa o prazer do amor e da beleza, da sensualidade e sexualidade nas mulheres” (p.327). O carisma pessoal, magnetismo e eletricidade combinados com atributos físicos faz de uma determinada mulher uma Afrodite. Sherazade além de seduzir e encantar o rei Shariar, deixa “as mentes dos homens e das mulheres atônitas” (sic) diante de sua beleza durante os desfiles.

Efeito Medusa: o lado sombrio da imagem arquetípica de Atena

O nome Sherazade provém do árabe e significa “*filha da noite*”, no poema abaixo ela é retratada como a lua cheia em noite virtuosa cuja beleza fascina e encanta. O movimento da lua é cíclico, para os povos primitivos sua fase minguante não era bem vista. No poema abaixo, o poeta alerta sobre o perigo das cobras dos fios ondulados do cabelo de Sherazade e do seu amor mais duro do que a pedra. Na mitologia grega, Medusa era um monstro feminino ctónico que tinha cobras no lugar de suas madeixas de cabelo, ela transformava em pedra quem a olhava.

Para os antigos artistas gregos, ela nasceu em sua forma monstruosa, era filha de divindades marinhas e tinha duas irmãs Esteno e Euría e habitava um lugar longínquo. A partir do século V a.C. escultores e pintores começaram a representá-la como sendo bela, ao mesmo tempo que aterrorizante. Na versão de Ovídio, a Medusa teria sido uma bela donzela que sofreu um castigo da deusa Atena após ter dormido com Poseidón no templo dela, a deusa então a transformou em um ser horrível cuja mera visão transformaria o contemplador em pedra. Apesar de Sherazade ser um modelo feminino redentor, ela representa perigo já que a poesia traz um aviso de cuidado.

“Surgiu como plenilúnio em noite ditosa,

pujante de membros e esbelta de talhe,

e olhos cuja beleza a todos cativa,

imitando os rubis com o rosado da face;

sobre as suas ancas balança o negro cabelo:

cuidado com as cobras de seus fios ondulados,

que se curvaram ao seu costado e ao coração;

mas seu amor é mais duro do que a pedra dura:

envia setas pelo olhar, por debaixo das pálpebras.

“que acertam, jamais erra, mesmo à distância”.

As táticas e intervenções de Atena ganharam vitórias para os gregos no campo de batalha. Bolen (1990) apresenta algumas dificuldades psicológicas possíveis em mulheres identificadas com tal imagem arquetípica, sendo uma delas “o efeito medusa”.

A deusa Atena usava em seu peitoral um símbolo de seu poder: a égide, uma pele de cabra decorada com a cabeça da Medusa. Assim como a Medusa, Atena tem o poder de “desvitalizar a experiência dos outros, de esfriar a conversa e transformar uma relação num quadro estático” (p.150). Por meio de seu enfoque nos fatos e detalhes e necessidade de premissas lógicas e racionalidade ela pode vir a ter falta de empatia, agindo de maneira fria. Pode-se pensar que quando Sherazade não consultou sua irmã a respeito do pedido de casamento do rei Shazanan, ela agiu sob o efeito Medusa. Ou seja, decidiu pela irmã, de forma racional, de acordo com seus interesses, desconsiderando a opinião de Duniyade.

Poemas

Enquanto os quatro primeiros poemas comparam as irmãs Sherazade e Duniyade com a beleza da lua cheia ou com o brilho do sol, o quarto poema traz um alerta sobre Sherazade (visto no último subitem).

O sexto poema (abaixo) compara Duniyade ao sol do amanhecer, com a seguinte nota de rodapé “Na edição de Breslau, ‘uma garota instruída pela esperteza’”. O sol, para a psicologia analítica, representa a consciência, o conhecimento, a possibilidade de iluminação de aspectos que anteriormente estavam escuros.

“Uma garota tal como o sol da aurora,
que da sua própria face parece ter saído;
desfila agora envolta em túnica verde,
tal como as folhas que protegem a flor de romã.
Perguntei: ‘Qual o nome dessa vestimenta,’
e ela respondeu com palavras bem graciosas:
‘Como com ela rompemos a vesícula de muitos,
nós a chamamos das vesículas a destruidora’”.

No poema, Duniyade aparece envolta em uma túnica verde, sendo associada às folhas que protegem a flor de romã. A romã na Grécia Antiga era um atributo de Hera e

de Afrodite; e em Roma o penteado das noivas era feito com ramos de romãzeira. No Gabão o fruto simboliza a fecundidade maternal enquanto que na Índia as mulheres tomavam chá de romã para combaterem a esterilidade. Na Ásia, a imagem da romã aberta serve à expressão de desejos, quando não designa expressamente a vulva. Na Pérsia a romã evoca o seio. Na Turquia, uma adivinhação popular fala da noiva como uma rosa não cheirada, uma romã ainda não aberta. A romã pode ser considerada um símbolo de fecundidade. A mística cristã transpõe o simbolismo de fecundidade para o plano espiritual, a romã é o símbolo das perfeições divinas (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009).

Na Grécia Antiga a semente da romã tem seu simbolismo ligado ao pecado já que Perséfone é condenada a passar um terço do ano no Hades por ter comido uma semente de romã, como se tivesse sucumbido à sedução e merecesse ser punida. Por outro lado, ao comer a semente de romã, ela quebrou o jejum do Hades, já que quem comesse algo ali não poderia voltar à terra dos vivos. Ela só conseguiu voltar por uma intervenção de Zeus. Ao ser levada ao submundo, Perséfone experimentou o fogo ctônico sob a forma da semente de romã, a sua volta à superfície representa o reaquecimento da terra e renascimento da vegetação. Nesse aspecto Perséfone se junta ao grupo dos heróis que, em diversas partes do mundo, roubaram o fogo para garantir a perenidade da vida (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009).

Quando questionada sobre o nome da vestimenta verde que estava usando, Duniazade responde que se chama “das vesículas a destruidora” (sic) já que a vesícula de muitos é rompida com ela. Pelo poema sugerir que o traje de Duniazade é capaz de romper a vesícula dos homens pode-se pensar nesta como parte do corpo dos homens: vesícula biliar, pulmonar ou seminal. Devido ao fato do símbolo da fruta romã estar ligado à fertilidade, pode-se concluir que as vesículas rompidas dos homens são as seminais. Portanto o traje protege o corpo e fertilidade de Duniazade ao mesmo tempo em que “destrói” o reservatório de esperma dos homens. O poder de sedução de Duniazade, em seu traje verde, fascina os homens e os atira sexualmente. No desfile ela é praticamente a encarnação de Afrodite.

No sétimo e último poema (abaixo), a beleza das beldades é considerada superior à beleza dos jovens. Em todos os poemas as irmãs rainhas são reverenciadas e adoradas.

“Fosse a beleza dos efebos dobrada,
tal como sempre foi a das beldades,
as camareiras,
que cuidam da noiva,
lhes raspariam a barba da face rosada”.

III) Sentido psicológico

Como visto anteriormente, o contexto inicial da história era completamente masculino. Aos poucos surgem as primeiras personagens mulheres: a esposa de Shazanan, a esposa de Shariar e a mulher trancafiada em um baú pelo ifrit. Estas mulheres são consideradas não confiáveis e desleais. A estrutura psíquica dos personagens até este ponto da história pode ser representado na Ilustração I:

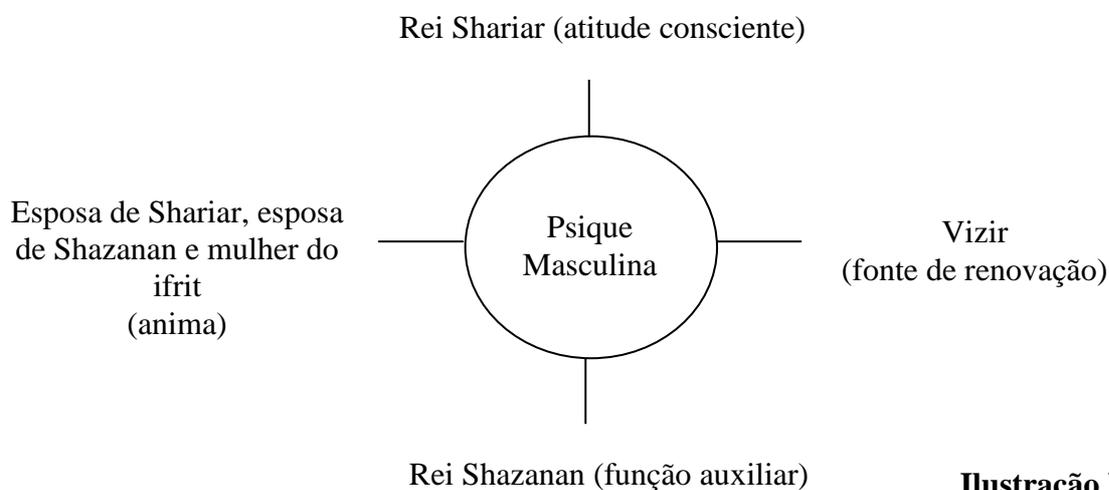


Ilustração I

O rei Shariar, até então, é considerado o herói da história. Ele conquistou reinos e súditos, tendo que gerir um vasto território. O rei Shariar inicialmente pode ser considerado a atitude consciente. Pode-se pensar no rei Shazanan como função auxiliar de Shariar já que ele vem de outro reino e traz a dúvida para o irmão. Shazanan desestabiliza a ordem corrente ao contar sobre a infidelidade da esposa do rei Shariar. A esposa de Shariar, de Shazanan e a mulher do ifrit podem ser consideradas a anima de

Shariar já que as três representam modelos de mulher muito parecidos, sob a visão de Shariar, já que são infiéis.

O vizir é o conselheiro e servo do rei. No início da história ele é descrito como pai de Sherazade e Duniazade, sendo o primeiro momento em que são citados nomes de mulheres (apontando a presença do feminino). Neste sentido ele simboliza uma fonte de renovação e da possibilidade de aspectos do feminino serem integrados ao contexto completamente masculino.

Ao longo da história, Shariar é tomado por sua alma negativa. Dominado pela raiva e cego por seu ressentimento, Shariar generaliza todas as mulheres como sendo pervertidas e desleais. Ele conclui que a única saída para evitar ser enganado é matando todas as mulheres com que se casa. A partir deste ponto Shariar sai do papel da consciência masculina. Segundo Von Franz (1990, p.225):

“Um homem que está perdido no mar do inconsciente e não tem compreensão crítica facilmente desempenha o papel de animus para as mulheres. Quanto mais inconsciente ele for melhor ele desempenha o papel de animus. O homem possuído (Hitler, por exemplo) tem todos os traços do animus – ele é levado pelas emoções, é cheio de opiniões imponderadas, expressa-se incautelosa e didaticamente e sempre com explosões emocionais.”

Para lidar com o masculino predador surge a heroína Sherazade. É constelada uma nova situação representada pela tríade abaixo:

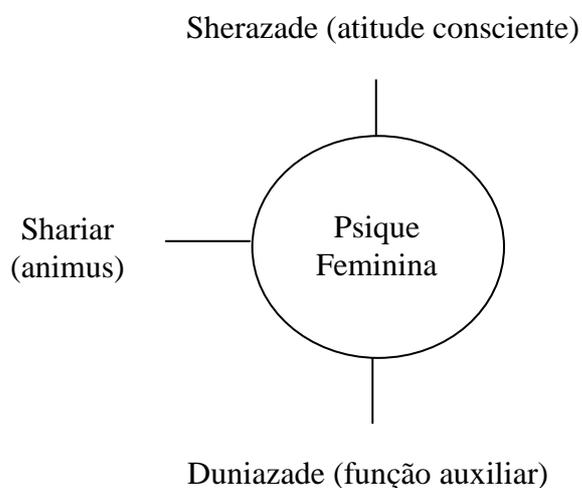


Ilustração II

Sherazade se voluntaria para salvar as mulheres do reino, é a heroína que enfrenta o masculino destruidor. Pode-se pensar neste masculino terrível como sendo seu animus negativo. No livro *“Mulheres que correm com os lobos”*, Estés (1994) descreve o personagem Barba-azul como sendo o fugitivo mais traçoeiro e mais poderoso da psique – o predador natural.

Barba- azul se casa com uma mulher e antes de partir para uma viagem lhe dá um molho de chaves e a instrui a usar todas, menos uma chavinha com uns arabescos. Quando suas irmãs a visitam a instigam a abrir todos os cômodos até que encontram uma última porta pequena, usam a chave com arabescos para abri-la e encontram uma enorme poça de sangue, ossos humanos jogados por toda parte e crânios empilhados. A chave começa a sangrar sem parar, quando Barba-azul chega no castelo descobre que sua esposa havia usado a chave com arabescos. Ele a persegue para matá-la assim como havia matado suas esposas anteriores. A esposa desesperada grita e seus irmãos chegam, matando-o e deixando para os abutres o que sobrou dele.

Barba-azul representa o animus negativo em sua esfera devastadora, é ele quem isola a mulher de sua natureza intuitiva. No final do conto seus irmãos psíquicos a salvam, a última tarefa da mulher com Barba- azul é:

“Permitir que sua natureza de vida-morte-vida desmanche o predador e o leve embora para ser incubado, transformado e devolvido à vida.” (Estés, 1994, p.87)

Ao longo da obra das Mil e Uma Noites, o rei Shariar é transformado em seu relacionamento com Sherazade, ele se arrepende por ter matado as mulheres e renova seus votos de casamento com a esposa. Ele também altera sua maneira de governar: revogando impostos sobre viajantes e mercadores, demonstrando maior flexibilidade e compreensão. Ele perdoa as mulheres e venera Sherazade como se ela fosse uma deusa. O contexto inicial é transformado, o feminino passa a fazer parte do reino e a ser valorizado.

Voltando à Ilustração II, é possível pensar em Duniázade como função auxiliar de Sherazade. Ela é descrita como a irmã menor de Sherazade, sua função é pedir à irmã

para contar as histórias. Duniazade representa um aspecto mais passivo de Sherazade que ainda não foi libertado, pois mesmo no final da história não ganhou voz, a própria Sherazade assumiu a voz da irmã não a consultando para decidir se gostaria ou não de se casar com o rei Shazanan.

A atitude autoritária de Sherazade, em relação a Duniazade, pode ser considerada uma necessidade da psique de se unir à sua função auxiliar para que haja desenvolvimento. Sua atitude também pode ser vista como um lado frio da imagem arquetípica de Atena, o efeito medusa. Além da união de Sherazade com Shariar foi necessária a união de Duniazade com Shazanan. Os quatro se juntam, “vivem inseparáveis” (sic) e os irmãos revezam o reinado. O quarténio (Ilustração III) se forma representando a totalidade e completude.

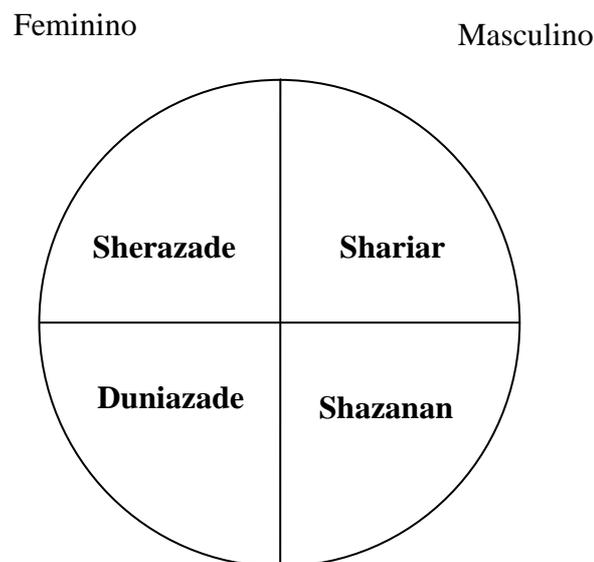


Ilustração III

11. Discussão

Assim como o patriarcado é essencial para o desenvolvimento da consciência individual, ele foi imprescindível para a evolução da consciência coletiva. Porém, o desenvolvimento da sociedade ocidental priorizou em excesso o pensamento abstrato e racional. Os aspectos intuitivos e emocionais do homem foram negligenciados e banalizados. A unilateralização do patriarcado gerou a desvalorização do princípio do feminino, favorecendo o aparecimento da ferida pai-filha. Esta última é gerada pelo pai coletivo na medida que ele não permite que a filha cresça de modo criativo, a partir de sua essência, mas que tenha que desempenhar papéis pré-estabelecidos (LEONARD, 1997).

Nos dias de hoje, a mulher moderna tem maior liberdade para desempenhar uma gama maior de papéis. As deusas gregas representam diferentes imagens arquetípicas femininas: Ártemis, a arqueira de pontaria infalível, é retratada na animação da *Walt Disney* (2012) como a protagonista Merida, uma habilidosa arqueira determinada a trilhar seu próprio caminho. Atena, a deusa da sabedoria e da estratégia, aparece cada vez com mais frequência, principalmente no mundo corporativo. Deméter cujo deleite é o papel materno vem sendo abordada não mais como uma obrigação da mulher, mas uma escolha; Perséfone, em sua faceta puella (Coré), está mais presente na sociedade na medida que a fase da adolescência é cada vez mais valorizada; Hera, cuja prioridade é o compromisso do casamento parece ter mais dificuldade na era do *Tinder* em que os relacionamentos mais superficiais são mais procurados.

Com as novas composições familiares, a mulher moderna tem ocupado cada vez mais o lugar de chefe da família. Em pesquisa do IBGE (2010), no Brasil a proporção de mulheres que comandavam as famílias em 2000 cresceu de 24,9% para 38,7% em 2010, sendo considerada como responsável aquela pessoa reconhecida como tal pelo demais moradores do domicílio. No mesmo estudo concluiu-se que as mulheres de todas as faixas-etárias estão tendo cada vez menos filhos, sendo que no campo as mudanças parecem ocorrer em um ritmo mais lento já que as proporções sofrem mudanças mais tímidas quando comparadas às mulheres que vivem na zona urbana.

Assim como as deusas gregas, Sherazade representa uma imagem arquetípica feminina. Sherazade por meio de seu sacrifício, estratégia e sedução traz a

transformação. Outras personagens na cultura árabe repetem o mesmo padrão arquetípico: Fahima (do conto a Bela Fahima) também descrita como extremamente inteligente e sábia, se sacrifica para que o príncipe aprenda uma lição e se transforme. No filme *E agora, aonde vamos?* da diretora libanesa Nadine Labaki, as personagens mulheres criam planos e estratégias para colocar um fim na guerra.

Em *Lisístrata*, comédia grega de Aristófanes, as mulheres das cidades gregas envolvidas na Guerra do Peloponeso, lideradas pela ateniense Lisístrata, decidem instituir uma greve de sexo até que seus maridos parem a luta e estabeleçam a paz. A intervenção da mulher, não por meio da espada, mas pelas entrelinhas, de forma sutil, ativa, criativa e manipuladora é um modelo arquetípico de feminino que Sherazade traz à tona.

Apesar de Sherazade viver confortável ela se voluntaria para casar com o rei predador com o intuito de salvar as mulheres do reino. Ela sai da zona de conforto e busca a salvação. No processo de individuação, os momentos de introspecção e sofrimento são necessários para que haja reflexão e crescimento. Hoje, na cultura Ocidental, a tristeza e o sofrimento são patologizados, não há espaço para a vivência de tais sentimentos.

A palavra sacrifício tem origem do latim: sacr- sacra, sacrum (sagrado, divino); fício- factum, féci, ère, opifício (fazer, ofício). Portanto, em sua etimologia, sacrifício diz respeito a um ato sagrado. O sacrifício é o símbolo da renúncia aos vínculos terrestres por amor ao espírito ou à divindade. Podendo ter seu sentido pervertido como o caso em que Agamenon sacrifica sua filha Ifigênia, “em que a obediência aos oráculos dissimula outros motivos e, em particular, a vaidade de obter vingança” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.794).

Segundo Jung (O.C., V), o mundo se originou da renúncia à ligação pessoal à infância, visto que para se desenvolver (tanto o ego individual quanto o coletivo) foi preciso o sacrifício, o abandono do primitivo estado paradisíaco. Para que haja consciência é preciso o sacrifício, a consciência é o presente de grego da civilização.

Jung (O.C., VI), descreve o sacrifício como a renúncia de algo importante para o surgimento de uma nova forma de libido, uma nova forma de vida. O sacrifício é essencial para o processo de individuação, ele gera movimento, transformação. A

estagnação leva ao processo neurótico, em que há um estreitamento e limitação da visão. Pode-se pensar que após o ciclo de dez anos do reinado de Shariar, a libido precisava fluir rumo a uma compensação e assim surgiram sintomas no reino. A normalidade só foi reestabelecida com o sacrifício de Sherazade.

Haddad (2011) critica a postura de Sherazade, pois a personagem negocia seu direito básico de permanecer viva ao contar histórias ao rei. Porém, pensando na questão do sacrifício, Sherazade por livre e espontânea vontade escolhe se casar com Shariar, foi ela quem decidiu renunciar sua liberdade (seu pai até tentou dissuadi-la).

Quando estava fazendo este trabalho me surpreendi com um trecho do livro de Hourani (1991) em que ele relata que na década de 80 no mundo árabe houve um movimento feminino em que mulheres cobriam os cabelos, rostos e evitavam misturar-se profissionalmente e socialmente com os homens como afirmação de sua identidade. Segundo o autor, as mulheres faziam isso como um ato de escolha deliberada.

Em entrevista Dib (2012), como já mencionado no capítulo 6.1, explica que as mulheres muçulmanas usam o véu para não mostrar sua beleza em público e por recato, já que o cabelo é considerado muito atraente e sensual. É uma decisão que deveria ser só da mulher perante Deus, ninguém deveria obrigá-la a usar. Assim como muitos homens usam roupas largas e lenços na cabeça pelo mesmo motivo. Neste caso, proibir as mulheres de usar lenços ou burcas é ferir a liberdade de escolha delas. Creio que esse seja um dos mal entendidos da cultura Ocidental já que existe uma tendência em se olhar para as mulheres muçulmanas como “coitadas” e a generalização deste modelo para todas as mulheres árabes.

O que ocorre é que algumas religiões, não só o islamismo, mas o judaísmo e o cristianismo (base da sociedade Ocidental) deram margem às mais diversas interpretações. Para algumas pessoas representam uma autorização para humilhar e submeter a mulher. É claro que ainda existem muitas mulheres que são forçadas a fazer coisas que não querem sob ameaça ou punição, ou que são tratadas como sem identidade própria, mas isso existe no mundo inteiro, não só no mundo árabe.

O sacrifício quando não é uma escolha consciente do indivíduo ou quando tem seu sentido pervertido, como no caso de Agamenon e Ifigênia, não está a serviço do princípio divino ou do Self. O quanto há de consciência na escolha também é um campo

muito subjetivo. Se os motivos forem completamente inconscientes, a escolha pode ter desde um caráter reativo até ser motivada por fatores que já estão incorporados e atuam como uma opressão interna. Assim como qualquer escolha, torna-se importante refletir sobre e iluminar as possibilidades para que esta seja mais consciente e legítima.

12. Conclusão

A obra Mil e Uma Noites é resultado de uma coleção de contos populares e histórias, originárias do Oriente Médio e sul da Ásia, compilados para a língua árabe a partir do século IX. Os manuscritos árabes têm autoria desconhecida, porém ressoam e fascinam pessoas por todo o mundo.

Segundo Von Franz (1990), o caráter universal dos contos revela tratarem de temas arquetípicos. São a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo.

A situação psicológica inicial da obra revela um contexto puramente masculino. O elemento feminino que existe numa família completa não estava representado: Deus todo-poderoso domina o mundo, o irmão maior domina todo reino Sassânida e o irmão menor governa a região de Samarcanda, não sendo citados elementos femininos. A situação permanece estagnada por dez anos até que começam a aparecer sintomas no reino como representação da necessidade de compensação da libido.

O rei Shariar se assusta ao perceber que ninguém pode controlar as mulheres. Ele é dominado por sua ânsia de poder e faz uma tentativa cruel de controlá-las: decide se casar cada noite com uma mulher, matando-a ao amanhecer.

O princípio feminino ao longo dos séculos foi subjugado e desvalorizado. Segundo Neumann (2000), um dos motivos para tal hostilidade é o medo. O medo dos aspectos terríveis da Grande Mãe, que atrapalham o desenvolvimento do ego. E o medo da alma, como medo da transformação à qual irá forçar o herói a libertar a alma do âmbito do dragão e confrontar a alteridade independente do feminino.

Para o homem primitivo a natureza era fonte de medo, pois este estava à deriva de seu poder: mudanças climáticas, animais selvagens e desastres naturais. A lua ao mesmo tempo em que era venerada por seu poder de fertilidade representava um mau presságio em sua forma minguante.

Ao ser tomado pelo medo e ânsia de poder, Shariar pode ser visto como manifestação do animus negativo de Sherazade. Sherazade se sacrifica ao se casar com o rei, e, colocando seu plano em prática, transforma o rei e é transformada. Ela pode ser considerada uma heroína já que reestabelece o funcionamento normal e sadio do reino.

Sherazade representa um modelo de ego funcionando de acordo com as solicitações do Self, seu sacrifício representa um “ato divino” necessário para a manutenção da energia psíquica coletiva e fluência da vida.

Segundo Von Franz (1990), grande parte dos contos sobre a redenção mútua têm como personagens principais representantes da anima ou do animus. Tais contos não reportam aos fatores humanos e pessoais, mas ao desenvolvimento dos arquétipos; “eles mostram os vários modos pelos quais os arquétipos estão relacionados entre si dentro do inconsciente coletivo” (p.223).

Sherazade, em sua empreitada, demonstra características da deusa Atena, estratégia e lógica; e da deusa Afrodite, poder de sedução e sabedoria instintiva. Sherazade se casa com Shariar bem como Duniazade se casa com Shazanan formando um quatérnio. O fato de que os quatro passam a “viver inseparáveis” (sic) significa que eles são parte de um todo, representando uma série de interligações psíquicas que juntas formam uma totalidade.

13.Referências Bibliográficas

Anônimo, traduzido do árabe por JAROUCHE, Mamede Mustafa. **Livro das Mil e Uma Noites. Volume 1.** Editora Globo s.a.. São Paulo: 2005.

Anônimo, traduzido do árabe por JAROUCHE, Mamede Mustafa. **Livro das Mil e Uma Noites. Volume 4.** Editora Globo s.a.. São Paulo: 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **Psicologia simbólica Junguiana.** Linear B. São Paulo: 2008.

DEL PRIORI, Mary. **História do amor no Brasil.** Editora Contexto. São Paulo: 2006.

DIB, Márcia. **A mulher árabe.** Entrevista concedida originalmente à Revista Shimmie: 2012. Disponível em: <http://www.icarabe.org.br/noticias/a-mulher-arabe>

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos.** Editora José Olympio LTDA. Rio de Janeiro: 1906. 24ª edição: 2009.

EDINGER, Edward. **Ego e arquétipo.** Editora Cultrix LTDA. São Paulo: 1972.

ESTÉS, C. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias arquétipo da mulher selvagem.** Rocco. Rio de Janeiro: 1994.

GIDDENS, Antony. **A transformação da intimidade.** São Paulo: UNESP, 1993.

GUGGENBUHL- CRAIG- CRAIG, Adolf. **O casamento está morto. Viva o casamento!** Psicologia Arquetípica. São Paulo: 1977.

HADDAD, Joumana. **Eu matei Sherazade. Confissões de uma árabe enfurecida.** Editora Record. São Paulo: 2011.

HARDING, M. Esther. **Os mistérios da mulher.** Editora Paulus. 4ª edição. São Paulo: 1985. 4ª edição 2007.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes.** Editora Schwarcz. LTDA: 1991.

IBGE. **Estatísticas de Gênero – Uma análise dos resultados do Censo Demográfico: 2010.** Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/pt/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2747>. Acesso em 30/04/2015.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente. Volume VII/I.** Editora Vozes. Rio de Janeiro: 2012

JUNG, Carl Gustav. **Aion. Volume IX/II.** Editora Vozes. Rio de Janeiro: 2012.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade. Volume XVII.** Editora Vozes. Rio de Janeiro: 2012.

LEONARD, Linda Schierse. **A mulher ferida. Em busca de um relacionamento responsável entre homens e mulheres.** Summus Editorial. São Paulo: 1997.

LEONARD, Linda Schierse. **No caminho para as núpcias.** Editora Paulus. São Paulo: 2000.

MONTENEGRO, Carolina. **Sobre jasmims, bombas e faraós.** Editora Record. São Paulo: 2014.

MORAES, Noely Montes. **Fica comigo para o café da manhã.** Editora Olho d'água. São Paulo: 2000

NEUMANN, Erich. **Historia da origem da consciência**. Editora Cultrix. Sao Paulo: 1995.

NEUMANN, Erich. **O medo do feminino**. Editora Paulus. São Paulo: 2000. 2ª edição 2011.

PENNA, Eloísa Marques Damasco. **O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa**. Psicologia USP, 16 (3) p. 71-94. São Paulo: 2004.

PLATÃO. **O Banquete**. Coleção Saraiva de Bolso. São Paulo: 2012

QUALLS-CORBETT, Nancy. **A prostituta sagrada: a face eterna do feminino**. Editora Paulus: 2002.

SANFORD, John. **Os Parceiros Invisíveis**. Editora Paulus. São Paulo: 1997.

STORNILO, Ivo. **Bíblia Sagrada Pastoral – Média Cristal**. Editora Paulus. São Paulo: 1990.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Introdução à metodologia da pesquisa clinico-qualitativa – Definição e principais características**. Revista portuguesa de psicossomática: vol. 2, nº1, Jan./Jun. p.93 - 108, 2000.

VON FRANZ, Marie-Louise. **O feminino nos contos de fadas**. Rio de Janeiro: 1995. 2ª edição: 2000.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A interpretação dos contos de fadas**. Paulus. São Paulo: 1990.

WHITMONT, Edward C. **A busca do símbolo**. Editora Cultrix. São Paulo: 1969.

Anexo 1

Trechos da Obra Mil e Uma Noites

Disse o autor: conta-se – mas Deus conhece mais o que já é ausência, e é mais sabido quanto ao que, nas crônicas dos povos, passou, se distanciou e desapareceu – que havia em tempos remotos no reino sassânida, nas penínsulas da Índia e da Indochina, dois reis irmãos, o maior chamado Šāriyār e o menos, Šāhzamān. O mais velho, Šāriyār, era um cavaleiro poderoso, um bravo campeão que não deixara apagar-se o fogo de sua vingança, a qual jamais tardava. Do país, dominou as regiões mais recônditas, e, dos súditos, os mais renitentes. E, depois de assenhorear-se do país e dos súditos, entronizou como sultão, no governo da terra de Samarcanda, seu irmão Šāhzamān, que por lá se estabeleceu, ao passo que ele próprio se estabelecia na Índia e na Indochina.

Tal situação se prolongou por dez anos, ao cabo dos quais Šāriyār, saudosos do irmão, mandou atrás dele seu vizir – o qual tinha duas filhas, uma chamada Šāhrazād, e a outra Dīnārzād. O rei determinou a esse vizir que fosse até Šāhzamān e se apresentasse a ele. Assim, o vizir munuiu-se de apetrechos necessários e viajou durante dias e noites até chegar a Samarcanda. Šāhzamān saiu para recebê-lo acompanhado de membros da corte, descavalgou, abraçou-o e pediu notícias acerca do irmão mais velho, Šāriyār. O vizir informou-o que seu irmão estava bem e que o enviara até ali a fim de conduzi-lo a sua presença. Šāhzamān, dispondo-se a atender o pedido do irmão, instalou o vizir nas cercanias da cidade, abasteceu-o das provisões e do feno que necessitava, sacrificou algumas reses em sua homenagem e presenteou-o com jóias e dinheiro, corcéis e camelos, cumprindo assim suas obrigações de anfitrião. Durante dez dias preparou-se para a viagem, deixando em seu lugar um oficial, arrumou as coisas e foi passar a noite com o vizir, junto ao qual permaneceu até bem tarde, quando então retornou à cidade, subindo ao palácio a fim de se despedir da esposa; ao entrar, porém, encontrou-a dormindo ao lado de um sujeito, um dos rapazes da cozinha: estavam abraçados. Ao vê-los naquele estado, o mundo se escureceu todo em seus olhos e, balançando a cabeça por alguns instantes, pensou: “Isso e eu nem sequer viajei; estou ainda nos arredores da cidade. Como será então quando eu de fato tiver viajado até meu irmão lá na Índia? O que ocorrerá depois disso? Pois é, não é mesmo possível confiar nas mulheres!”. Depois possuído por uma insuperável cólera, disse: “Deus do céu! Mesmo eu sendo rei, o governante da terra de Samarcanda, me acontece isso? Minha mulher me trai! É isso que se abateu sobre mim”. E como a cólera crescesse ainda mais,

desembainhou a espada, golpeou os dois – o cozinheiro e a mulher – e, arrastando ambos pelas pernas, atirou-os do alto do palácio ao fundo da vala que o cercava. Em seguida, voltou até onde estava o vizir e determinou que a viagem fosse iniciada naquele momento.

Tocaram-se os tambores e começou-se a viagem. No coração do rei Šāhzamān, contudo, ardia uma chama inapagável e uma labareda inextinguível por causa do que lhe fizera a esposa: como pudera traí-lo, trocando-o por um cozinheiro, aliás simples ajudante na cozinha? Mas a viagem prosseguia célere: atravessando desertos e terras inóspitas por dias e noites, chegaram afinal à terra do rei Šāriyār, que saiu para recebê-los. Logo que os viu, abraçou o irmão, aproximou-o, dignificou-o e hospedou-o num palácio ao lado do seu: com efeito, o rei Šāriyār possuía um amplo jardim no qual construirá dois imponentes, formosos e elegantes palácios, reservando um deles para a hospedagem oficial e destinando o outro para sua própria moradia e também para o harém. Hospedou, portanto, o irmão Šāhzamān no palácio dos hóspedes, e isso depois que os camareiros já o haviam lavado, limpado e mobiliado, abrindo-lhe as janelas que davam para o jardim.

Šāhzamān permanecia o dia inteiro com o irmão e em seguida subia ao referido palácio para dormir; mal raiava a manhã, dirigia-se de novo para junto do irmão. Mas, mal se via a sós consigo mesmo, punha-se a remoer os sofrimentos que o afligiam por causa da esposa, suspirava fundo, resignava-se melancolicamente e dizia: “Mesmo eu sendo quem sou, aconteceu-me tamanha catástrofe”. Começava então a mortificar-se, amargurado, dizendo: “O que me ocorreu não ocorreu a mais ninguém”, e sua mente era invadida por obsessões. Diminuiu a alimentação, a palidez se acentuou e as preocupações lhe transtornaram o aspecto. Todo seu ser começou a dar para trás, o corpo definhava e a cor se alterava.

Disse o autor: notando que seu irmão, dia a dia, se debilitava a olhos vistos, definhando e consumindo-se, cor pálida e fisionomia esquelética, o rei Šāriyār supôs que isso se deveria ao fato de estar apartado de seu reino e de sua gente, dos quais se encontrava como exilado, pensou pois: “Esta terra não está agradando a meu irmão; por isso, vou preparar um bom presente e enviá-lo de volta ao seu país”, e, pelo período de um mês, dedicou-se a lhe providenciar os presentes; depois, mandou-lhe chamar e disse: “Saiba, meu irmão, que eu pretendo correr com as gazelas e vou sair para caçar por dez dias e, ao retornar, farei os arranjos para sua viagem de volta. Que tal ir caçar comigo?” Ao ouvir tais palavras, Šāriyār acreditou que, de fato, o irmão tinha o peito oprimido por

estar afastado de seu reino e não quis força-lo a nada; por conseguinte, deixou-o e viajou com membros da corte e os soldados; penetraram numa região selvagem, onde demarcaram e cercaram o espaço para caçar e montar armadilhas.

Disse o autor: quanto a Šāhzamān, depois que o irmão saiu para a caçada, ele ficou no palácio: olhando pela janela para a direção do jardim, observava pássaros e árvores e pensava na esposa e no que ela fizera contra ele; suspirou profundamente, o semblante dominado pela tristeza.

Disse o narrador: enquanto ele, assim absorto em seus pensamentos e aflições, ora contemplava o céu, ora percorria o jardim com o olhar merencório, eis que a porta secreta do palácio de seu irmão se abriu, dela saindo sua cunhada, entre vinte criadas, dez brancas e dez negras, ela se requebrava como uma gazela de olhos vivos. Šāhzamān os via sem ser visto. Continuaram caminhando até chegar ao sopé do palácio onde estava Šāhzamān, a quem não viram: todos imaginavam que viajara na expedição de caça junto com o irmão. Assentaram-se sob o palácio, arrancaram as roupas e eis que se transformaram em dez escravos negros e dez criadas, embora todos vestissem roupas femininas: os dez agarraram as dez, enquanto a cunhada gritava: “Mas °ūd! Ó Mas °ūd!”; então um escravo negro pulou em cima de uma árvore no chão e imediatamente achegou-se a ela; abriu-lhe as pernas, penetrou entre suas coxas e caiu por cima dela. Assim ficaram até o meio do dia: os dez sobre as dez e Mas °ūd montado na senhora. Quando se satisfizeram e terminaram o serviço, foram todos se lavar; os dez escravos negros vestiram trajes femininos e misturaram-se às dez moças, tornando-se aos olhos de quem os visse, um grande grupo de vinte criadas. Quanto a Mas °ūd, ele pulou o muro do jardim e arrempiou caminho. As vinte escravas, com a senhora no meio delas, caminharam até chegar à porta secreta do palácio pela qual entraram, trancando-a por dentro e indo cada qual cuidar de sua vida.

Disse o autor: ao ver o procedimento da esposa de seu irmão mais velho, e discernir sobre o que havia sido feito – isto é, tendo observado essa atroz calamidade, essa desgraça que ocorria ao irmão dentro de seu próprio palácio: dez escravos em trajes femininos copulando, ali, com suas concubinas e criadas, além da cena da cunhada com o escravo Mas °ūd -, enfim, ao ver tudo isso, o coração de Šāhzamān se libertou de aflições e transtornos, e ele pensou: “Eis a nossa condição! Meu irmão é o maior rei da terra, governante de vastas extensões e isso despenca sobre ele em seu próprio reino, sobre sua esposa e concubinas: a desgraça está dentro de sua própria casa! Comparando a isso, o que me ocorreu diminui de importância, justo eu que imaginava ser a única

vítima dessa catástrofe; estou vendo, porém, que qualquer um pode ser atingido! Por Deus, a minha desgraça é mais leve que a do meu irmão!” Depois, perplexo, pôs-se a censurar a fortuna, de cujas adversidades ninguém está a salvo. Estava assim esquecido de suas próprias angústias e entretido com sua desgraça quando lhe trouxeram o jantar, que ele devorou com apetite e gosto; também lhe trouxeram bebida, que ele bebeu com igual vontade. Dissiparam-se as mágoas que trazia no pensamento, e ele, tendo comido, bebido e se alegrado, disse: “Depois de ter padecido sozinho em razão dessa desgraça, agora me sinto bem”. E durante dez dias comeu e bebeu.

Ao retornar da caça, o irmão mais velho foi recebido por um Šāhzamān alegre, que se dispôs a servi-lo com um sorriso no rosto. Estranhando aquilo, o rei Šāriyār disse: “por Deus, meu irmão, que senti saudades de você durante a viagem! Eu queria mesmo é que você estivesse comigo”.

Disse o copista: Šāhzamān agradeceu o irmão e ficou conversando com ele até o crepúsculo, quando então lhes foi servido o jantar. Ambos comeram e beberam. Šāhzamān bebeu com sofreguidão.

Disse o autor: e Šāhzamān continuou pelos dias seguintes comendo e bebendo. Suas preocupações e obsessões se dissiparam, seu rosto ficou rosado, seu ânimo se fortaleceu: ele recobrou as cores e engordou, retomando e até mesmo melhorando sua condição inicial. Embora percebesse as mudanças que se operavam no irmão, o rei Šāriyār guardou aquilo no coração. Mas um dia, estando a sós com ele, disse: “Meu irmão Šāhzamān, eu quero que você me esclareça algo que trago cá na mente, e me liberte do peso que carrego no coração. Vou lhe fazer uma pergunta sobre um assunto e você deve me responder a verdade”. Perguntou Šāhzamān: “E qual é a dúvida, meu irmão?”. Respondeu Šāriyār: “Logo que chegou aqui e se hospedou comigo, notei que você dia a dia definhava a olhos vistos, até que seu rosto se alterou, sua cor se transformou e seu ânimo se debilitou. Como essa situação se prolongasse, julguei que semelhante acometimento devia ao fato de você estar afastado de seus parentes e do seu reino. Por isso, evitei indagar a respeito e passei a esconder as minhas preocupações de você, muito embora o visse definhar e se alterar mais e mais. Porém, depois que eu viajei para a caça e regressei, vi que a sua situação se consertou e sua cor se recobrou. Agora, eu gostaria muito que você me informasse sobre isso e me dissesse qual foi o motivo das alterações que o atingiram aqui no início e qual o motivo da recuperação de seu viço. E não esconda nada de mim”.

Disse o copista: ao ouvir as palavras do rei Šāriyār, Šāhzamān manteve-se por alguns instantes cabisbaixo e depois disse: Ó rei, quanto ao motivo que consertou o meu estado, eu não posso informa-lhe a respeito e gostaria muito que você me poupasse de mencioná-lo”. Muitíssimo intrigado com as palavras do irmão, que lhe ataçaram chamas no coração, o rei Šāriyār disse: “É absolutamente imperioso que você me informe sobre isso. Agora, no entanto, fale-me sobre o primeiro motivo”.

Disse o autor: então Šāhzamān contou em pormenores o que lhe sucedera por parte da esposa na noite da viagem. Disse: “Enquanto eu estava aqui, ó rei dos tempos, nos constantes momentos em que pensava na calamidade que minha esposa fizera abater-se sobre mim, era atingido por aflições, obsessões e preocupações. Meu estado então se alterou, e esse foi o motivo”. E se calou. Ao ouvir a história, o rei Šāriyār balançou a cabeça, tomado de grande assombro por causa das perfídias femininas, e depois de ter rogado auxílio divino contra sua perversidade, disse: “Por Deus, meu irmão, que você agiu da melhor maneira matando sua mulher e a tal homem. Está justificado o motivo pelo qual você foi atingido por preocupações e obsessões, e porque seu estado se alterou. Não presumo que isso que lhe sucedeu tenha sucedido com qualquer outro. Juro por Deus que, se fosse eu, não e bastaria matar menos de cem mulheres ou mil mulheres, não, eu ficaria louco e sairia por aí alucinado. Porém agora, graças a Deus, como as suas preocupações e tristezas se dissiparam me deixe a par do motivo que desvaneceu as suas preocupações e o fez recobrar a cor”. Respondeu Šāhzamān: “Ó rei, eu gostaria que, por Deus, você me poupasse disso”. Disse Šāriyār: “Mas é absolutamente imperioso”. Disse Šāhzamān: “Eu temo que você seja atingido por preocupações e obsessões bem mais graves do que as minhas”. Disse Šāriyār: E como pode ser isso meu irmão? Não, já não existe possibilidade de retorno: faço questão de ouvir a história”.

Disse o autor: então o irmão menos lhe relatou o que vira através da janela do palácio, e a desgraça que ocorria em seu palácio- que dez escravos em trajes femininos dormiam entre suas concubinas e mulheres durante a noite e o dia etc. etc., pois repetir agora toda a história seria perda de tempo – “e ao ver a desgraça que se abateu sobre você, as preocupações por causa da minha própria desgraça se dissiparam, e eu disse de mim para mim: ‘mesmo sendo meu irmão o maior rei da terra, sucedeu-lhe tamanha desgraça dentro de sua casa’. Foi assim que me libertei das preocupações e desapareceu aquilo que no peito eu carregava; reconfortei-me, comi e bebi. Eis o motivo de minha alegria e da recuperação de minha cor”.

Disse o autor: ao ouvir as palavras do irmão sobre o que estava ocorrendo em seu palácio, o rei Šāriyār ficou terrivelmente encolerizado, a tal ponto que quase começou a pingar sangue. Depois disse: “Meu irmão, só acreditarei no que você disse se eu ver com meus próprios olhos”. E sua cólera aumentou. Então Šāhzamān lhe disse: “Se você precisa mesmo ver sua desgraça com seus próprios olhos para acreditar em mim, então arme uma nova expedição de caça; sairemos eu e você com os soldados, e quando estivermos acampados fora da cidade deixaremos nossos pavilhões, tendas e soldados como estiverem e retornaremos, eu e você, secretamente à cidade. Você subirá comigo até o palácio e poderá então ver tudo com seus próprios olhos”.

Disse o autor: o rei reconheceu que a proposta de seu irmão era correta. Ordenou aos soldados que se preparassem para viajar e permaneceu com o irmão naquela noite. Quando Deus fez amanhecer o dia, os dois montaram em seus cavalos, os soldados também montaram e saíram todos da cidade. Foram precedidos pelos camareiros, que carregaram as tendas até as encostas da cidade e ali montaram o pavilhão real e seu vestíbulo. E o sultão e seus soldados se instalaram. Ao anoitecer, o rei enviou uma mensagem ao seu secretário-mor ordenando-lhe que ocupasse seu lugar e que não deixasse nenhum dos soldados entrar na cidade durante três dias, bem como outras instruções relativas aos soldados.

Ele e o irmão se disfarçaram e entraram na cidade durante a noite, subindo ao palácio no qual Šāhzamān estava hospedado. Lá dormiram até a alvorada, quando então se postaram na janela do palácio e ficaram observando o jardim. Conversaram até que a luz do dia se irradiou e o sol raiou. Olharam para a porta secreta que fora aberta e da qual saiu a esposa do rei Šāriyār, conforme o hábito, entre vinte pessoas; caminharam sob as árvores até chegar ao sopé do palácio em que ambos estavam, tiraram as roupas femininas, e eis que eram dez escravos que se lançaram sobre as dez jovens e as possuíram. Quanto à senhora, ela gritou: “ó Mas °ūd! ó Mas °ūd”, e eis que um escravo negro pulou ligeiramente de uma árvore em cima do chão; encaminhou-se até ela e disse: “O que você tem sua arrombada? Eu sou Sa °duddīn Mas °ūd (afortunada). Então a mulher riu e se deixou de costas, e o escravo se lançou sobre ela e nela se satisfez, bem como os outros escravos nas escravas. Em seguida os escravos levantaram-se, lavaram-se, vestiram os trajes femininos que estavam usando e se misturaram às moças, entrando todos no palácio e fechando a porta. Quanto a Mas °ūd, ele pulou o muro, caiu na estrada e tomou seu rumo.

Disse o autor: em seguida, ambos desceram do palácio. Ao ver o que sua esposa e criadas lhe faziam, o sultão Šāriyār ficou transtornado e disse: “Ninguém está a salvo neste mundo. Isto ocorre dentro do meu palácio, dentro de meu reino. Maldito mundo, maldita catástrofe”. E voltando-se para o irmão, disse: “Você me acompanha no que eu vou fazer agora?”. O irmão respondeu “Sim”. Šāriyār disse: “Vamos abandonar nosso reino e perambular em amor a Deus altíssimo. Vamos desaparecer daqui. Se por acaso encontrarmos alguém cuja desgraça seja pior do que a nossa, voltaremos, caso o contrário, continuaremos vagando pelo mundo, sem necessidade alguma de poder”. Disse Šāhzamān: “Esse é um excelente parecer, vou acompanhar você”.

Disse o copista: ato contínuo, ambos desceram pela porta secreta do palácio e, saindo por outro caminho, puseram-se em viagem. E quando viajando continuaram até o anoitecer, quando então dormiram abraçados a suas aflições e dores. Mal amanheceu, retomaram a caminhada, logo chegaram a um prado repleto de plantas e árvores na orla do mar salgado. Ali começaram a discutir sobre suas respectivas desditas e o que lhes sucedera. Enquanto estavam nisso, eis que um grito, um brado violentíssimo saiu do meio do mar. Tremendo de medo, eles supuseram que os céus se fechavam sobre a terra. Tamanho foi o medo dos dois irmãos que fugiram e subiram numa árvore gigante na qual se instalaram, ocultando-se entre as suas folhagens. Dali, espicharam o olhar para a coluna negra que, flanando pela água, fazia o mar fender-se e avançava em direção àquele prado verdejante. Assim que botou os pés na terra, ambos puderam vê-lo bem: tratava-se de um ifrit (gênio) preto, que carregava à cabeça um grande baú de vidro com quatro cadeados de aço. Ao sair do mar, o ifrit caminhou pelo prado e foi instalar-se justamente debaixo da árvore em que os dois estavam escondidos. Depois de sentar debaixo da árvore, ele depositou o baú no solo, sacou quatro chaves com as quais abriu os cadeados e dali retirou uma mulher de compleição perfeita, bela jovem de membros gentis, um doce sorriso no rosto de lua cheia. Retirou-a do baú, colocou-a debaixo da árvore, contemplou-a e disse: “Ó senhora de todas as mulheres livres, a quem sequestrei na noite de seu casamento, eu gostaria agora de dormir um pouco”. Ato contínuo, o ifrit depositou a cabeça no colo da jovem e estendeu as pernas, que chegaram até o mar. E, mergulhando no sono, pôs-se a roncar. A jovem ergueu a cabeça para a árvore e, voltando casualmente o olhar, avistou os reis Šāriyār e Šāhzamān. Então ergueu a cabeça do ifrit de seu colo, depositou-a no chão, levantou-se foi até debaixo da árvore e sinalizou-lhes com as mãos: “Desçam devagarzinho até mim”. Percebendo que haviam sido vistos eles ficaram temerosos e suplicaram humildes, em nome daquele que

erguera os céus, que ela os poupasse de descer. A jovem disse: “É absolutamente imperioso que vocês desçam até aqui”. Eles lhe disseram por meio de sinais: “Mas isso aí que está deitado é inimigo do gênero humano. Por Deus, deixe-nos em paz”. Ela disse: “É absolutamente imperioso que vocês desçam. Se acaso não o fizerem, eu acordarei o ifrit e lhe pedirei que os mate”, e continuou fazendo-lhe sinais e insistindo até que eles desceram lentamente da árvore, colocando-se afinal diante dela, que se deitou de costas, ergueu as pernas e disse: “Vamos, comecem a copular e me satisfaçam, senão vou acordar o ifrit para que ele mate vocês”. Eles disseram: “Pelo amor de Deus, minha senhora, não faça assim. Nós agora estamos com muito medo desse ifrit. Poupe-nos disso. A jovem respondeu: “É absolutamente imperioso”, e insistiu e jurou: “Por Deus que ergueu os céus, se vocês não fizerem o que estou mandando, eu acordarei meu marido ifrit e mandarei que mate vocês e os afunde nesse mar”. E tanto insistiu que eles não tiveram como divergir: ambos copularam com ela, primeiro o mais velho, em seguida o mais jovem. Quando terminaram e saíram de cima dela, a jovem disse: “Deem-me seus anéis”, e puxou, do meio de suas roupas, um pequeno saco. Abrindo-o, sacudiu seu conteúdo no chão, e dele saíram noventa e oito anéis de diferentes cores e modelos. Ela perguntou: Por acaso vocês sabem o que são estes anéis?. Responderam: “Não”. Ela disse: “Todos os donos desses anéis me possuíram, e de cada um eu tomei o anel. E como vocês também me possuíram deem-me seus anéis para que eu os junte a estes outros e complete cem anéis; assim cem homens terão me descoberto bem no meio dos cornos desse ifrit nojento e chifrudo, que me prendeu nesse baú, me trancou com quatro cadeados e me fez morar no meio desse mar agitado e de ondas revoltas, pretendendo que eu fosse ao mesmo tempo, uma mulher liberta e vigiada. Mas ele não sabe que o destino não pode ser evitado, nem nada pode impedi-lo, nem que quando a mulher deseja alguma coisa, ninguém pode impedi-la. Ao ouvir as palavras da jovem, os reis Šāriyār e Šāhzamān ficaram sumamente assombrados e, curvados de espanto disseram: “Deus, ó Deus, não existe poderio nem força senão em Deus altíssimo e grandioso! ‘De fato vossas artimanhas não terríveis’”. Retiraram os anéis e os entregaram à jovem, que os recolheu e guardou no saco, indo em seguida sentar-se junto ao ifrit, cuja cabeça ergueu e recolocou no colo, conforme estava antes. Depois fez-lhe sinais: “Tomem seu caminho senão eu acordo o ifrit”.

Disse o autor: então eles fizeram meia-volta e se puseram em marcha. Voltando-se para o irmão Šāriyār disse: “Ó meu irmão Šāhzamān, veja só essa desgraça: por Deus, é muito pior do que a nossa. Esse aí é um gênio que sequestrou a jovem na noite

de seu noivado, e a trancafiou num baú de vidro com quatro cadeados, e a fez morar no meio do mar alegando que assim a preservaria do juízo e decretos divinos. Mas você viu que ela já tinha sido possuída por noventa e oito homens, e que, eu e você completamos os cem. Vamos retornar para os nossos reinos e cidades. Não voltaremos a tomar em casamento mulher alguma. Aliás, da minha parte, eu vou lhe mostrar que farei”.

Disse o autor: então eles apressaram o passo no caminho. E não deixaram de marchar durante a noite, chegando, na manhã do terceiro dia, até onde estavam acampadas as tropas. Adentraram o pavilhão e se sentaram no trono. Secretários, delegados, nobres e vizires foram ter com o rei Šāriyār, que estabeleceu proibições, distribuiu ordens, fez concessões, deu presentes e dádivas. Depois, determinou que se entrasse na cidade, e todos entraram. Ele subiu ao palácio e deu a seu vizir-mor pai das já mencionadas jovens Dīnārzād e Šāhrazād – a seguinte ordem: “Pegue minha mulher e mate-a”, e, entrando no aposento dela, amarrou-a e entregou ao vizir, que saiu levando-a consigo e a matou. Depois o rei Šāriyār desembainhou a espada e, entrando nos aposentos de seu palácio, matou todas as criadas, trocando-as por outras. E tomou a resolução de não se manter casado senão uma única noite: ao amanhecer, mataria a mulher a fim de manter-se salvo de sua perversidade e perfídia; disse: “Não existe sobre a face da Terra uma única mulher liberta”. Em equipando o irmão Šāhzamān, enviou-o de volta para sua terra carregando presentes, jóias, dinheiro e outras coisas. Šāhzamān despediu-se e tomou o rumo de seu país.

Disse o autor: o rei Šāriyār instalou-se no trono e ordenou a seu vizir – pai das duas jovens – que lhe providenciasse casamento com alguma filha de nobres, e o vizir assim o fez. Šāriyār a possuiu-a e nela satisfez seu apetite. Quando raiou a manhã, ordenou a seu vizir que a matasse. Depois, naquela própria noite casou-se com outra moça, filha de um de seus chefes militares. Possuiu-a e, ao amanhecer, ordenou a seu vizir que a matasse, e este, não podendo desobedecer, matou-a. Depois, na terceira noite, casou-se com a filha de um dos mercadores da cidade. Dormiu com ela até o amanhecer e depois ordenou ao vizir que a matasse, e ele a matou.

Disse o narrador: e o rei Šāriyār continuou a se casar a cada noite com uma jovem filha de mercadores ou de gente do vulgo – com ela ficando uma só noite e em seguida mandando mata-la ao amanhecer – até que as jovens escassearam, as mães chorara, as mulheres se irritaram e os pais e as mães começaram a rogar pragas contra o rei, queixando-se ao criador dos céus e implorando ajuda àquele que ouve as vozes e atende às preces.

Disse o copista: o vizir encarregado de matar as moças tinha uma filha chamada Šāhrazād, mais velha, e outra chamada Dīnārzād, mais nova. Šāhrazād, a mais velha, tinha lido livros de compilações, de sabedoria e de medicina; decorara poesias e consultara as crônicas históricas; conhecia tantos os dizeres de toda gente como as palavras dos sábios e dos reis. Conhecedora das coisas, inteligente, sábia e cultivada, tinha lido e entendido.

Disse o autor: certo dia, Šāhrazād disse ao pai: “Eu vou lhe revelar, papai, o que me anda oculto pela mente”. Ele perguntou: “O que é?”. Ela respondeu: “Eu gostaria que você me casasse com o rei Šāriyār. Ou me converto em um motivo para a salvação das pessoas ou morro e me acabo, tornando-me igual a quem morreu e acabou”. Ao ouvir tais palavras da filha, o vizir se encolerizou e disse: “Sua desajuizada! Será que você não sabe que o rei Šāriyār jurou que não passaria com nenhuma moça senão uma só noite, matando-a ao amanhecer? Se eu consentir nisso, ele vai passar apenas uma noite com você e logo que amanhecer ele vai me ordenar que a mate, e eu terei de mata-la, pois não posso discordar dele”. Ela disse: “É absolutamente imperioso, papai, que você me dê em casamento a ele; deixe que ele me mate”. Disse o vizir: “E o que está levando você a colocar sua vida em risco assim”. Ela disse: “É absolutamente imperioso, papai, que você me dê em casamento e ele: uma só palavra e uma ação resoluta”. Então o vizir encolerizou e disse: “Filhinha, ‘Quem não sabe lidar com as coisas incide no que é vedado’, ‘Quem não mede as consequências não tem o destino como amigo’. E, como se diz num provérbio corrente, ‘Eu estava tranquilo e sossegado mas a minha curiosidade me deixou ferrado’. Eu temo que lhe suceda o mesmo que sucedeu ao burro e ao boi da parte do lavrador”. Ela perguntou: “E o que sucedeu, papai, ao burro e ao boi da parte do lavrador?”. Ele disse:

Saiba que certo mercador próspero tinha muito dinheiro, homens, animais de carga, e camelos; também tinha esposa e filhos pequenos e crescidos. Vivia no interior, inteiramente dedicado à lavoura, e conhecia a linguagem dos quadrúpedes e demais animais; no entanto, se ele revelasse tal segredo a alguém, morreria. Ele sabia, portanto, a linguagem de todas as espécies de animais, mas não dizia nada a ninguém por medo de morrer. Em sua fazenda viviam um boi e um burro, e ambos ficavam próximos um ao outro, amarrados ao pesebre. Certo dia, o mercador sentou-se, com a esposa ao lado e os filhos pequenos brincando diante de si, e olhou para o boi e o burro. Ouviu o boi dizendo ao burro: “Muitas congratulações para você, mano esperto, pelo conforto e serviços de escovação e limpeza que você recebe. Você tem quem cuide de si; só o

alimentam com cevada escolhida e água fresca e limpa. Quanto a mim, pegam-me no meio da noite para lavrar e colocam no meu cangote uns utensílios chamados canga e arado; trabalho o dia inteiro, escavando a terra e sendo obrigado a fazer tarefas insuportáveis; sofro com as surras do lavrador e com o relho; meus flancos se lanham e meu cangote se esfolia; fazem-me trabalhar de noite a noite, e depois me levam ao paiol, onde me dão fava suja de barro e palha com talo; durmo no meio da merda e do mijo a noite inteira. Agora, você não, você sempre está sendo escovado, lavado e limpado; seu pesebre é limpo e cheio de boa palha; está sempre descansado, e só raramente, quando ocorre ao nosso dono, o mercador, alguma necessidade, ele monta em você, mas retorna rapidamente. Você está descansado, e eu, cansado; você está dormindo, e eu, acordado”. Quando o boi encerrou o discurso, o burro voltou-se para ele e disse: “Seu simplório, não mente quem te trata como bobo, pois você bobalhão, não tem nem artimanha nem esperteza nem maldade. Fica aí exibindo sua gordura, se esforçando e se matando pelo conforto dos outros? Você por acaso não ouviu o provérbio que diz ‘quem perde o sucesso, seu caminho entra em recesso?’ Você sai logo pela manhãzinha para o campo, o maior sofrimento, lavrando e apanhando, e depois o lavrador traz você e amarra no pesebre, enquanto você fica aí se batendo, dando chifrada, dando coice, dando mugido, mal aguentando esperar até que joguem as favas na sua frente para você comer? Não, nada disso, você tem mais é que fazer o seguinte: quando lhe trouxerem a fava, não coma nada; dê só uma cheiradinha nela, se afaste e nem prove; limite-se a comer palha e feno. Se agir assim, isso será melhor e mais adequado para você, e aí então vai ver o conforto que desfrutará”.

Disse o autor: ao ouvir as palavras do burro, o boi percebeu que este lhe dava excelentes conselhos; agradeceu-lhe em sua língua, fez-lhe os melhores votos, desejou-lhe as melhores recompensas, certificou-se de que seus conselhos eram bons e lhe disse: “Que você fique a salvo de todo dano mano esperto!”.

[Prosseguiu o vizir]: Isso tudo ocorreu, minha filha, diante dos olhos do mercador, que sabia o que eles estavam dizendo. Quando foi no dia seguinte, o lavrador foi até a casa do mercador, recolheu o boi, colocou-lhe o arado e o pôs para trabalhar. O boi, contudo, realizou mal seu trabalho de aragem; o lavrador espancou-o e o boi, fingindo – pois ele aceitara as recomendações do burro -, atirou-se ao chão; o lavrador tornou a bater-lhe, mas o boi pôs-se a levantar e cair seguidamente até que anoiteceu. Então o lavrador conduziu-o até o paiol, amarrando-o ao pesebre. Intrigado com aquela história, o lavrador trouxe-lhe favas e forragem, mas o boi, após cheirá-las, deu uns

passos para trás e foi deitar-se longe dali, pondo-se a mordiscar um pouquinho de palha e feno espalhados ali pelo chão até que amanheceu, quando então voltou o lavrador e verificou que o pesebre continuava cheio de palha e feno, cujas quantias não haviam diminuído nem se modificado, e que o boi estava deitado, a barriga estufada, a respiração presa e as pernas erguidas; ficou triste por ele e pensou: “Por Deus que ele estava enfraquecido, e é por isso que não conseguia trabalhar”. Em seguida, dirigiu-se ao mercador e disse: “Chefe, esta noite o boi não comeu a ração, nem sequer provou nada”. Sabedor do caso, o mercador disse ao lavrador: “Vá até aquele burro malandro e bote-lhe o arado no pescoço; faça-o trabalhar bastante a fim de que ele compense a ausência do boi”. Então o lavrador foi até o burro, pendurou-lhe o arado no pescoço, foi até o campo e chicoteou e forçou o burro a fim de que ele cumprisse as tarefas do boi. Tantas foram as chicotadas que seus flancos se dilaceraram e seu pescoço se esfolou. Ao anoitecer, conduziu-o ao paiol. De orelhas murchas, o burro estava que mal conseguia arrastar as patas. Quanto ao boi, naquele dia sua história fora outra: passara o tempo todo dormindo, sossegado e ruminando; comera toda sua ração, matara a sede, esperara, descansara e durante o dia inteiro rogara pelo burro e lhe louvara o bom parecer. Quando anoiteceu e o burro chegou, o boi foi recepciona-lo presunçoso dizendo: “Que você tenha uma excelente noite, mano esperto! Por Deus que você me fez um favor que, de tão grande, não tenho como descrever. Que você continue correto e cortês, e que Deus o recompense por mim, mano esperto!”. O burro estava tão irritado com o boi que não lhe deu resposta, e pensou: “Isso tudo me aconteceu por causa de meus péssimos cálculos. ‘Eu estava sossegado e tranquilo mas minha curiosidade me deixou ferrado’. Agora se eu não arranjar algum stratagem para fazer o boi retornar ao que fazia antes, estarei destruído”. E dirigiu-se ao pesebre, enquanto o boi ruminava e lhe fazia bons votos.

[Prosseguiu o vizir]: ‘Também você minha filha, poderá ser destituída em virtude de seus péssimos cálculos; por isso, acalme-se, fique quieta e não exponha sua vida à destruição. Estou sendo seu bom conselheiro, e ajo movido por meu afeto e por você’. Ela disse: “Papai, é absolutamente imperioso que eu vá até esse sultão e que você me dê em casamento a ele”. Disse o vizir: “Não faça isso”. Ela respondeu: “É absolutamente imperioso fazê-lo”. O vizir disse: “Caso não se aquiete, vou fazer com você o mesmo que o mercador proprietário da fazenda fez com sua esposa”. Ela perguntou: “E o que ele fez com sua esposa, papai?”. O vizir respondeu:

Saiba que, após aquelas ocorrências entre o boi e o burro, o mercador saiu com a esposa em uma noite enluarada e foram até o paiol, onde ele ouviu o burro dizendo ao boi em sua língua: “E aí, meu boi, o que você vai fazer amanhã de manhã? Ouça o que estou dizendo: quando o lavrador lhe trouxer a ração, aja conforme eu disser”. O boi perguntou: “Ué, e não devo fazer o mesmo que você me sugeriu ontem? Nunca mais vou deixar de fazer isso: quando ele trouxer a ração, vou começar a fingir, a me fingir de doente, vou deitar e estufar a barriga”. Mas o burro balançou a cabeça e disse: “Não faça isso. Sabe o que eu ouvi o nosso dono mercador dizendo ao lavrador?”. O boi perguntou: “O que?”. O burro respondeu: “Ele disse: ‘Se o boi não comer a ração nem se levantar, chame o açougueiro para sacrificá-lo e distribuir-lhe a carne como esmola; esfole a sua pele e transforme-a em esteira’. Eu estou temeroso por você, e o bom aconselhamento faz parte da fé; assim, logo que vier a ração, coma e se ponha de pé, pois, do contrário vão sacrificá-lo e arrancar sua pele”. Então o boi se pôs a peidar e a berrar. E o mercador se pôs imediatamente de pé e riu bem alto das ocorrências entre o burro e o boi. A esposa perguntou: “Do que está rindo? Você está me ridicularizando”. Ele disse: “Não”. Ela disse: “Então me diga o motivo do seu riso”. Ele respondeu: “Não posso dizer. É um segredo terrificante, pois não posso revelar o que os animais dizem em suas línguas”. Ela perguntou: “E o que o impede de me dizer?”. Ele respondeu: “O que me impede é que eu morrerei se o fizer”. A mulher disse: “Por Deus que você está mentindo. Isso não passa de uma desculpa. Juro por Deus, pelo senhor dos céus, que não viverei mais com você se você não me contar e explicar o motivo da sua risada. É absolutamente imperioso que você me conte”, e, entrando em casa, chorou sem interrupção até o amanhecer. O mercador disse: “Ai de ti, Só me diga o motivo de tanto choro! Rogue a Deus e se acalme! Largue essas perguntas e deixe-nos em paz. Ela disse: “É absolutamente imperioso. Não serei demovida de jeito nenhum!”. Cansado, ele perguntou: “Isso é mesmo necessário? Se acaso eu lhe disser o que ouvi do burro e do boi, e o que me fez rir, morrerei”. Ela disse: “É absolutamente imperioso. E não me importa que você morra”. Ele disse: “Chame a sua família”, e ela chamou os dois filhos, os familiares, a mãe, o pai; também vieram alguns vizinhos. O mercador lhes informou que a hora de sua morte estava chegando. Todos choraram: grandes e pequenos, seus filhos, os agricultores e os criados; instalou-se o luto. O mercador mandou chamar testemunhas idôneas e elas compareceram. Em seguida, pagou o dote de sua esposa, registrou tudo por escrito, fez recomendações aos filhos, libertou suas criadas e despediu-se de seus familiares. Todos choraram, inclusive as testemunhas. Os pais da

esposa foram até ela e lhe disseram: “Volte atrás nessa questão, pois se seu marido não tivesse plenamente convicto de que a revelação do segredo o levará à morte, ele não faria isso”. Ela respondeu: “Nada me demoverá de minha exigência”. Então todos choraram e se prepararam para o luto.

[Proseguiu o vizir]: Minha filha Šāhrazād, eles tinham no quintal cinquenta galinhas e um só galo. O mercador, triste por ter de abandonar este mundo, seus familiares e filhos, foi sentar-se no quintal. Enquanto ele refletia e se predispunha a revelar o segredo e contar tudo, ouviu um cachorro que ele tinha no quintal falando, em sua língua, com o galo, o qual batendo e agitando as asas, subira em uma galinha e a possuía, descera dela e subira em cima de outra. O mercador começou a prestar atenção às palavras do cachorro e ouviu o que, em sua língua, ele dizia ao galo: “Ei, galo, como você é desavergonhado! Frustrado está quem criou você esperando algum reconhecimento. Não tem vergonha de fazer coisas como as que estava fazendo num dia como este?”. Perguntou o galo: “E o que tem este dia?”. O cachorro respondeu: “Você por acaso não está sabendo que o nosso amo e senhor está hoje de luto, pois a esposa está exigindo que ele revele seu segredo; porém, assim que o revelar, ele morrerá. Ambos agora estão nessa pendenga: como o patrão está propenso a, mesmo assim, revelar-lhe o segredo sobre a compreensão da língua dos animais, todos estamos tristes por ele. Mas você fica aí batendo as asas e subindo em cima dessa, descendo de cima daquela, sem a menor vergonha”. Então o mercador ouviu o galo respondendo o seguinte: “Seu maluco, seu bufão! Que tenho eu com o fato de nosso patrão ser desajuizado, apesar de suas alegações em contrário? Ele tem uma só esposa e não consegue cuidar dela.” Perguntou o cachorro: “E o que ele deveria fazer com ela?”. Respondeu o galo: “Ele deveria pegar uma boa vara de carvalho, entrar com ela no depósito, fechar a porta e dar-lhe uma sova, espanca-la para valer, com a vara, a tal ponto que as mãos e pés dela se quebrem e ela grite: ‘Não quero mais revelação nenhuma nem explicação’; tal surra deverá valer para o resto da vida, a fim de que ela nunca mais o contradiga em nada. Se ele agir assim com ela, viverá sossegado e se acabará o luto; no entanto, ele não sabe cuidar direito das coisas”.

[Proseguiu o vizir]: Então minha filha Šāhrazād, quando o mercador ouviu a conversa entre o cachorro e o galo, levantou-se rapidamente, tomou uma vara de carvalho, fez a mulher entrar no depósito, entrou atrás dela, trancou-se com ela e passou a espanca-la nas costelas e nos ombros, não parando nem mesmo quando ela pôs a gritar “Não! Não! Eu nunca mais vou perguntar nada! Me deixe! Me deixe! Eu nunca mais

vou perguntar nada”. Só interrompeu a surra quando se cansou, e então abriu a porta e a mulher saiu rendida e convencida graças ao que sucedera. E todos ficaram felizes, o luto virou alegria e o mercador aprendeu como proceder corretamente.

[Prosseguiu o vizir]: “Também você, minha filha, por que não volta atrás em sua decisão? Do contrário, farei com você o mesmo que o mercador fez com a esposa”. Ela respondeu: “Por Deus que não voltarei atrás; Essas histórias que você me contou não me farão hesitar quanto à minha intenção. E, se eu quisesse, poderia contar muitas histórias semelhantes a essa. Mas em resumo, tenho a dizer o seguinte: se você não me conduzir ao rei Šāriyār de livre e espontânea vontade, eu entrarei no palácio escondida das suas vistas e direi ao rei que você não permitiu que alguém como eu casasse com ele, mostrando-se avaro com seu mestre”. O vizir perguntou enfim: “Então isso é absolutamente imperioso?”. Ela respondeu: “Sim”.

Disse o autor: ao se ver derrotado, já cansado de insistir, o vizir subiu até o palácio do sultão Šāriyār e, entrando na sala real, beijou o chão diante dele e informou-o de que iria dar-lhe a mão da filha naquela noite. O rei ficou intrigado e disse: “E como você permitirá, ó vizir, que sua filha se case comigo, sendo que eu – juro por Deus, por quem ergueu os céus – ordenarei que a mate mal amanheça o dia, e se você não me obedecer eu o matarei?”. O vizir respondeu: “Meu amo e sultão, foi isso mesmo que eu informei e expliquei à minha filha, mas ela não aceitou e quis estar com o senhor nesta mesma noite. O rei ficou contente e disse: “Desça, arrume-a e traga-a no início da noite”. Então o vizir desceu, repetiu a mensagem para a filha e concluiu: “Que Deus não me faça sentir sua falta”. Então Šāhrazād, muitíssimo contente, arrumou-se e ajeitou as coisas de que precisaria. Foi até a irmã mais nova, Dīnārzād, e lhe disse: “Minha irmãzinha, preste bem atenção no que vou lhe recomendar: assim que eu subir até o rei vou mandar chama-la. Você subirá e, quando vir que o rei já se satisfez em mim, diga-me: ‘O irmãzinha, se você não estiver dormindo conte-me uma historinha’. Então eu contarei a vocês histórias que serão o motivo de minha salvação e da liberdade de toda esta nação, pois farão o rei abandonar seu costume de marar suas mulheres”. A irmã respondeu “Sim”. Depois, quando a noite chegou, o vizir tomou Šāhrazād pelas mãos e subiu com ela até o rei mais velho Šāriyār, que levou-a para cama e iniciou seu jogo de carícias, mas Šāhrazād começou a chorar. Ele perguntou: “E por que esse choro?”“. Ela respondeu: “Tenho uma irmã e gostaria que pudéssemos nos despedir nesta noite, antes do amanhecer”. O rei mandou então chamar Dīnārzād, que se apresentou e dormiu sob a cama. Quando a noite se fez mais espessa, Dīnārzād ficou atenta e esperou até que o rei

se satisfizesse não irmã e todos fossem bem acordados. Assim no momento oportuno, Dīnārzād pigarreou e disse: “Minha irmãzinha, se você não estiver dormindo, conte-me uma de suas belas historinhas com as quais costumávamos atravessar nossos serões, para que eu possa despedir-me de você antes do amanhecer, pois não sei o que vai lhe acontecer amanhã”. Šāhrazād disse ao rei Šāriyār: “Com a sua permissão eu contarei”. Ele respondeu: “Permissão concedida”; Šāhrazād ficou contente e disse: “Ouça”.

Šāhrazād contou o conto do Primeiro Xequie até amanhecer. A mente do rei ficou ocupada com o restante da história. E a irmã Dīnārzād disse: “Como é agradável a sua história maninha”. Ela respondeu: “Na próxima noite eu lhes contarei uma história mais agradável do que essa, e também mais admirável e espantosa, isso se eu viver e se o rei me preservar e não me matar”. O rei não a matou, queria que ela contasse outras histórias e assim permitiu que ela vivesse dia após dia, até que se passaram 1000 noites.

Šāhrazāde, então, interrompeu a contação de histórias, cujos sentidos e vocabulário despertaram a inteligência do rei Šāriyār, o qual, coração serenado e cólera aplacada, refletiu sobre sua condição, penitenciou-se voltou a Deus altíssimo e pensou: “Se com os califas e reis sassânidas ocorreu pior do que ocorreu comigo, vou parar de me autocensurar. Quanto a esta Šāhrazād não existe igual! Exaltado seja aquele que fez dela a salvação das criaturas contra a morte e a teimosia”. E, levantando-se imediatamente, aproximou-se dela e lhe beijou a cabeça, tanto ela com a sua irmã Dīnārzād ficaram sumamente contentes. Quando amanheceu, o rei Šāriyār, o mais velho, foi para o trono, dali convocando os principais do governo, e logo apareceram os secretários, os delegados, os comandantes, os vizires, outros membros do governo e demais pessoas importantes. Todos beijaram o chão diante do rei, rogaram vida longa para ele, para a rainha Šāhrazād e para o pai dela, louvando este último pela educação e criação que dera à filha. Quando isso foi concluído, o rei deu ao vizir uma vestimenta luxuosa e outros presentes valiosos, e o aproximou de si. Em seguida, contou a todos – vizires, maiores do governo e gente importante – tudo quanto ocorrera entre ele e a rainha Šāhrazāde, e que voltara atrás quanto à morte das jovens, e que estava arrependido do passado. Contou-lhes ainda que pretendia promover um festival em homenagem a ela. Mandou trazer juiz e testemunhas que firmaram o contrato de casamento entre ambos, Šāhrazāde e Šāriyār, o mais velho. Quando o contrato se escreveu, todos os notáveis do governo ficaram felizes e beijaram o chão na frente do rei, rogando para ele a perpetuação do poder e da fortuna, após o que se dispersaram e retiraram para as suas casas. Espalhou-se pela cidade a notícia de que o rei se casara com a rainha Šāhrazād e

proibira a opressão contra súditos. O povo ficou contente, rogando por ele e pela pessoa responsável por salvar suas filhas, que era Šāhrazād, a filha do vizir. O rei deu início aos preparativos para a festa de casamento e mandou chamar o seu irmão Šāhzamān, o qual, ao receber o emissário, aprontou-se e viajou até chegar à terra de Šāriyār, o mais velho, que saiu para recepciona-lo acompanhado de seus soldados, vizires, e dos principais do reino. A cidade foi engalanada da maneira mais bonita para a sua chegada, e os súditos queimaram incenso, âmbar com almíscar e aloés em todos os mercados e quarteirões, perfumaram-se com açafraão e tocaram tambores; gritaram enfim as intenções e as taças, foi um dia no qual os pensamentos ficaram perplexos. Quando subiram ao palácio, o rei ordenou que o banquete fosse servido; os pratos eram indescritíveis, e todos comeram: e rei Šāriyār e seu irmão, todos os vizires, líderes militares, secretários, delegados, notáveis do governo e líderes da comunidade, com toda a sua clientela. Após estes se saciarem, foram convidados a entrar e comer do banquete todos os súditos, que então acorrem de tudo quanto era lugar e hospedaria, e também eles comeram à saciedade. O rei deu prosseguimento às comemorações pelo período de sete dias, até que todo mundo se saciou; depois disso, ele se reuniu a sós com o seu irmão Šāhzamān e lhe relatou o que sucedera entre ele e Šāhrazād a filha do vizir, as biografias e belas histórias que lhe contara, com as ocorrências, casos e problemas vividos pelos reis, califas e soberanos sassânidas, bem como os dizeres, poesias e anedotas que ela o fizera ouvir. Sumamente espantado, o rei Šāhzamān estremeceu de êxtase e disse: “Meu irmão, eu quero me casar com a irmã dela, Dīnārzād, para que as duas irmãs fiquem com os dois irmãos”. Ao ouvir tais palavras do irmão, o rei mais velho, Šāriyār, ficou muito contente, levantou-se e imediatamente foi falar com sua esposa Šāhrazād para informa-la da concordância entre ele e o irmão, que desejava casar-se com a irmã dela, Dīnārzād. Šāhrazād lhe respondeu: “Se o seu irmão quer se casar com a minha irmã, ó rei, estabeleça-lhe como condição que não a afaste desse país, pois eu não aguento ficar longe dela e ela tampouco aguenta ficar longe de mim por muito tempo. Se ele aceitar essa condição, ela será dele”. Então o rei Šāriyār saiu de perto da esposa e foi até seu irmão Šāhzamān, informando o acordo proposto por sua esposa Šāhrazād. O irmão respondeu: “Era isso mesmo que eu tinha em mente, pois eu detesto ficar longe de vocês, e por esse motivo eu me incomodava muito. Já se prolongou demasiado a separação entre nós! Louvores a Deus, que nos reuniu antes que fosse tarde”.

E eles imediatamente mandaram convocar juízes e testemunhas, bem como os notáveis do governo, secretários, delegados e detentores de postos oficiais, e escreveram

o contrato de casamento das duas irmãs com os dois irmãos, na presença do pai de ambas, o vizir. Ordenaram que a cidade fosse engalanada, o que se cumpriu sem demorar, e presentearam o vizir com uma luxuosa vestimenta, algum dinheiro e pedras preciosas; em seguida, presentearam os juízes, as testemunhas, os notáveis do governo e os homens poderosos com vestimentas valiosas, e só então se deu o início à festa de casamento, após o que as esposas foram conduzidas ao banho público, onde as camareiras as enfeitaram com os mais belos enfeites, pentearam-lhes os cabelos, apararam-nos, expuseram-nas à melhor classe de incenso de aloés e almíscar com âmbar vestiram-nas com belas roupas e jóias luxuosas, cravejadas de pérolas e gemas reservadas somente aos reis e aos soberanos sassânidas. Cada um dos trajes tinha um manto bordado a ouro vermelho com desenhos de animais e aves, além de imagens cravejadas de rubi e esmeralda verde. Colocaram no pescoço de ambas colares valiosíssimos que nem Kisrà, nem Qaysar, nem Iskandar haviam possuído iguais, com grandes pedras que deixavam atônito o pensamento dos mais clarividentes; cada uma das jovens era mais resplandecente que o sol e a lua na noite em que se completa. As camareiras acenderam diante delas velas tão luminosas quando o ouro brilhante, cuja luz lhes iluminou as faces: ambas tinham olhos mais agudos que a espada desembainhada, os cílios das suas pálpebras enfeitiçavam os corações, faces rosadas, ancas, seios e cintura tinham a curvatura de um galho de árvore, e os olhos de gazela. Foram recepcionadas belas criadas e cantoras com instrumentos musicais e adufes. Depois, os dois reis também entraram no banho público, saíram e se instalaram em dois tronos de zimbro com lâminas de ouro e cravejados de várias espécies de pedras preciosas, pérolas e esmeraldas verde. Então chegaram as duas irmãs e pararam diante de ambos, que lhes contemplaram a beleza e formosura, sua bela imagem, as duas semelhando luas, Šāhrazād foi a primeira a ser conduzida para o desfile, num luxuoso traje vermelho. O rei mais velho Šāriyār, levantou-se e acompanhou o primeiro desfile; [as mentes dos homens e das mulheres ficaram atônitas, pois ela] era como disse um dos que a descreveram nestes versos:

“Sol em dunas como haste,
em rubra túnica ela surgiu:
a doce saliva de vinho sorvi
na taça de sua face, e
repousei”.

Disse o narrador: Em seguida, eles fizeram Dīnārzād desfilarem num traje azul bordado, o que a deixou como o plenilúnio quando aparece e exibiram-na diante do rei Šāhzamān, que ficou felicíssimo; quase desmaiando de êxtase e paixão, perdido de amores ao vê-la tal como disse a respeito dela um dos versos que a descreveram nestes versos:

“Ela surgiu num traje azul anil, da mesma cor do céu, contemplei o traje e vi lua de verão em noite de inverno”.

Em seguida, trouxeram Šāhrazād novamente e a fizeram desfilarem com o segundo traje excelente, vendando-lhe o rosto com os próprios cabelos e soltando-lhe tranças, ela estava tal como disse a seu respeito um dos que a descreveram nestes versos:

“Ai de quem lhe soltou o cabelo sobre o rosto;

por vida minha que me matou com tal opressão:

‘Cobres a manhã com a noite?’

Respondeu: ‘Não, mas cobri o plenilúnio com sombras, isto sim’”.

Em seguida fizeram Dīnārzād desfilarem com o segundo traje, depois o terceiro, depois o quarto, todos parecendo curvar-se de admiração, e ela foi surgindo como o sol nascente, tal como disse a respeito o poeta nestes versos:

“Sol que, quando aparece ao povo,

resplandece e cresce com belo mimo que o pudor aumenta;

quando ela desfilou vimos o amanhecer sorrindo,

e o sol da manhã entre as nuvens se escondendo.”

Disse o narrador: Em seguida fizeram Šāhrazād desfilar pela segunda, depois terceira, depois a quarta, depois a quinta vez, e ela parecia uma haste de bambu, uma gazela sedenta, de graciosa beleza, perfeita formosura e características, tal como disse a seu respeito o poeta superior:

“Surgiu como plenilúnio em noite ditosa,
pujante de membros e esbelta de talhe,
e olhos cuja beleza a todos cativa,
imitando os rubis com o rosado da face;
sobre as suas ancas balança o negro cabelo:
cuidado com as cobras de seus fios ondulados,
que se curvaram ao seu costado e ao coração;
mas seu amor é mais duro do que a pedra dura:
envia setas pelo olhar, por debaixo das pálpebras
que acertam, jamais erra, mesmo à distância”.

Disse o narrador: Em seguida, fizeram Dīnārzād desfilar pela quinta vez e depois pela sexta vez com um traje verde, e a sua beleza fez os horizontes se porem de pé e com o brilho da sua face ela encobriu a luz do plenilúnio; mostrando-se tal como a descreveu o poeta superior nestes versos:

“Uma garota tal como o sol da aurora,
que da sua própria face parece ter saído;
desfila agora envolta em túnica verde,
tal como as folhas que protegem a flor de romã.

Perguntei: ‘Qual o nome dessa vestimenta,’

e ela respondeu com palavras bem graciosas:

‘Como com ela rompemos a vesícula de muitos,

nós a chamamos das vesículas a destruidora”.

Disse o narrador: Depois fizeram a rainha Šāhrazād desfilar pela [sexta], sétima e oitava vez com um traje de jovens, que parecia curvar-se de admiração. Ela havia sequestrado o intelecto de todos e enfeitado com o olhar até os mais sagazes, balançando as costas e remexendo as ancas; com o cabelo jogado por cima do cabo da sua adaga, ela passou pelo rei Šāriyār, que ficou de pé para ela e a abraçou tal como um nobre abraça o conviva, e lhe prometeu, ao pé do ouvido, tudo de bom, recolhendo a adaga da mão dela, que neste sentido era como disse o poeta superior a seu respeito nos seguintes versos:

“Fosse a beleza dos efebos dobrada,

tal como sempre foi a das beldades,

as camareiras,

que cuidam da noiva,

lhes raspariam a barba da face rosada”.

Disse o narrador: Fizeram o mesmo com Dīnārzād diante do rei Šāhzamān, e quando terminou o desfile com os trajes e os presentes já estavam bem satisfeitos, e todos olhos e retinas já haviam apartado os casais, as duas irmãs retiraram aqueles trajes cheios de pedras preciosas, deixando-os em suas aposentos, e cada um dos reis possuiu a sua esposa: o rei Šāriyār a sua esposa Šāhrazāde, e o rei Šāhzamān a sua esposa Dīnārzād, cada qual se ocupando de sua amada. O coração dos súditos se tranquilizou, o país prosperou, e quando a manhã surgiu, iluminando com a sua luz e brilhando o vizir

foi vê-los e beijou o chão diante deles, rogando a perpetuação do seu poder e bem-estar e a eliminação da miséria e de rancor, sendo então dignificado e bem tratado.

Em seguida, os reis determinaram-lhe que se sentasse, e depois que comparecessem os demais vizires, os comandantes militares, os figurões, os membros da corte, os notáveis do governo e os maiorais do reino. Todos beijaram o solo diante dos dois reis, rogaram-lhes pela perpetuação do poder e longa vida, e ambos os presentearam com luxuosas túnicas de valor incalculável.

O vizir pai das rainhas foi nomeado governador de Samarcanda persa e toda a sua região, dali saindo deveras feliz e contente, após ter novamente beijado o chão e rogado por eles. Ele saiu da assembleia, acompanhado por batida de tambores e som de flautas, e precedido por soldados, peões e oficiais, dirigindo-se para casa; no dia seguinte [foi até as filhas, cumprimentou-as, despediu-se e elas lhe beijaram as mãos, ficaram contentes com o seu reino, e deram-lhe muito dinheiro e se despediram do pai] que então saiu da cidade e na companhia [dos dois reis] e de cinco notáveis do governo; deram-lhe dinheiro, jóias, e pedras preciosas, além de muitas outras coisas, e acamparam com ele durante três dias nos arredores da cidade, após o que os dois reis lhe ordenaram que se pusesse em marcha. Ele se despediu recomendando-lhes vivamente as filhas, e, depois de terem cavalgado ao seu lado por um dia inteiro, despediram-se e retornaram à cidade, juntamente com os soldados do séquito. O vizir prosseguiu com os seus próprios soldados e membros da comitiva, atravessando desertos e terras inóspitas por dias e noites, aproximando-se de tudo quanto era distante e deixando para trás tudo quanto era próximo. Quando enfim se aproximou de sua terra, enviou emissários para informarem os moradores da sua chegada, e então todos os notáveis do governo, pessoas importantes e governadores de cidades, vilas e pradas-fortes, seus representantes, os maiorais do país, enfim, todos saíram para recepcioná-lo, numa marcha de três dias, envoltos na mais insuperável das felicidades. A seguir, acompanharam-no até a capital, especialmente adornada para recebê-lo.

Igualmente contentes com a sua chegada, os súditos rogaram para ele uma vida longa, fazendo da sua chegada um dia magnífico. Em seguida conduziram-no ao palácio e o instalaram no trono do reino, pondo-se a servi-lo os chefes militares, os vizires, os notáveis do governo, as pessoas importantes, os governadores, os maiorais da cidade,

enfim, desde o grande até o pequeno. Rogaram que tivesse êxito e longevidade, e ficaram contentes que fosse ele o seu rei e governante.

Disse o narrador: No tocante ao rei mais velho, Šāriyār, e o seu irmão Šāhzamān, ambos, após a partida do sogro vizir, convocaram os principais do governo, as pessoas importantes, os dirigentes e governadores, dando-lhes túnicas e outros presentes e benesses. O rei Šāriyār dividiu o reino com o seu irmão Šāhzamān e, após entrarem em acordo, passaram a governar cada dia um. O coração dos súditos se alegrou com tal situação, bem como as suas esposas irmãs, e o amor entre eles se tornou perfeito e insuperável, e tão grande era que não suportavam estar separados uns dos outros. Os impostos sobre mercadores e viajantes foram revogados. Historiadores e copistas foram chamados para que escrevessem sobre o que sucedera no reino e todas as histórias, crônicas e anedotas que Šāhrazāde contara.